

Prof. Mestre Edilberto Sebastião Dias Campos

# **RELATÓRIO FINAL DO ESTUDO DIAGNÓSTICO**

DIRETORIA EXECUTIVA

**Jorge Alfredo Streit**

Presidente

**Luiz Carlos do Carmo**

Presidente

**Paulo César Machado**

Diretor-executivo de Gestão de Pessoas, Controladoria.  
E Logística

**Éder Marcelo de Melo**

Diretor Executivo de Desenvolvimento Social

FICHA TÉCNICA

**Edilberto Sebastião Dias Campos**

Historiador / Coordenador

GESTORES

**Alfredo Leopoldo Albano Júnior**

Secretário- Executivo  
Gerente de Comunicação e Mobilização Social

**Priscila Alves**

Turismóloga

**Fernando da Nóbrega**

**Bernardes**

Gerente de Monitoramento e Assessoramento Técnico  
de Projetos

**Cristina Avila**

Jornalista.

**Jefferson D'Ávila de Oliveira**

Gerente de Parcerias, Articulações e Tecnologia Social

**Ana Mendes**

Fotógrafa

**José Climério Silva de Souza**

Gerente de Finanças e Controladoria

**Yana Palonkof**

Revisão

**José Maurício Soriano Berçot**

Gerente de Tecnologia da Informação

**Cynthia Ribeiro**

Editoração

**Júlio Maria de Lima Caetano**

Gerente de Trabalho e Renda

**Lenira de Souza Santos Stringhetti**

Gerente de Pessoas e Infraestrutura

**Marcos Fadanelli Ramos**

Gerente de Educação e Cultura

FICHA CATALOGRÁFICA

**CAMPOS**, Edilberto S. Dias (coord.).

Relatório Final do Estudo Diagnóstico: o turismo nas comunidades Kalunga do Vão de Alma, Vão do Moleque e Engenho II – potencialidades, desafios, dificuldades e ações para o desenvolvimento do turismo cultural, rural e ecológico de base comunitária, sustentável e inclusivo. Brasília: Fundação Banco do Brasil (FBB) – Instituto para o Bem Estar do Funcionalismo Público (IBESP), 2011.

1) Diagnóstico turístico; 2) Kalunga; 3) Fundação Banco do Brasil; 4) Edilberto Campos.

## **Apresentação**

A Coordenação apresenta o **Relatório da execução do Projeto Cavalcante no quesito Diagnóstico das potencialidades, desafios e dificuldades encontradas para desenvolver o turismo nas comunidades quilombolas Engenho II, Vão de Alma e Vão do Moleque**, objeto do produto 1, conforme o plano de trabalho 06/10/2010.

Este relatório corresponde ao produto destinado a aferir os trabalhos realizados no Diagnóstico das potencialidades, desafios e dificuldades encontradas para desenvolver o turismo no Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, no município de Cavalcante-Goiás. A área do diagnóstico abrange as comunidades do Engenho II; Vão de Almas e Vão do Moleque, situadas na região da Chapada dos Veadeiros que é reconhecida como Patrimônio Natural Mundial da Unesco e Patrimônio Histórico e Cultural do Brasil.

A justificativa desse projeto pauta-se na constatação de essa região ter aproximadamente 90% da sua área ambiental preservada e na possibilidade de o segmento do ecoturismo auxiliar no desenvolvimento econômico da região de Cavalcante-GO. Além das belezas naturais, no município localiza-se grande parte o Sítio Histórico e Patrimônio Cultural da comunidade Kalunga, uma das suas principais riquezas ambientais e culturais de Cavalcante. Os Kalunga são a maior comunidade remanescente de quilombos do Brasil, com cerca de 6 mil habitantes, distribuídos em vinte grupos na área rural deste município.

Nesse sentido, o projeto tem por finalidade contribuir para o fortalecimento do turismo sustentável como a melhor alternativa de desenvolvimento para as comunidades Kalunga no município de Cavalcante-GO, garantindo a preservação e a conservação do meio ambiente e da cultura local, gerando oportunidades de renda, reconhecendo e valorizando o protagonismo no oferecimento de produtos e serviços específicos aos turistas.

O levantamento de dados e informações foi feito por meio de estudos documentais, entrevistas e um inventário contendo cerca de cinquenta perguntas que objetivaram identificar a estrutura de negócios e de entretenimento cultural, rural e ecológico existentes nas comunidades de remanescentes de quilombos de Vão do Moleque, Engenho II e Vão de Alma no município de Cavalcante -GO.

Por fim, os dados obtidos serviram de base para a composição deste relatório, do banco de dados e demais informações contendo os seguintes aspectos:

- o mercado de produtos e serviços local;
- as potencialidades turísticas dos territórios estudados;
- os desafios e as dificuldades encontradas; e
- ações propostas para desenvolver o turismo cultural, rural e ecológico nessas comunidades tradicionais de modo sustentável, contribuindo com a melhoria das condições de geração de emprego e renda dos moradores, preservando sua cultura e tradições, além de incentivar os jovens à criação de novas atividades econômicas locais.

Neste relatório do estudo diagnóstico, além das informações mais gerais para situar essas comunidades no tempo e no espaço, constam também os principais aspectos para a observação e a compreensão do potencial turístico do território Kalunga, tais como: vales; fontes de águas termais; rios; praias; corredeiras; cachoeiras; chapadões; *canyons*; mirantes; trilhas histórico-culturais e ecológicas; festas populares e religiosas; música; dança; artesanato; agricultura familiar; turismo rural; ecoturismo; turismo de aventura; turismo religioso; turismo de águas; turismo cultural, etc.

Todas essas informações são fundamentais para a avaliação e a intervenção dos atores locais envolvidos direta e indiretamente com o turismo local. Ou seja, o poder público, a iniciativa privada e a comunidade, com base nos dados colhidos e analisados, poderão optar pelas diretrizes do crescimento e do desenvolvimento do turismo local no sentido de auxiliar a execução de estratégias para o turismo sustentável.

Brasília, novembro/2011

---

**Prof. MSc. Edilberto Sebastião Dias Campos (coordenador)**

## Sumário

Apresentação.....	3
1    Introdução .....	8
2    Metodologia para o inventário turístico no Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga.....	10
2.1 <i>Ambientes externos do território Kalunga</i> .....	11
2.2 <i>Aspectos turísticos</i> .....	12
3    Fundamento conceitual .....	16
3.1 <i>Turismo</i> .....	16
3.2 <i>Turismo sustentável</i> .....	18
3.3 <i>Turismo inclusivo</i> .....	19
3.4 <i>Turismo regionalizado</i> .....	20
3.5 <i>Turismo de base comunitária</i> .....	21
4    Políticas de turismo.....	23
4.1 <i>Instrumentos da política de turismo responsável</i> .....	24
4.2 <i>Investimentos do governo federal em infraestrutura para o turismo</i> .....	24
4.3 <i>Política de turismo para o Centro-Oeste</i> .....	24
4.4 <i>Planejamento turístico para o Nordeste de Goiás</i> .....	27
4.4.1    Programa Nordeste Novo .....	27
4.4.2    Plano Estadual de Turismo.....	28
4.4.3    Prodetur/GO .....	29
4.4.4    Pdits – Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável.....	30
4.5    Projeto de Fomento ao Turismo nos Parques Nacionais e Entorno .....	35
4.5.1    Diagnóstico da oferta turística no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros.....	36
4.5.2    Questionamentos dos operadores de turismo .....	39
4.5.3    Considerações de participantes Kalunga.....	40
5    Turismo em Cavalcante-GO .....	44
5.1    Descrição do município de Cavalcante .....	45
5.1.1    Tendência atual: ecoturismo em Cavalcante.....	47
5.1.2    Atrativos turísticos do município .....	47
5.1.3    Monitoramento e planejamento do turismo em Cavalcante.....	48
5.1.4    Gestão participativa do turismo em Cavalcante.....	49
5.1.5    Política de turismo de Cavalcante .....	49

5.1.6	Diagnóstico socioeconômico de Cavalcante .....	51
6	Brasil quilombola .....	56
7	Contexto Kalunga .....	60
7.1	Aspectos históricos dos Kalunga .....	61
7.2	<i>Aspectos geográficos e ecológicos</i> .....	64
7.2.1	Localização do Sítio Histórico Kalunga .....	65
7.3	<i>Aspectos demográficos</i> .....	65
7.3.1	Cem comunidades ou agrupamentos Kalunga .....	66
7.4	<i>Aspectos econômicos</i> .....	66
7.4.1	A roça .....	67
7.4.2	Produtos .....	67
7.4.3	Comércio: escambo e farinha como elemento de troca simbólica .....	67
7.4.4	Riquezas minerais .....	68
7.4.5	Potencial agropastoril .....	69
7.5	<i>Aspectos socioculturais</i> .....	69
7.6	<i>Aspectos políticos e fundiários</i> .....	69
7.7	Gestão ambiental no território Kalunga .....	74
8	Potencial turístico do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga em Cavalcante-GO .....	75
8.1	<i>Vão do Moleque (ou Muleque)</i> .....	76
8.2	<i>Vão de Alma (ou de Almas)</i> .....	77
8.3	<i>Engenho II</i> .....	77
8.4	<i>Infraestrutura de apoio ao turismo</i> .....	81
8.5	<i>Serviços e equipamentos turísticos</i> .....	86
8.6	<i>Atrativos turísticos potenciais</i> .....	88
9	Sondagem com visitantes no Engenho II .....	98
10	Dificuldades e desafios para o turismo eco-histórico sustentável no Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga .....	103
11	Ações propostas .....	106
11.1	<i>Ações sugeridas por membros da comunidade Kalunga</i> .....	106
11.2	<i>Propostas dos Kalunga para o desenvolvimento do turismo cultural</i> .....	109
11.3	<i>Propostas dos Kalunga para o desenvolvimento do turismo rural</i> .....	110
11.4	<i>Propostas dos Kalunga para o desenvolvimento do ecoturismo</i> .....	111
11.5	<i>Ações sugeridas pela equipe do diagnóstico</i> .....	112
12	Considerações finais .....	114
13	Referências .....	122

13.1	<i>Bibliografia</i> .....	122
13.2	<i>Sítios na internet</i> .....	124
13.3	<i>Legislação</i> .....	124
14	<i>Anexos</i> .....	125
14.1	<i>NOTÍCIA: Projeto Kalunga: Diagnóstico Situacional das Comunidades do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga (SHPCCK)</i> .....	125
14.2	<i>Agetur apresenta Cavalcante</i> .....	127
14.3	<i>Notícia sobre o Projeto de Fomento ao Turismo nos Parques Nacionais e Entorno</i> .....	128
14.4	<i>Relatório de visita ao Vão de Alma</i> .....	130
14.5	<i>Relatório da visita ao Vão do Moleque</i> .....	133
14.6	<i>Reunião em Cavalcante com representantes das comunidades do Vão do Moleque</i> .....	139
14.7	<i>Reuniões no Engenho II para levantar sugestões para o desenvolvimento do turismo sustentável.</i> .....	140
14.8	<i>Esquema para orientar o Relatório do Diagnóstico</i> .....	156

## 1 Introdução

Neste estudo diagnóstico abordamos a nascente economia do turismo eco-histórico sustentável nas comunidades Kalunga<sup>1</sup> no Engenho II, no Vão de Alma e no Vão do Moleque, no contexto das transformações sociais e culturais vivenciadas atualmente em razão da abertura do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural para uma nova relação com o município de Cavalcante, com o Estado de Goiás, com o Brasil e com o mundo. Trata-se da concretização de um dos objetivos específicos do Projeto Diagnóstico, Assessoria, Capacitação e Divulgação do Potencial Turístico de Cavalcante, com inserção nas comunidades quilombolas, realizado em 2011 por iniciativa da Fundação Banco do Brasil (FBB), em parceria com o Instituto Brasília para o Bem-Estar do Servidor Público (Ibesp) e o Instituto Universitas.

A área física delimitada para este estudo diagnóstico compreende a parte do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga localizado na zona rural do município de Cavalcante, ao norte da Chapada dos Veadeiros, em Goiás. Trata-se das comunidades Vão de Almas, Vão do Moleque e Engenho II.

O enfoque adotado orienta-se para o turismo eco-histórico sustentável, objetivando realizar um inventário diagnóstico da estrutura atual de negócios e de entretenimento existente nas comunidades Engenho II, Vão de Alma e Vão do Moleque, propiciando dados e informações estratégicas para exploração do turismo cultural, rural e ecológico de modo sustentável. Desse modo, espera-se contribuir para o desenvolvimento econômico e social nos territórios Kalunga, ampliando o potencial turístico local, incentivando a conservação e a gestão das belezas naturais, evitando a perda da identidade cultural e melhorando a renda familiar nas comunidades tradicionais.

Este estudo justifica-se por vários motivos. Primeiramente, pelo fato de o turismo eco-histórico sustentável ser a grande oportunidade para o desenvolvimento econômico do município de Cavalcante-GO e das comunidades Kalunga, onde a natureza ainda está bastante preservada. Mais importante ainda é a preservação do patrimônio cultural de uma comunidade originada da vitória daqueles que resistiram

---

<sup>1</sup> “Atualmente, substitui-se a denominação genérica Kalunga por Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga” (ANJOS, 2006, p. 123).

bravamente à escravidão no Brasil. Os Kalunga são a maior comunidade remanescente de quilombos do Brasil, distribuídos em cerca de cem grupos nas áreas rurais dos municípios localizados ao Norte do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros.

A importância da realização desse inventário para diagnóstico da oferta turística no território Kalunga decorre de várias necessidades, tais como: (1) obter informações de qualidade e de confiança para o planejamento; (2) contribuir para o uso adequado das potencialidades turísticas da região; (3) orientar o uso dos recursos públicos, evitando a sobreposição de ações; e (4) conhecer as características e a dimensão da oferta de produtos turísticos e as iniciativas da comunidade para o desenvolvimento do turismo de modo sustentável. O propósito é disponibilizar dados e informações confiáveis sobre a oferta turística no Engenho II, no Vão de Almas e no Vão do Moleque.

Trata-se de uma análise estruturada de potencialidades, deficiências, pontos críticos, estrangulamentos, necessidades de ajustes entre a oferta e a demanda local. Essas informações são importantes também para a elaboração de roteiros turísticos, dinamizando o uso dos atrativos atuais e ampliando o potencial turístico da região. Dessa maneira, os dados e as informações obtidos servirão para diversos atores, quais sejam: (1) comunidades Kalunga; (2) órgãos do poder público nos níveis municipal, estadual e federal; (3) organizações da iniciativa privada operadoras de turismo, com ou sem fins lucrativos; (4) pesquisadores; e (5) turistas.

O propósito é contribuir para o fortalecimento do turismo nas comunidades Kalunga do município de Cavalcante como a melhor alternativa de desenvolvimento econômico, garantindo a preservação do meio ambiente, respeitando a cultura e gerando oportunidades de renda. Contudo, reconhecendo e valorizando o protagonismo local no oferecimento de produtos e serviços específicos, considerando as diretrizes da Política Nacional de Turismo. O que deve ser alcançado por meio de ações práticas visando ao turismo sustentável, levando em conta a necessidade da gestão consciente do uso comercial das belezas naturais, evitando a perda da identidade cultural e melhorando a geração de empregos e a renda familiar e incentivando os jovens para a criação de novas atividades econômicas locais.

## 2 Metodologia para o inventário turístico no Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga

Desde a primeira gestão do governo Lula, inventários desse tipo estão sendo realizados em todo o país estimulados pelo Programa de Regionalização da Oferta Turística. Essa atividade busca o levantamento, a identificação e o registro dos atrativos e dos serviços turísticos e dos equipamentos e infraestrutura de apoio ao turismo, a fim de servir como base de informações para o planejamento e a gestão dessa atividade de modo sustentável<sup>2</sup>.



*Rancho de Farinha no Engenho II*  
*Foto Joel Lemos*

Sendo assim, para a realização deste estudo diagnóstico, por iniciativa da Fundação Banco do Brasil, foram adotadas as orientações técnicas constantes do *Manual do pesquisador* oferecido pelo Projeto Inventário da Oferta Turística. Segundo o *Manual*, o levantamento de informações compreende duas frentes de trabalho bem distintas: (1) pesquisa bibliográfica e documental; e (2) pesquisa de campo, orientando-se para o atendimento da necessidade de informações e dados para responder às seguintes indagações:

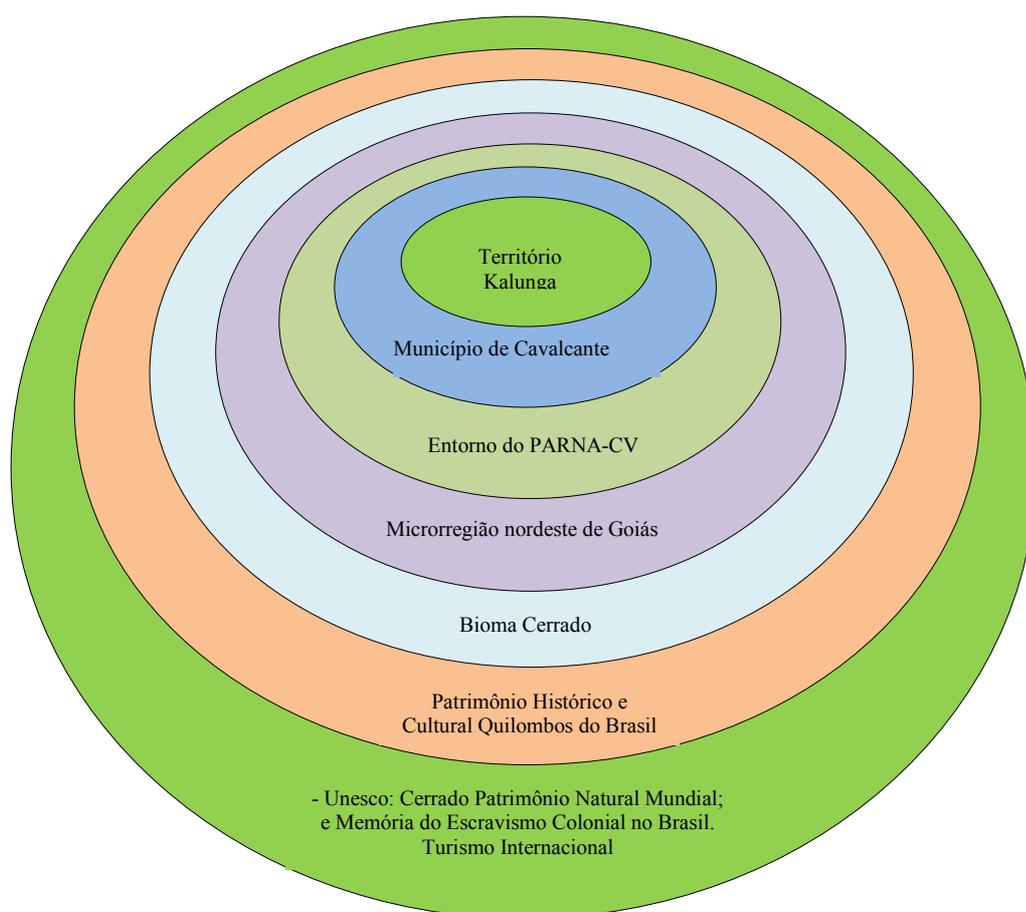
- Como se caracteriza a oferta turística no Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga no Engenho II e nas comunidades do Vão de Almas e do Vão do Moleque?
- Quais as deficiências, os pontos críticos, os estrangulamentos, as necessidades de ajustes entre a oferta e a demanda local?
- Qual o significado econômico do turismo e seu efeito multiplicador no desenvolvimento sustentável das comunidades Kalunga nos contextos municipal, regional, estadual, nacional e global?

---

<sup>2</sup> Disponível em: <<http://www.inventario.turismo.gov.br/invtur/jsp/formularios/>>. Acesso em: 26/05/2011.

Desse modo, as informações levantadas servirão de base para o poder público, para operadores de turismo da iniciativa privada e para projetos de organizações não governamentais interessadas em apoiar as comunidades. Antes, porém, essas informações servirão aos próprios Kalunga para que eles formulem sua política de turismo e realizem seus próprios negócios, conforme sua realidade e seu interesse em receber visitantes. Para isso devem-se levar em conta as diretrizes do Plano Nacional do Turismo (PNT), com a participação dos governos federal, estadual e municipal, visando à redução de desigualdades sociais, à geração e à distribuição de renda, à geração de empregos e ocupação. Deve ser especialmente considerado o desenvolvimento do turismo de base comunitária nas comunidades quilombolas Kalunga, descrito mais adiante na parte de Contextualização, considerando os seguintes ambientes sistêmicos externos ao território do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga:

### 2.1 *Ambientes externos do território Kalunga*



## 2.2 Aspectos turísticos

As informações turísticas foram levantadas com a utilização dos formulários oferecidos pelo *Manual do pesquisador*, do Prodetur, os quais estão estruturados de acordo com três componentes: (1) infraestrutura de apoio ao turismo; (2) serviços e equipamentos turísticos; e (3) atrativos turísticos, compreendendo diversas categorias de análise descritiva, conforme apresentado no quadro seguinte:

<b>Quadro _1___ – Estrutura descritiva do diagnóstico turístico</b>		
<b>Dimensão</b>	<b>Descrição</b>	<b>Categorias</b>
<b>Infraestrutura de apoio ao turismo</b>	Conjunto de obras, de estrutura física e serviços, que proporciona boas condições de vida para a comunidade e dá base para o desenvolvimento da atividade turística.	<ul style="list-style-type: none"><li>• Sistemas de transporte.</li><li>• Energia elétrica.</li><li>• Serviço de abastecimento de água.</li><li>• Arruamento.</li><li>• Sistema de comunicação.</li><li>• Sistema educacional, etc.</li></ul>
<b>Serviços e equipamentos turísticos</b>	Conjunto de serviços, edificações e instalações indispensáveis ao desenvolvimento da atividade turística e que existem em função desta.	Compreendem os serviços e os equipamentos de: <ul style="list-style-type: none"><li>• hospedagem;</li><li>• alimentação;</li><li>• agenciamento;</li><li>• transportes.</li></ul>
<b>Atrativos turísticos</b>	Locais, objetos, equipamentos, pessoas, fenômenos, eventos ou manifestações capazes de motivar o deslocamento de pessoas para conhecê-los.	<ul style="list-style-type: none"><li>• Paisagens.</li><li>• Trilhas.</li><li>• Rios.</li><li>• Lagos.</li><li>• Cachoeiras.</li><li>• Festas.</li><li>• Gastronomia.</li><li>• Religiosidade.</li></ul>

Este diagnóstico buscou levantar também os dados e as informações acerca do planejamento governamental nos três níveis e as tendências do mercado de serviços e produtos turísticos do entorno do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, além do potencial turístico específico do território Kalunga. Esse potencial é caracterizado por uma grande variedade de atrativos naturais e culturais desconhecido, inexplorado e perfeitamente preservado, tais como: fauna; flora; vales; fontes de águas termais; nascentes, quedas d'água, córregos e rios de pequeno, médio e grande porte; praias fluviais; corredeiras; cachoeiras; chapadões; *cannyons*; mirantes; trilhas histórico-culturais

e ecológicas; festas populares e religiosas; música; dança; artesanato; agricultura familiar; turismo rural; ecoturismo; turismo de aventura; turismo religioso; turismo de águas; turismo cultural, etc.

Primeiramente, a coordenação-geral e toda a equipe técnica realizaram as atividades administrativas do projeto com vistas ao planejamento do trabalho e ao agendamento das atividades específicas. A partir de então foi iniciada a **Primeira Fase** da pesquisa, com o levantamento de documentos e referências bibliográficas sobre os Kalunga e outros projetos ligados ao turismo no local da pesquisa. Dentre esses merece destaque o Projeto Observatórios para o Turismo Sustentável em Cavalcante, realizado pela Fundação Banco do Brasil em parceria com o Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília (CET/UnB).

Na **Segunda Fase – Trabalho de Campo**, para o levantamento de dados e informações foram escolhidos dois instrumentos de pesquisa, além das entrevistas não estruturadas: os formulários de referência para o Inventário da Oferta Turística do Ministério do Turismo e uma adaptação do questionário Pesquisa do Perfil, Satisfação do Turista e Monitoramento da Atividade Turística em Cavalcante, utilizada anteriormente pelo CET/UnB.

O contato direto com os atores locais – poder público, gestores da iniciativa privada, comunidade local, lideranças comunitárias – aconteceu em quatro momentos: (1) na semana do Carnaval 2011; (2) nos dias seguintes à Semana Santa 2011; (3) no último fim de semana do mês de julho; e (4) de 7 a 15 de outubro. Além das entrevistas, foram recolhidos nessas oportunidades materiais informativos (*folders*, guias turísticos, revistas, livros, dentre outros) para o conhecimento de aspectos da comunidade local. Nas reuniões com alguns atores locais discutiu-se o trabalho de modo geral, planejando a execução de atividades específicas, que foram iniciadas no Centro de Atendimento ao Turista de Cavalcante, com o apoio do Sr. João Lino, na época secretário de Turismo, e no Engenho II, com a prestimosa atenção do guia turístico Sr. Jovino, e do presidente da Associação Quilombo Kalunga, Sr. Sirilo dos Santos Rosa.

No início de março de 2011, as chuvas dificultaram o acesso ao Vão de Alma e ao Vão do Moleque. Assim, a primeira visita realizada para o trabalho de campo, no decorrer dos primeiros dias, concentrou-se na Comunidade do Engenho II, onde foram entrevistados líderes que estavam presentes ou de passagem pelo local. Nessa oportunidade, foram entrevistados também cerca de cinquenta visitantes, com aplicação do questionário de

sondagem sobre o perfil dos visitantes da comunidade Kalunga do Engenho II no Carnaval de 2011, o que teve continuidade na Semana Santa.

Com o Sr. Jovino (guia contratado para acompanhar o pesquisador) e o sr. Sirilo dos Santos Rosa (presidente da Associação Quilombo Kalunga) foi possível colher informações sobre parcerias e projetos governamentais e não governamentais. Também, se conseguiu o encaminhamento para realizar entrevistas com lideranças do Vão de Alma e do Vão do Moleque.

Cabe destacar o relato de Izabel Francisco Maia (Bel) sobre a experiência de planejamento participativo em curso na comunidade que visa à elaboração de um Plano para o Desenvolvimento Turístico Kalunga. Devido a essa informação, a entrevistada foi convidada a participar de maneira mais engajada nesta pesquisa diagnóstica, a fim de facilitar a obtenção de informações na comunidade e contribuir com as tarefas de contatar lideranças Kalunga e mobilizar participantes para entrevistas e reuniões.

<b>Quadro 2__ – Lideranças contatadas no Engenho II</b>		
<b>Nome</b>	<b>Função</b>	<b>Contato</b>
1. Cezariano Paulino da Silva (Cezário)	Pastor evangélico	(62) 9605-2952
2. Elmar Aguiar de Sousa (Mazinho),	Presidente da Associação Kalunga Comunitária do Engenho II	(62) 9615-1184 / 9615-1167
3. Izabel Francisco Maia (Bel),	Presidente da Associação de Guias	(62) 9654-9921.
4. José Preto, esposo de d. Belina		
5. Jovino	Guia e professor de música tradicional	
6. Sionilio (Si)	Liderança e ex-presidente interino da Associação Kalunga de Cavalcante	
7. Sirilo dos Santos Rosa	Presidente da Associação Quilombo Kalunga	

<b>Quadro 3__ – Lideranças contatadas no Vão de Alma</b>		
<b>Nome</b>	<b>Função</b>	<b>Contato</b>
1. Anísio Pereira Dias	Agente comunitário de saúde	(62) 9993-1754 (62) 9614-8565 (Residência à noite) (61) 9605-6196
2. Apolinário (Pulu)		
3. Calisto	Guia Kalunga	(62) 9639-2372
4. Divani Francisco da Conceição	Solicita oportunidade de participação em pesquisas	(62) 9805-4653
5. Dona Quintina Fernando de Castro	Zeladora da escola na barra do rio das Almas (rio Branco) no rio Paranã	Esposa do Zezinho
6. Ester Kalunga (Esterina)	Projeto de Memorial Kalunga	(61) 9656-4669
7. José Moreira dos Santos (Zezinho)	Guia Kalunga	(62) 9905-9981 / 9951-9295
8. Valdemar	Treinador do time de futebol do Vão de Alma	(61) 9604-3741

	Raça Kalunga, que disputa o campeonato de Cavalcante há vários anos	
9. Zilmar dos Santos Rosa	Agente comunitário de saúde	(62) 9612-7615

<b>Quadro 4 – Lideranças contatadas no Vão do Moleque</b>		
<b>Nome</b>	<b>Função</b>	<b>Contato</b>
1. Abel Maia dos Santos	Fazenda Malhadinha	(62) 9912-6317
2. Alaildes dos Santos Rosa	Liderança da Fazenda Malhadinha <sup>3</sup> . Entrevista agendada que não aconteceu	(62) 9905-7648
3. Amiran Manoel dos Santos Borges	Fazenda Capela. Guia Kalunga	(61) 9909-2169
4. Danilo Antonio Ferreira	Fazenda Capela	(62) 9613-7904
5. Domingos Pereira dos Santos		(62) 9655-0950
6. Dona Santina	Fornecimento de refeições para visitantes e Kalungas em trânsito na estrada do Vão do Moleque	(62) 9655-0950
7. Florentino	Presidente da Associação Kalunga de Cavalcante (AKC). Entrevista agendada que não aconteceu	
8. Francisco Pereira Soares	Fazenda Maiadinha	(62) 9663-4208
9. Gilmar dos Santos Rosa	Correntão	(62) 9802-8514
10. Isamel	Entrevista agendada que não aconteceu	
11. Jedson Cardoso da Conceição e sua esposa Odalice Carvalho de Sousa	Agricultores familiares. Fazenda Morro, no Vão do Morro (posse)	
12. Joaquim Moreira Santos (Muchila)	Liderança da Fazenda Maiadinha	(62) 9987-0983
13. José Sousa Ribeiro	Fazenda Redenção	(61) 9936-3390
14. Lucilene dos Santos Rosa	Ex-secretária da Secretaria Municipal da Igualdade Racial. Hoje, gerente de Projetos Intersetoriais e Comunidades Tradicionais/Semira/governo de Goiás. Está organizando o Encontro de Cultura Negra de Cavalcante	(62) 3201-5392 <a href="mailto:lucilenekalunga@gmail.com">lucilenekalunga@gmail.com</a>
15. Reinaldo dos Anjos Sousa	Professor municipal no Vão do Moleque, estudante da UnB e guia Kalunga	(62) 9992-6624, <a href="mailto:reiledoc@gmail.com">reiledoc@gmail.com</a>
16. Vilmar da Prata	Professor contratado pela Prefeitura de Cavalcante para escolas do Vão do Moleque. Estudante da UnB. Guia Kalunga	<a href="mailto:vilmarquiak@yahoo.com.br">vilmarquiak@yahoo.com.br</a>

A última fase da pesquisa compreendeu a estruturação e a análise das informações levantadas, a complementação do levantamento e estudos de documentos e bibliografia sobre o tema junto a organizações governamentais e não governamentais. O encerramento dá-se pela redação deste Relatório Final de modo participativo, incluindo as sugestões de membros das comunidades Kalunga.

<sup>3</sup> Os Kalunga pronunciam Maiadinha.

### 3 Fundamento conceitual

Para a compreensão da realidade do turismo no Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, foram destacados alguns conceitos eleitos como instrumentais teóricos adequados, conforme as tendências atuais dos estudos acadêmicos e as abordagens das políticas governamentais nos níveis federal, estadual e municipal. Quanto a esse aspecto, cabe notar a grande mudança de abordagem das políticas de turismo estudadas, as quais se voltam mais para o fortalecimento dos pequenos empreendimentos, tirando o foco dos grandes negócios para comercialização de produtos padronizados. Nesse novo contexto teórico, ganham força as propostas de turismo de base comunitária como uma ideia integradora de diversas preocupações acerca da adequação dessa atividade econômica à realidade brasileira. Além do turismo de base comunitária, nessa parte do estudo são descritos, de modo sumário, os seguintes conceitos: turismo; turismo sustentável; turismo inclusivo; e turismo regionalizado. Tendo em vista a aplicação desses instrumentais teóricos nos municípios, listamos, ao final, os instrumentos da política de turismo responsável.

#### 3.1 Turismo

O conceito de turismo considera a ocorrência de diferentes atividades, tais como: transporte; hospedagem; alimentação; e recreação, podendo estas resultar em consequências boas e ruins para as pessoas diretamente envolvidas e para toda a comunidade, conforme destacado a seguir:



*Abrigo na roça de arroz – vista externa*  
*Foto Ana Mendes*

São benéficos, por exemplo, a geração de renda (o dinheiro que a comunidade adquire por meio da venda de produtos e serviços ao turista), a criação de novos

empregos e as melhorias na infraestrutura local em consequência dos investimentos realizados.

Por outro lado, o turismo também pode trazer problemas sérios, como prejuízos ao meio ambiente e desgaste da infraestrutura na comunidade visitada, descaracterização da cultura local e vazamento de renda – se os ganhos decorrentes da atividade turística não forem reinvestidos na região.

Por isso, tem de ser desenvolvido com planejamento, acompanhamento e avaliação das atividades, além de regulamentação dos processos que envolvem esse desenvolvimento. Dessa forma, garante-se sustentabilidade ambiental, cultural, econômica e social à localidade que recebe os turistas (CET/UnB – FBB, 2009, p. 11).

A Política Nacional de Turismo considera esta atividade econômica algo “multifacetado”, isto é, tem várias dimensões que se inter-relacionam de muitos modos possíveis, combinando diversos setores da economia. Com base nessa



*Abrigo na roça de arroz – vista interna*

*Foto Ana Mendes*

compreensão, o Plano

Nacional de Turismo

2007-2010 propõe a

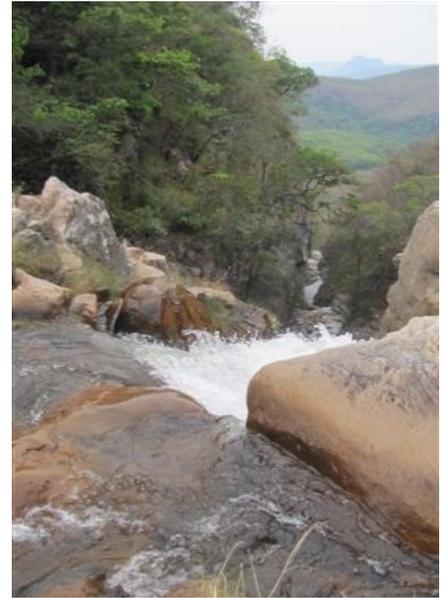
formulação de propostas de ação Inter setoriais, integrando todas as esferas do poder público em parceria com a iniciativa privada, para que os recursos turísticos, transformados em produtos turísticos, propiciem o desenvolvimento sustentável, com a valorização e a proteção do patrimônio natural e cultural e o respeito às diversidades regionais. Desse modo, a proposta brasileira para o desenvolvimento da economia do turismo corresponde também ao que é defendido pela Organização Mundial do Turismo desde 1999, segundo a qual o turismo sustentável pode ser definido como “a atividade que satisfaz às necessidades socioeconômicas das regiões receptoras, enquanto a integridade cultural, a integridade dos ambientes naturais e a diversidade biológica são mantidas para o futuro” (BRASIL, 2009, p. 89).

### 3.2 Turismo sustentável

Neste estudo, considerou-se o conceito de turismo sustentável já adotado pela Fundação Banco do Brasil e o entendimento constante da Política Nacional de Turismo proposta pelo governo federal para o período de 2007-2010.

Um dos desafios assumidos pela Fundação Banco do Brasil nas últimas décadas é construir caminhos e soluções para o desenvolvimento sustentável, valorizando a cultura e contribuindo para as transformações sociais, tendo como foco o investimento em tecnologias sociais de educação e

de geração de trabalho e renda. Em 2008, uma das suas iniciativas foi a criação dos Observatórios para o Turismo Sustentável em Cavalcante e Cristalina, considerando que o turismo contribui para a redução da pobreza e da desigualdade, com o emprego de mão de obra pouco qualificada e de baixa renda, para atender um público de maior poder aquisitivo. Para isso, o turismo sustentável deve ser entendido sob os enfoques econômico-social e cultural do seguinte modo:



*Cachoeira Capivara no Engenho II*

*Foto Joel Lemos*

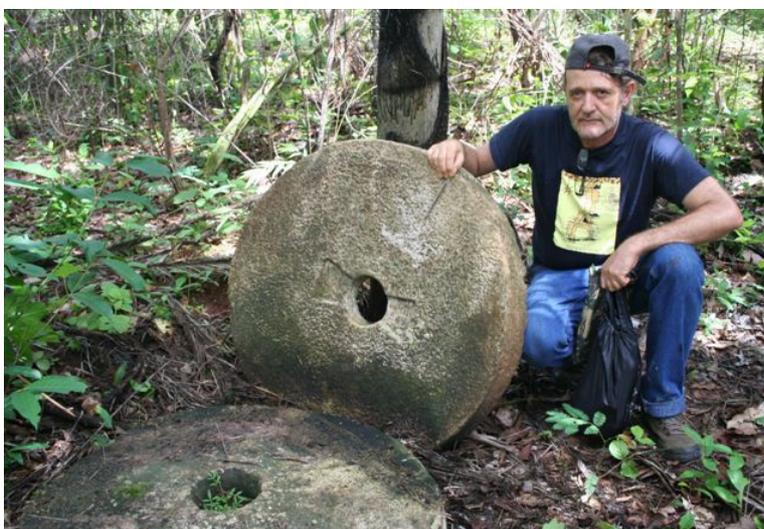
Quando falamos em **sustentabilidade econômico-social** nos referimos à forma como uma comunidade se organiza para garantir que a renda obtida por meio da atividade turística seja gasta na própria localidade ou região, multiplicando os ganhos, gerando empregos e promovendo a inclusão social e produtiva dos moradores. São comuns casos em que, com o crescimento do movimento turístico, a comunidade perde qualidade de vida, a infraestrutura local se deteriora, cresce a poluição sonora e ambiental, os preços aumentam... Quando isso acontece, a sustentabilidade ambiental dessa comunidade está ameaçada. Para garanti-la, é importante regulamentar as visitas, treinar guias e fazer campanhas de conscientização de residentes e de turistas para o uso racional dos recursos naturais da região.

**Sustentabilidade cultural** é a garantia de que os valores culturais e artísticos da região visitada não serão perdidos com o aumento do número de turistas. É fundamental que a cultura local seja não só preservada, mas também valorizada, inclusive como atrativo turístico. Ao divulgar suas músicas, danças, comidas e fatos históricos e culturais, a comunidade se beneficia e preserva sua identidade (FBB, 2009, p. 12).

Condizente com esses entendimentos adotados pela FBB e pelo PNT 2007-2010, este estudo diagnóstico do potencial turístico do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga orienta-se para o enfoque da sustentabilidade do turismo, com base na gestão consciente do uso comercial dos atrativos naturais, sem prejuízos para a identidade cultural, ampliando a oferta de trabalho e estimulando novas atividades econômicas e a melhoria da renda familiar nas comunidades do Engenho II, Vão de Almas e Vão do Moleque<sup>4</sup>. Assim, o mercado do turismo é considerado uma combinação de atividades, serviços e indústrias oferecidos às pessoas que viajam ao território (IGNARRA, 2003 apud SILVA; SANTOS, s/data).

### 3.3 *Turismo inclusivo*

Desde o ano de 2003, o governo brasileiro tem como modelo de desenvolvimento a conjugação das forças da economia de mercado com a distribuição de renda e a redução das desigualdades, integrando os campos econômico, social, cultural e ambiental. Como parte do



*Pedras Mós do Engenho II  
Foto Ana Mendes*

Programa de Aceleração do Crescimento, o Plano Nacional de Turismo 2007/2010 objetiva desenvolver o produto turístico brasileiro com qualidade, contemplando as diversidades regionais, culturais e naturais, estimulando o desenvolvimento e a inclusão social, como esclarece o trecho seguinte:

O turismo no Brasil contemplará as diversidades regionais, configurando-se pela geração de produtos marcados pela brasilidade, proporcionando a expansão do mercado interno e a inserção efetiva do país no cenário turístico mundial. A criação de emprego e ocupação, a geração e distribuição de renda, a redução das desigualdades sociais e regionais, a promoção da igualdade de oportunidades, o respeito ao meio ambiente, a proteção ao patrimônio histórico e cultural e a geração de divisas sinalizam o horizonte a ser alcançado pelas ações estratégicas indicadas (BRASIL, PNT 2007/2010).

<sup>4</sup> Na linguagem autóctone a pronúncia é “Muleque”.

Na perspectiva anterior, as ações governamentais no setor do turismo promoveram um grande salto de qualidade turística do país no mercado internacional, além do fortalecimento do mercado interno. Para os próximos anos, o PNT tem como objetivo melhorar a infraestrutura do turismo nacional, definindo e preparando 65 destinos para ampliar ainda mais as ações do turismo de inclusão social.

Chegou a vez do turismo de inclusão. Uma inclusão na mais ampla acepção da palavra: inclusão de novos clientes para o turismo interno, inclusão de novos destinos, inclusão de novos segmentos de turistas, inclusão de mais turistas estrangeiros, inclusão de mais divisas para o Brasil, inclusão de novos investimentos, inclusão de novas oportunidades de qualificação profissional, inclusão de novos postos de trabalho para o brasileiro. Inclusão para reduzir as desigualdades regionais e para fazer do Brasil um país de todos (PNT 2007/2010).

### *3.4 Turismo regionalizado*

No Plano Nacional de Turismo (2007-2010), a estratégia do governo federal para o turismo brasileiro reconhece a carência de infraestrutura de apoio para que esse setor se desenvolva com qualidade e sustentabilidade, incluindo aspectos de acessibilidade e de saneamento ambiental, o que envolve ações transversais articuladas com os poderes públicos nos níveis municipal e estadual para a gestão descentralizada e compartilhada. Nesse sentido, há sete anos os Programas Regionais de Desenvolvimento do Turismo (Prodetur) levam em conta a importância da participação do Conselho Nacional, dos Fóruns Estaduais e dos parceiros privados para o crescimento descentralizado do turismo no Brasil (PNT 2007-2010):

O Ministério do Turismo lançou, em abril de 2004, o Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil, apresentando ao país uma nova perspectiva para o turismo brasileiro por meio da gestão descentralizada, estruturada pelos princípios da flexibilidade, articulação e mobilização. Um dos objetivos do Programa de Regionalização é a desconcentração da oferta turística brasileira, localizada predominantemente no litoral, propiciando a interiorização da atividade e a inclusão de novos destinos nos roteiros comercializados no mercado interno e externo. A regionalização propõe a ampliação das ações centradas nas unidades municipais (BRASIL, PNT 2007/2010).

Na perspectiva do Prodetur, que conta com recursos financeiros do Banco Interamericano de Desenvolvimento, o turismo sustentável e integrado depende do fortalecimento da gestão municipal por meio de várias ações e instrumentos, tais como: planos diretores; capacitação profissional e empresarial; estudos de mercado turístico;

planos de gestão ambiental; planos de *marketing*; melhoria da infraestrutura de transporte, de saneamento ambiental, de conservação de patrimônio histórico e outras.

Em função disso, o Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil realiza o projeto Planejamento e Gestão do Turismo Regional, abrangendo 59 regiões que abrigam 65 destinos prioritários, capacitando liderança regional e qualificando recursos humanos para a elaboração dos Planos Estratégicos de Desenvolvimento do Turismo Regional e dos Planos de Ação por município, dentre outras ações (Brasil, 2011).

O Programa de Regionalização do Turismo mapeou duzentas regiões turísticas no país por meio de um trabalho articulado com os órgãos e Fóruns Estaduais de Turismo e selecionou os roteiros e regiões que apresentam condições de serem trabalhados para adquirir um padrão de qualidade internacional de mercado (PNT 2007/2010).

[...] destacam-se 65 destinos turísticos que induzirão o desenvolvimento nos respectivos roteiros e regiões turísticas em todas as unidades federadas. Esses destinos devem ser trabalhados, até 2010, para servir de modelos indutores para o desenvolvimento turístico-regional. Suas experiências e práticas exitosas devem ser multiplicadas para outros destinos que integram as regiões turísticas do país (PNT 2007/2010).

### 3.5 *Turismo de base comunitária*

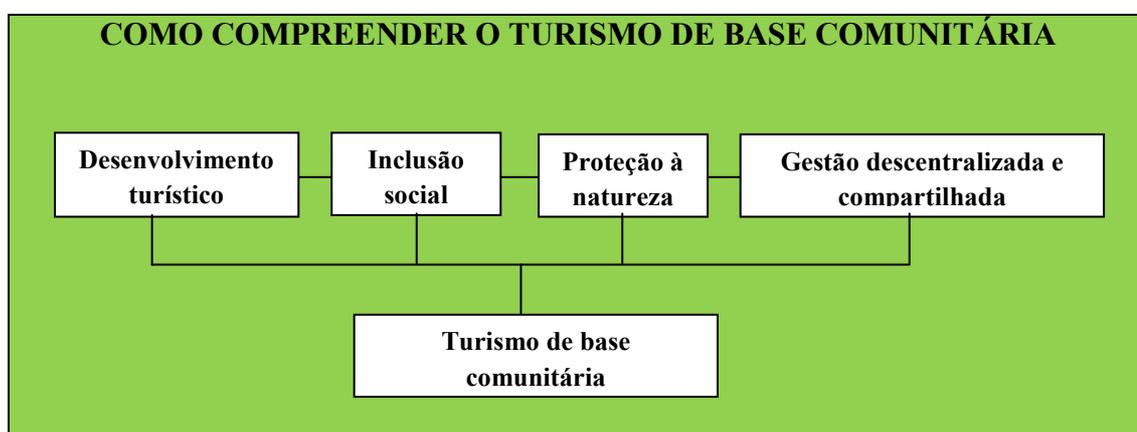
Nas entrevistas realizadas no Engenho II, no Vão do Moleque e no Vão de Alma, foi possível notar que existe nas lideranças Kalunga de Cavalcante o desejo de maior protagonismo no processo de transformação que está acontecendo na comunidade. Assim, pode-se afirmar que há um encontro favorável da proposta da Política Nacional de Turismo, que busca a regionalização dessa atividade econômica sob a ótica da sustentabilidade e da inclusão, com a efetiva participação de moradores do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, condizente com o propósito do “turismo de base comunitária”.

Diante de tantas críticas às políticas hegemônicas emerge o turismo de base comunitária, uma resposta que pode apontar caminhos profícuos para uma nova proposta de política de fomento turístico (BARTHOLO; SAN SOLO; BURSZTYN, s/data, p. 19).

[...] uma forma de turismo que visa constituir vínculos, tecer redes de relações, reafirmar identidades sem se fechar para o mundo [...] o turismo de base comunitária é, antes de tudo, uma expressão do mundo contemporâneo, onde as pessoas não se contentam mais em comprar, em vender. Vive-se um período em que produzir simulacros de relações, da espetacularização da natureza e da cultura com intuito de mercantilização começa a ser questionado. O que o ser humano tem de mais rico é a sua possibilidade de relação direta com o outro e com o diverso [...] Entendemos que esta é uma alternativa de organização singular para alguns roteiros e/ou regiões de compatibilizar a oferta de produtos e serviços turísticos diferenciados, com a promoção de melhorias na qualidade de vida das comunidades locais (BARTHOLO; SAN SOLO; BURSZTYN, s/data, p. 2).

Segundo Bartholo et al. (s/data), é grande o desafio presente na busca de explicações para o turismo de base comunitária, pois envolve experiências muito diversas que impedem a escolha de modelos ou outros recursos simplificadores. Essas experiências são decorrentes dos diferentes contextos, histórias, lugares e personagens que buscam caminhos com base nesse modo de gestão da atividade turística localizada.

Levando-se em conta as explicações constantes das propostas do PNT 2007/2010, podemos compreender o turismo de base comunitária como uma atividade complexa que envolve as preocupações com o desenvolvimento turístico aliado à inclusão social, a proteção à natureza e a gestão descentralizada e compartilhada.



Para compreender esse fenômeno social, Irving faz um breve resgate das primeiras discussões, em eventos e encontros acadêmicos, buscando ressignificá-las e vinculando-as ao paradigma da inclusão social e da conservação ambiental. Palavras e expressões como participação, protagonismo social, empoderamento, afirmação cultural, benefícios diretos ganham destaque nesse contexto e começam a se articular com o tema da conservação ambiental. É o que propõe Sansolo em sua análise sobre os paralelismos entre as políticas de proteção da natureza e de desenvolvimento turístico, principalmente no que diz respeito ao processo de descentralização e gestão compartilhada (BARTHOLO; SANSOLO; BURSZTYN, s/data, p. 19).

Trata-se de uma organização singular para alguns roteiros, a fim de compatibilizar a oferta com a demanda por produtos e serviços turísticos diferenciados, orientados para a busca da melhoria das condições de vida dos moradores locais. Esse entendimento resulta de estudos e pesquisas acadêmicas e das preocupações do Ministério do Turismo, segundo (BARTHOLO et al., s/data, p. 2). Desse modo, podemos compreender que a finalidade do

turismo de base comunitária é possibilitar a relação direta do visitante com o outro, com o diverso, como explicam os autores.

#### 4 Políticas de turismo

No Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, como em todo o território brasileiro, o turismo é uma atividade econômica conformada pelas ações dos poderes públicos em todos os níveis. Devido a isso, considerou-se imprescindível incluir neste estudo algumas ideias-chaves para compreender o contexto político da economia do turismo regional, na qual estão inseridas as comunidades Kalunga abordadas neste estudo diagnóstico. Nesse sentido, apresentamos a seguir alguns instrumentos e propostas que evidenciam afinidades na busca de uma “mudança de estilo” nas políticas de turismo nas seguintes esferas: governo federal; Região Centro-Oeste; Estado de Goiás; Nordeste de Goiás; microrregião da Chapada dos Veadeiros e Entorno; e município de Cavalcante.



*Edilberto entrevistando Sirilo dos Santos Rosa, Presidente da Associação Quilombos Kalunga.*

*Foto Joel Lemos*

#### *4.1 Instrumentos da política de turismo responsável*

Segundo Salvati (2004), a política municipal de turismo responsável elabora e executa os seguintes instrumentos:

- Plano Diretor Municipal;
- Plano de Desenvolvimento Turístico abrangendo:
  - diagnóstico turístico;
  - prognóstico turístico;
  - zoneamento turístico;
  - plano de ações;
  - sistema de informações e monitoramento turístico;
  - qualidade ambiental e mecanismos de proteção; e
  - mecanismos fiscais e financeiros.
- Estratégias para Planos de Desenvolvimento Turístico.

#### *4.2 Investimentos do governo federal em infraestrutura para o turismo*

São vultosos os recursos que o governo federal e o governo de Goiás estão destinando para investimentos no turismo do Nordeste goiano.

Uma importante condição para a estruturação dos destinos turísticos do país em padrão de qualidade internacional refere-se aos investimentos em infraestrutura turística nesses destinos. Tendo como referência os valores empenhados do orçamento do Ministério do Turismo para infraestrutura turística, incluindo as emendas parlamentares, que chegaram a R\$ 1,27 bilhão em 2006, propõe-se uma projeção para os próximos anos de acordo com a taxa de crescimento do PIB, adotada pelo PAC. Ações de qualificação e certificação profissional, bem como de certificação de empreendimentos turísticos, são também fundamentais para a estruturação dos destinos turísticos em padrão de qualidade internacional. Com base nos resultados das ações do MTur nos últimos anos, são projetados os resultados esperados para 2007 a 2010 (PNT 2007/2010).

#### *4.3 Política de turismo para o Centro-Oeste*

Com o apoio do Banco Mundial, o desenvolvimento turístico na região do cerrado brasileiro está sendo buscado por meio do Plano Estratégico de Desenvolvimento do Turismo, como uma ação específica do Prodetur JK, constante do PNT 2007-2010, relativo

ao segundo mandato do governo Lula e que segue na mesma direção agora no governo Dilma.

Esse planejamento para o desenvolvimento do turismo regionalizado considera que nos últimos trinta anos a Região Centro-Oeste cresceu de modo acelerado, recebendo uma grande onda migratória, destacando-se positivamente no PIB brasileiro. Considera também a existência atual de um movimento de transição para a diversificação produtiva e aproveitamento sustentável dos recursos naturais, com o melhor aproveitamento das suas potencialidades (BRASIL, 2007, p. 17, 23 e 63).

De modo sintético, o objetivo geral constante da estratégia para o desenvolvimento do Centro-Oeste é “promover uma reorientação do estilo”, orientada para o desenvolvimento sustentável, abrangendo a conservação dos ecossistemas, com redução da pressão socioeconômica sobre os recursos naturais, buscando a recuperação de áreas degradadas, melhorando as condições de vida da população e reduzindo as desigualdades sociais. Dentre os eixos estratégicos para o desenvolvimento da economia do turismo, em função deste estudo diagnóstico destacam-se três vetores: Gestão Ambiental e Recuperação do Meio Ambiente; Ampliação da Infra-estrutura Social e Urbana; e Diversificação e Adensamento das Cadeias Produtivas, que são transcritos a seguir:

**Vetor 2: Gestão Ambiental e Recuperação do Meio Ambiente** – para assegurar a conservação dos ecossistemas mesmo com crescimento da economia e estabelecer, portanto, uma mediação das atividades econômicas com o meio ambiente regional.

**Vetor 4: Ampliação da Infraestrutura Social e Urbana** – Programa 2 – Valorização da diversidade cultural e construção da identidade cultural: a Região Centro-Oeste tem uma grande diversidade cultural, que constitui uma importante potencialidade e riqueza, mas não valoriza esse patrimônio e tem manifestado desrespeito pelas culturas e pelos grupos étnicos tradicionais. Para o desenvolvimento sustentável, o Centro-Oeste tem de ter respeito e apreço pelas diversas representações culturais e construir sua identidade sobre a diversidade.

**Vetor 6: Diversificação e Adensamento das Cadeias Produtivas** – Programa 3 – Desenvolvimento do turismo e do ecoturismo: o programa orienta-se para o aproveitamento racional e sustentável dos atrativos naturais e das belezas cênicas da região para atração de turistas nacionais e internacionais, gerando renda e oportunidade de trabalho (BRASIL, 2007, p. 68, 72 e 73).

Consta também do Plano Estratégico de Desenvolvimento do Centro-Oeste para o período de 2007 a 2020 (BRASIL, 2007) na carteira de projetos prioritários a criação de infraestrutura de turismo, objetivando o aumento das atividades nessa atividade econômica, no intuito de contribuir para a diversificação da estrutura produtiva e para a elevação da renda e por meio da criação de oportunidades de emprego. Espera-se com essas iniciativas

o crescimento do fluxo turístico para a Região Centro-Oeste e, conseqüentemente, o crescimento desse setor na economia regional. Nesse sentido, esse Plano propõe a recuperação e a ampliação de vias de transporte e acesso aos principais pontos turísticos, bem como a melhoria dos atrativos nas microrregiões, especialmente naquelas em condições socioeconômicas mais precárias.

A estratégia e seus programas e projetos não podem nem devem ser implantados em todo o espaço regional, à medida que o Centro-Oeste congrega diversos territórios e subespaços com potencialidades diversas e problemas diferenciados. Dessa forma, a distribuição dos projetos no Centro-Oeste deve ser orientada pelas diferenças de características socioeconômicas e ambientais do território, de modo a otimizar seus resultados e promover a integração inter-regional. As microrregiões de baixa renda e baixo dinamismo econômico devem receber atenção especial da estratégia de desenvolvimento do Centro-Oeste e congregar projetos que promovam a dinamização da economia regional e que melhorem as condições de vida da população, comprometida pelo baixo nível de renda. Para a ampliação da competitividade e articulação com áreas dinâmicas, devem ser alocados projetos de infraestrutura econômica e logística e projetos de educação e inovação tecnológica. E para melhorar a qualidade de vida devem ser implementados projetos de infraestrutura social e urbana, particularmente saneamento básico, a compensar o baixo nível de renda e as limitações financeiras dos governos municipais para os investimentos sociais (BRASIL, 2007, p. 86-88).



*Rancho para serviços e equipamentos turísticos, no encontro do  
Rio Alma com o Rio Paranã.  
Foto Ana Mende*

#### 4.4 Planejamento turístico para o Nordeste de Goiás

O planejamento turístico em Goiás está acontecendo há décadas, abarcando o Nordeste goiano como área de interesse destacado. Dentre as iniciativas mais recentes do governo estadual destacam-se as seguintes:

1. Programa Nordeste Novo (2004);
2. Plano Estadual de Turismo (2007);
3. Programa de Desenvolvimento do Turismo – Prodetur (1995);
4. Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável – PDITS.

Nos itens seguintes, são apresentados alguns aspectos básicos desses programas para a compreensão da ótica turística relativa ao Nordeste goiano.

##### 4.4.1 Programa Nordeste Novo

Em 2004, o governo do Estado de Goiás lançou o Programa de Desenvolvimento Sustentável do Nordeste Goiano – Nordeste Novo, reconhecendo a necessidade de investimentos em vinte municípios nas microrregiões da Chapada dos Veadeiros e do Vão do Paranã, que abrangem uma extensa área bastante conservada e repleta de atrativos turísticos do território goiano. Dentre esses municípios constam aqueles onde está localizado o Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga: Cavalcante, Teresina de Goiás e Monte Alegre.

O nordeste goiano possui área de 38.726 km<sup>2</sup>, representando 11,39% da área total do estado. Como região de planejamento compreende a microrregião Chapada dos Veadeiros e a microrregião Vão do Paranã. Abrange vinte municípios e faz divisa com os Estados de Tocantins, Bahia, Minas Gerais e o Distrito Federal.

A região faz parte do Semiárido brasileiro, com vegetação predominante de cerrado, constituído por cerrado propriamente dito, cerradão, campos, mata ciliar e veredas. O cerrado, que possui grande diversidade biológica, é tido como o mais antigo dos ecossistemas brasileiros (GOIÁS, 2004, p. 32).

Em novembro do ano 2000, a Unesco concedeu ao nordeste goiano o título de Reserva da Biosfera, com a criação da Reserva da Biosfera Goyaz, caracterizando-a como uma das áreas de maior biodiversidade existentes no país, tendo como zonas núcleo o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros e o Parque Estadual de Terra Ronca.

O Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros é uma das principais unidades de conservação existentes no nordeste goiano, com 65.514 ha. Detém as nascentes dos rios Preto, dos Couros, das Almas, Macaco e São Bartolomeu, que abastecem o rio Tocantins, um dos principais afluentes da bacia do Amazonas.

Alto Paraíso, na microrregião da Chapada dos Veadeiros, é um dos municípios mais importantes do setor turístico da região, com seus recursos naturais preservados, incentivando o turismo nas suas diversas formas, como alternativa econômica e de geração de emprego e renda para a população. A proximidade da cidade com a capital federal a coloca em destaque em face de um mercado consumidor de grande expressão (GOIÁS, 2004, p. 16).

Foram criados pela Agetur roteiros temáticos regionais, entre eles o Caminho da Biosfera, que é o caminho da biodiversidade, das variações de altitude e das águas, que está inserido na bacia do rio Tocantins. Este Caminho revela os belos recursos da natureza existentes na região nordeste de Goiás, reserva da biosfera do cerrado.

O roteiro Caminho da Biosfera abriga sítios arqueológicos e a comunidade dos Kalunga.

Os recursos naturais e culturais propiciam o turismo em suas diversas formas. Os cenários são próprios para a prática do turismo de aventura [...], turismo esotérico [...], turismo de saúde [...], turismo religioso e de eventos culturais [...], ecoturismo [...] (GOIÁS, 2004, p. 32).

O Programa de Desenvolvimento Sustentável do Nordeste Goiano – Nordeste Novo, coordenado pela Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento, que foi elaborado e implantado pelo atual governo para corrigir as distorções e os desequilíbrios, integrando a região às demais áreas do estado, representa o resgate de um dos compromissos assumidos pelo governador Marconi Perillo.

Para o desenvolvimento econômico da área estão em andamento iniciativas para aumentar a produção agrícola, incrementar a pecuária, instalar agroindústrias e implementar a atividade turística, com a participação da iniciativa privada. O Programa envolve também investimentos em regularização fundiária, saúde, educação, energia, transporte, promoção social, saneamento, irrigação, habitação, turismo, dentre outros, necessários ao desenvolvimento harmônico e equilibrado da região (GOIÁS, 2004, p. 48).

#### 4.4.2 Plano Estadual de Turismo

O histórico da gestão turística no Estado de Goiás remonta à década de 1970 e caracteriza-se pela criação de unidades organizacionais condizentes com as tendências da Política Nacional de Turismo. Recentemente, sua reestruturação administrativa criou uma Agência Estadual de Turismo, com autonomia de gestão vinculada à Secretaria de Indústria e Comércio, mudando sua denominação, como se observa nos trechos transcritos a seguir:

A Agência Estadual de Turismo (Goiás Turismo) é uma instituição autárquica criada pela Lei n. 13.550 de 11 de novembro de 1999. Inicialmente se denominava Agetur, mas desde 30 de maio de 2008, data da reforma administrativa, adotou-se a atual nomenclatura. Possui autonomia administrativa,

financeira e patrimonial e está jurisdicionada à Secretaria de Indústria e Comércio.

À Goiás Turismo competem ações que visem ao fortalecimento e ao crescimento do turismo no Estado de Goiás, buscando intensificar sua contribuição para a geração de renda, ampliação do mercado de trabalho e valorização do patrimônio cultural, natural e técnico-científico.

Em 2007, a Goiás Turismo elaborou o Plano Estadual de Turismo, estudo que estabelece metas qualitativas a serem cumpridas até 2011. Atualmente a Agência conta com um quadro com cerca de 120 funcionários, empenhados em diversas ações em prol do turismo goiano. Dentre as principais atividades encontram-se a promoção de eventos regionais, como festivais gastronômicos, artísticos e culturais, divulgação do estado em exposições nacionais e internacionais, promoção do Rally Internacional dos Sertões e do Salão do Turismo Goiano, o Viaje Goiás.<sup>5</sup>

O trabalho desenvolvido pela Goiás Turismo aponta na direção do desenvolvimento humano e econômico. Dados levantados pela Agência em 2008 revelam que no período de 2003 a 2008 houve um crescimento de 385% em investimentos no setor. Além disso, o estado é o nono mais visitado do país e a movimentação turística corresponde a 3,4% do turismo nacional.

#### 4.4.3 Prodetur/GO

Como foi comentada anteriormente, a gestão do turismo em Goiás segue as orientações do governo federal. Aqui cabe notar o emprego do conceito de “turismo sustentável” no Programa de Desenvolvimento do Turismo Goiano (Prodetur/GO) nas seguintes transcrições:

O Programa de Desenvolvimento do Turismo Goiano (Prodetur/GO) é um programa voltado ao desenvolvimento do turismo sustentável, em parceria com o Ministério do Turismo (MTur), tendo como agente financeiro o Banco Interamericano de Desenvolvimento (Bid). Nesse caso é criada uma linha de crédito para atender à demanda por recursos financeiros internacional dos estados e municípios brasileiros, gerando novos empregos e, conseqüentemente, reduzindo as desigualdades regionais.<sup>6</sup>

O Programa tem por objetivos específicos estruturar os destinos turísticos dando qualidade ao produto turístico, aumentar a competitividade, preservar os atrativos naturais e culturais, melhorar as condições de vida da população residente nos destinos turísticos, promover o desenvolvimento socioeconômico local de modo sustentável, bem como recuperar e adequar a infraestrutura dos equipamentos.

Ancorado em sua versão nacional, cuja gerência está a cargo do Ministério do Turismo (MTur), o Programa objetiva a melhoria na qualidade de vida da população residente nas áreas de sua atuação. Especificamente, o Prodetur goiano trabalha para promover o aumento das receitas oriundas das atividades turísticas mediante a ampliação do fluxo turístico, a taxa de permanência dos turistas e seus

---

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://www.goiasturismo.go.gov.br/br/goias-turismo.html>>. Acesso em: 14/07/2011.

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://www.goiasturismo.go.gov.br/br/component/content/article/37-paginas-gerais/77-prodetur.html>>. Acesso em: 14/07/2011.

gastos em solo goiano, assim como a capacitação gerencial dos 22 municípios, que serão beneficiados com obras de infraestrutura, como saneamento básico, pavimentação asfáltica, iluminação pública e sinalização turística.

#### 4.4.4 Pdits – Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável

O planejamento do turismo em Goiás sempre deu atenção também às oportunidades de captação de recursos financeiros para investimentos neste setor. Para a concretização desse objetivo adotou os preceitos da Política Nacional de Turismo, como pode ser visto a seguir:

Desde 1983, o governo federal tenta alavancar o turismo nacional por meio de atividades que unificassem ações, mas apenas em 1995 lança o Prodetur Nacional. Diversas vezes, Goiás tentou se beneficiar com recursos internacionais para o turismo, mas com a criação do Prodetur Nacional Goiás consegue pleitear o financiamento, cujo recurso totaliza 132 milhões de dólares, que serão destinados a 22 municípios goianos em cinco regiões turísticas do estado.

Para que isso ocorresse, porém, a Gerência do Prodetur da Goiás Turismo estruturou cinco Pdits – Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável. Cada um deles, elaborado com participação das instituições e comunidades, é um planejamento de longo prazo (20 anos) para o polo turístico envolvido. Todos eles abordaram cinco aspectos: Diagnóstico da Área de Planejamento, Estratégias de Desenvolvimento Turístico, Elaboração de um Plano de Ação, Quadros Prospectivos e Análise de Impactos.<sup>7</sup>

Questão suscitada: qual o estágio do Pdits da microrregião da Chapada dos Veadeiros em 2011? Quanto já foi gasto em Cavalcante, em que e qual a previsão de uso dos recursos financeiros já disponibilizados?

Para obter informações sobre o planejamento turístico do governo de Goiás para a gestão 2011-2014 contatar a Agência Estadual de Turismo, especialmente estudos e planos para turismo no território Kalunga: Rua 30, esq. com Rua 4, Centro de Convenções – 2º andar. Goiânia-GO. CEP 74015-010. Tel. (62) 3201-8100. Fax 3201-8103, (62) 8422-8118, ou pelo e-mail [thiago@goiasturismo.go.gov.br](mailto:thiago@goiasturismo.go.gov.br).

---

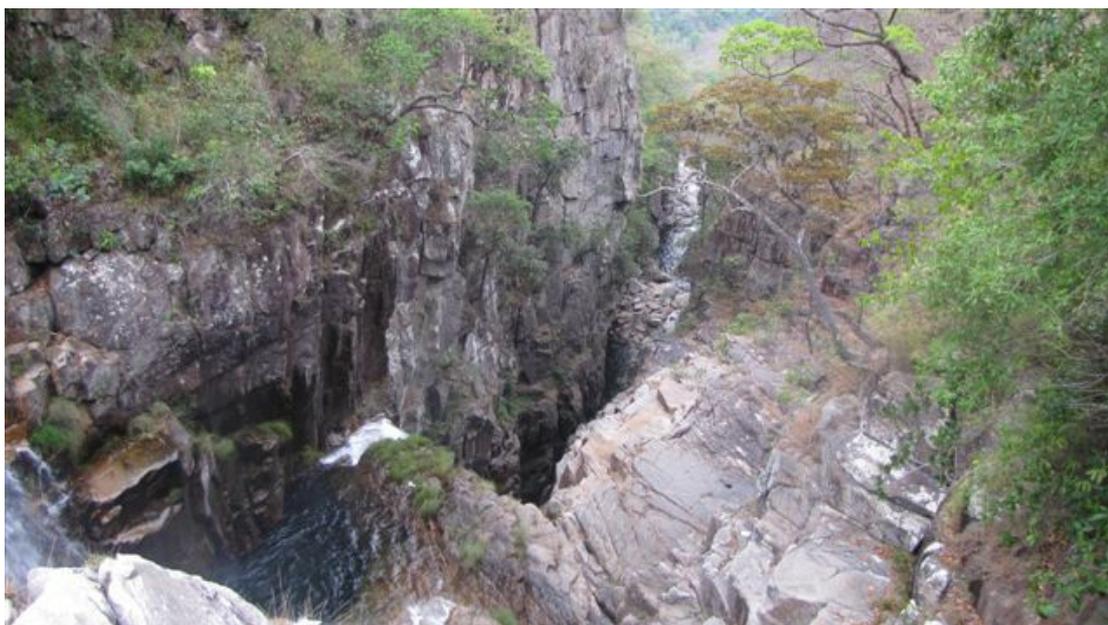
<sup>7</sup> Idem.

<b>Quadro _5_ – Cronologia das ações governamentais para o turismo no Nordeste goiano</b>			
<b>Data</b>	<b>Fato</b>	<b>Descrição</b>	<b>Observação</b>
1962	Primeiras notícias sobre os Kalunga.	Manoel Passos apresenta como calungeiros os habitantes da região do Calunga, devido ao quilombo que surgiu às margens do rio Paranã, constituído de negros foragidos da mineração em Arraias, Monte Alegre e Cavalcante (p. 17).	BAIOCCHI, Mari de Nazaré. <b>Kalunga</b> : povo da terra. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, 1999. 124 p.: il.
1982	Primeira visita de Mari de Nazaré Baiocchi aos Kalunga.	Os Kalunga não esqueceram sua origem e, a partir daí, quando lá chegamos, em 1982, ficaram apreensivos, julgando que nossa presença pudesse significar uma nova escravidão. Alguns se escondiam para não nos receber. Para os moradores das serras o “perigo” da escravidão não havia passado. Fomos confundidos com militares “disfarçados”, não se estabelecendo de imediato a hospitalidade própria dos Kalunga, criando um clima, até certo ponto, tenso inicialmente entre nós e a população. Acreditavam que a escravidão havia chegado e que seriam presos e levados embora dali. “A escravidão era encarada como um fato que poderia repetir-se” (p. 16).	BAIOCCHI, Mari de Nazaré. <b>Kalunga</b> : povo da terra. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, 1999. 124 p.: il.
1983	Governo federal inicia a tentativa de unificar o turismo nacional.		
1995	Lançamento do Prodetur Nacional.	Goiás consegue 132 milhões de dólares destinados a 22 municípios em cinco regiões turísticas do estado.	
1999	Criação da Agência Estadual de Turismo – Goiás Turismo.	À Goiás turismo competem ações que visem ao fortalecimento e ao crescimento do turismo no Estado de Goiás, buscando intensificar sua contribuição para a geração de renda, ampliação do mercado de trabalho e valorização do patrimônio cultural, natural e técnico-científico.	
1999	Publicação do livro <b>Kalunga</b> : povo da terra (BAIOCCHI, 1999).		BAIOCCHI, Mari de Nazaré. <b>Kalunga</b> : povo da terra. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, 1999. 124 p.: il.
2000	A Unesco concede ao nordeste goiano o título de Reserva da	Como parte da Reserva da Biosfera Goiás, abrangendo o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros e o Parque	

<b>Quadro _5_ – Cronologia das ações governamentais para o turismo no Nordeste goiano</b>			
<b>Data</b>	<b>Fato</b>	<b>Descrição</b>	<b>Observação</b>
	Biosfera do Cerrado.	Estadual de Terra Ronca.	
2000	Caminhos da Biosfera.	A Agência Goiana de Turismo (Agetur) cria roteiros que abrigam sítios arqueológicos e a comunidade dos Kalunga.	
2003	Estudo diagnóstico do turismo em Cavalcante.	Cavalcante aparece como o novo polo de desenvolvimento de ecoturismo, pois alia uma natureza praticamente intocada, repleta de locais de beleza singular, aos aspectos culturais da região, cujas raízes remontam ao início do desbravamento desta porção do território brasileiro, e conta também com os Kalunga.	DAMANDO, Giovanna Isabel. TCC – <b>Os impactos do turismo em Cavalcante</b> . Brasília: CET/UnB, 2003. p. 33.
2004	Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil.	Uma nova perspectiva para o turismo brasileiro por meio da gestão descentralizada, estruturada pelos princípios da flexibilidade, da articulação e da mobilização.  Ações centradas nas unidades municipais.  Escolha de 65 destinos turísticos para serem modelos indutores do desenvolvimento turístico regional.	
2004	O governo de Goiás lança o Programa Nordeste Novo (Marconi Perillo).	Reconhecimento da necessidade de investimentos na Chapada dos Veadeiros e no Vão do Paranã.	
2006	Orçamento do MTur.	Emendas parlamentares chegam a 1,27 bilhão.	
2007	Plano Nacional de Turismo (PNT 2007-2010).	Reconhecimento da carência de infraestrutura de apoio para que esse setor se desenvolva com qualidade e sustentabilidade, incluindo aspectos de acessibilidade e saneamento ambiental, o que envolve ações transversais articuladas com os poderes públicos nos níveis municipal e estadual para uma gestão descentralizada e compartilhada.	
2007	Programas Regionais de Desenvolvimento do Turismo (Prodetur).	Levam em conta a importância da participação do Conselho Nacional e dos Fóruns Estaduais e parceiros privados para o crescimento descentralizado do turismo no Brasil.  O turismo sustentável e integrado depende do fortalecimento da gestão municipal.	Recursos financeiros do Banco Interamericano de Desenvolvimento.
2007	Prodetur JK (PNT	Apoio do Banco Mundial para o	(BRASIL, 2007, p. 17,

<b>Quadro _5_ – Cronologia das ações governamentais para o turismo no Nordeste goiano</b>			
<b>Data</b>	<b>Fato</b>	<b>Descrição</b>	<b>Observação</b>
	2007-2010). Plano Estratégico de Desenvolvimento do Turismo.	desenvolvimento turístico do cerrado. Nos últimos trinta anos a Região Centro-Oeste cresceu de modo acelerado. Atualmente há um movimento de transição para a diversificação produtiva e o aproveitamento sustentável dos recursos naturais, com o melhor aproveitamento das suas potencialidades. O objetivo geral constante da estratégia para o desenvolvimento do Centro-Oeste é “promover uma reorientação do estilo”, orientada para o desenvolvimento sustentável, abrangendo a conservação dos ecossistemas, com redução da pressão socioeconômica sobre os recursos naturais, buscando a recuperação de áreas degradadas, melhorando as condições de vida da população e reduzindo as desigualdades sociais.	23 e 63).  Valorização da diversidade cultural e construção da identidade cultural.  Desenvolvimento do turismo e do ecoturismo.  Prioridade: criação de infraestrutura de turismo, com diversificação da oferta, elevação da renda e criação de empregos.
2008	Plano Estadual de Turismo lançado pela Goiás Turismo.	Estabelece metas qualitativas a serem cumpridas até 2011: eventos regionais (gastronomia, arte, cultura); divulgação no país e no exterior; Rally Internacional dos Sertões; Salão do Turismo Goiano.	
2008	Programa de Desenvolvimento do Turismo Goiano (Prodetur/GO).	Desenvolvimento do turismo sustentável em parceria com o Ministério do Turismo (MTur), tendo como agente financeiro o Banco Interamericano de Desenvolvimento (Bid).  Criação de uma linha de crédito para atender à demanda por recursos financeiros internacional dos estados e dos municípios brasileiros, gerando novos empregos e, conseqüentemente, reduzindo as desigualdades regionais.  O Prodetur goiano trabalha para promover o aumento das receitas oriundas das atividades turísticas mediante a ampliação do fluxo turístico, da taxa de permanência dos turistas e de seus gastos em solo goiano, assim como por meio da capacitação gerencial dos 22 municípios, que serão beneficiados com obras de infraestrutura, como saneamento básico, pavimentação	O Programa tem por objetivos específicos estruturar os destinos turísticos, dando qualidade ao produto turístico, aumentar a competitividade, preservar os atrativos naturais e culturais, melhorar as condições de vida da população residente nos destinos turísticos, promover o desenvolvimento socioeconômico local de modo sustentável, bem como recuperar e adequar a infraestrutura dos equipamentos.

<b>Quadro _5_ – Cronologia das ações governamentais para o turismo no Nordeste goiano</b>			
<b>Data</b>	<b>Fato</b>	<b>Descrição</b>	<b>Observação</b>
		asfáltica, iluminação pública e sinalização turística.	
2008	Observatórios para o Turismo Sustentável.	Parceria entre a Fundação Banco do Brasil e o Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília.	
2008	Pesquisa da Goiás Turismo sobre o mercado em Goiás.	Revela que de 2003 a 2008 os investimentos no setor do turismo em Goiás cresceram 385%, tornando o estado o nono mais visitado do país (3,4% do turismo nacional).	
2010	Censo IBGE.	População de Cavalcante: 9.392 habitantes. Zona rural: 4.650 habitantes.	
2011	Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável da Goiás Turismo (Pdits).	É um planejamento de longo prazo (20 anos) para o polo turístico envolvido. Todos eles abordaram cinco aspectos: Diagnóstico da Área de Planejamento; Estratégias de Desenvolvimento Turístico; Elaboração de um Plano de Ação; Quadros Prospectivos e Análise de Impactos.	
2011	Lançamento do Projeto de Fomento do Turismo em Parques Nacionais.  Diagnóstico da oferta turística no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros e entorno.	Apresentado à comunidade e operadores do turismo na região num seminário em Cavalcante e Alto Paraíso em maio/2011.  Objetivo: caracterização e análise do entorno e das Unidades de Conservação quanto à oferta de produtos, serviços e equipamentos turísticos: recepção; serviços; infraestrutura; acesso; informação; segurança; manejo de visitantes; atratividade.	
2011	Plano Turístico para o Norte e o Nordeste de Goiás.	Está sendo elaborado pelo Sebrae-GO de Anápolis.	



*Cachoeira Capivara no Engenho II*  
*Foto Joel Lemos*

#### *4.5 Projeto de Fomento ao Turismo nos Parques Nacionais e Entorno*

No início de maio de 2011, foi realizado um seminário nas cidades de Cavalcante e de Alto Paraíso para apresentação do Projeto de Fomento ao Turismo nos Parques Nacionais e Entorno,<sup>8</sup> quando foram discutidos os resultados de estudos sobre a cadeia produtiva do turismo na região do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (Parna-CV). Esse evento foi realizado pelo Sebrae em parceria com o Ministério do Turismo (MTur), o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), a Associação Brasileira de Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura (Abeta), a Goiás Turismo e as prefeituras desses municípios.

O objetivo desse Projeto é aproveitar o potencial dos parques nacionais para aumentar a competitividade dos destinos turísticos, valorizando, qualificando e integrando a administração pública local com operadores da cadeia produtiva do turismo. Essa iniciativa abrange outros quatro parques nacionais no país: Serra dos Órgãos (RJ), Aparados da Serra (RS/SC), Anavilhanas (AM) e Parque Nacional Marinho de Fernando de Noronha (PE).

---

<sup>8</sup> Disponível em: <[www.twitter.com/MTurismo](http://www.twitter.com/MTurismo)>. Acesso em: junho/2011.

#### 4.5.1 Diagnóstico da oferta turística no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros

O diagnóstico do mercado turístico no entorno do Parna-CV foi realizado com o objetivo de caracterizar e analisar a oferta de produtos e serviços aos visitantes, dando ênfase aos aspectos de acesso, recepção, infraestrutura, informação, segurança, manejo, atratividade, dentre outros que possam incorporar os valores e a identidade do parque, orientar ações de *marketing* e fortalecer a competitividade desse destino turístico. Os objetivos específicos do estudo sobre a cadeia produtiva dos parques nacionais são transcritos a seguir com base nos *slides* apresentados no seminário:

- mapear os agentes econômicos, sociais e políticos e as forças externas que compõem o entorno e o ambiente interno aos parques selecionados;
- levantar as atividades e o *modus operandi* desses agentes;
- estudar as relações entre os “nós” da cadeia por meio de um levantamento qualitativo de percepções dos principais agentes;
- identificar os pontos fortes e fracos da cadeia produtiva do turismo;
- identificar as organizações sociais existentes no destino;
- compreender a relação e a percepção atual dos empresários e da comunidade em relação ao parque e vice-versa;
- conhecer a percepção e as impressões dos turistas sobre o destino, o parque e a cadeia produtiva.

Os resultados alcançados por esse diagnóstico foram transcritos dos *slides* citados anteriormente.<sup>9</sup>

<b>Quadro _6_ – Diagnóstico da oferta turística no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros e entorno</b>		
<b>Perfil e percepções dos elos</b>	<b>Perfil e percepções de moradores</b>	<b>Perfil e percepções dos turistas</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Pequenos negócios, formais, com o dono à frente (dono mais maduro)</li><li>• Muitos imóveis precisam de reformas</li><li>• Atendem predominantemente</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Moradores reconhecem a natureza como principal atrativo do destino e a infraestrutura como principal problema</li><li>• Muitos ainda não visitaram o</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Turistas de boa escolaridade e renda, que moram predominantemente em capitais (principalmente do próprio estado do Parna, exceto Noronha)</li></ul>

<sup>9</sup> Sebrae-GO. Projeto de Fomento ao Turismo nos Parques Nacionais e Entorno. Cadeia Produtiva Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros: resultados do diagnóstico. 2011.

<p>brasileiros de poder aquisitivo médio, mais regional</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Os controles de gestão ainda são básicos e há muitas necessidades de treinamento, sobretudo na administração e no planejamento do negócio</li> <li>• O envolvimento com projetos socioambientais é baixo</li> <li>• A maior dificuldade é com mão de obra: disponibilidade e qualificação</li> <li>• Os principais problemas do destino são a infraestrutura, o acesso e a divulgação</li> <li>• Existe reconhecimento do potencial do Parque Nacional e da precariedade da sua infraestrutura</li> </ul>	<p>Parna-CV. A recomendação é fruto do conhecimento</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Os benefícios do turismo são gerar emprego e renda e movimentar a cidade, e há grande assertividade quanto a isso (elevados percentuais)</li> <li>• Os principais problemas do turismo são poluição e perda da tranquilidade (violência)</li> <li>• Nota: <b>Parna</b> = Parque Nacional</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Maioria estava viajando com a família</li> <li>• Muitos estavam no destino pela primeira vez</li> <li>• A principal motivação é o descanso (fugir da cidade), e para alguns, a natureza</li> <li>• O baixo grau de utilização da cadeia mostra a sua fragilidade (exceto em Noronha) e o tipo de turista (regional)</li> <li>• As médias próximas a 9 para a viagem em geral nos destinos mostram que o turista teve uma boa experiência</li> <li>• O que representa o destino para esses turistas é a exuberância da natureza (exceto em Anavilhanas, cujo ponto marcante é a cultura)</li> </ul>
--	--	---

### Conclusões e recomendações

1. O Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, com mais de 60 mil hectares, possui aberto ao uso público duas trilhas que unidas não ultrapassam 20 km. As trilhas, além de requererem manutenção, não oferecem nenhum tipo de estrutura que torne a visitação mais confortável e atrativa. O Parque conta com um Centro de Visitantes com auditório que não possui exposição permanente que reflita a importância e a relevância da unidade. Não oferece nenhum tipo de serviço ao visitante (alimentação, compras, etc.) Não conta com funcionários em número suficiente para execução de todas as tarefas da unidade. Existe uma relação delicada com os condutores de visitantes construída no passado, mas que em algum momento precisará ser resolvida.

Cria expectativa de abertura de uma Portaria no município de Cavalcante com a elaboração do Plano de Manejo, mas ao mesmo tempo vive sobre a pressão de empresários e do poder público para escolha do local e início das obras. ICMBio e Ibama são vistos em Cavalcante apenas como agentes de fiscalização e punição.

1.1 – Antes que ações de fomento sejam iniciadas é necessário regularizar a situação fundiária da unidade, contratar recursos humanos e realizar as intervenções previstas no Plano de Manejo.

1.2 – A gerência da unidade deve estar mais próxima da população. Deve passar mais tempo com a comunidade para que se faça conhecida, gere respeito e confiança, abrindo portas para parcerias e apoios em ações futuras.

2. Praticamente todos os atrativos particulares cobram ingresso entre R\$ 5,00 e R\$ 15,00. Sempre existirá uma pessoa para recepcionar o visitante (cobrar o ingresso). Os recepcionistas não estão uniformizados ou trajados corretamente (grande informalidade), tampouco existem estruturas de recepção construídas para tal. Não existe capacidade de atendimento em outro idioma. Os atrativos (em sua maioria naturais) não contam

com infraestrutura de sanitários. Estes, quando existem, estão distantes dos atrativos. Não existe preocupação com a adequação de sanitários e demais estruturas a portadores de necessidades especiais. Os empreendimentos particulares tentam facilitar o acesso aos visitantes por meio de sinalização. Nem sempre as placas estão colocadas corretamente ou em bom estado de conservação e não dispõem de padrão e impacto visual. As trilhas estão em condições precárias de conservação. A sustentabilidade ambiental dos atrativos está comprometida. Não foi percebida nenhuma preocupação com capacidade de suporte dos atrativos particulares, que são a maioria. Ao contrário, o discurso de “preocupação com o meio ambiente”, “conservação” é sempre muito destacado. Existe um desequilíbrio entre teoria e prática. Os atrativos não possuem melhorias que os tornem mais especiais ou ampliem o valor agregado – é o atrativo por si só. Foram raras as referências, por exemplo, de sinalização interpretativa ou de um banco para descanso.

2.1 – Devem ser definidos parâmetros mínimos de qualidade, segurança e sustentabilidade ambiental e social para os produtos turísticos públicos e privados. Após prazo para adequação os empreendimentos devem ser frequentemente fiscalizados.

2.2 – O aprimoramento dos produtos passa pela melhoria da infraestrutura de visitação dos empreendimentos e transformação de elementos culturais (saberes e fazeres) em produtos inovadores e criativos.

2.3 – Construção de espaço temático que valorize o garimpo como atividade econômica importante para o contexto histórico da região.

2.4 – Construção de espaço temático que valorize a cultura quilombola, contando sua história e perpetuando seus conhecimentos e suas habilidades.

2.5 – Utilizar o título de Patrimônio da Humanidade conferido pela Unesco a favor do destino, pois não se percebe essa referência estando nos municípios.

3. São Jorge não conta com agências bancárias, caixas eletrônicos ou postos de combustíveis. As facilidades para compra, como uso do cartão de crédito, são bem limitadas. A vila merece uma atenção ainda quanto à melhoria da infraestrutura básica, paisagismo. Cavalcante tem sinais de distribuição desigual de renda e de recursos. Possui infraestrutura limitada, principalmente na região periférica ao centro.

3.1 – Ambos os municípios devem ser responsabilizados pelas condições precárias em que se encontram as vias urbanas. Devem ser orientados a investir em saneamento e infraestrutura básica.

4. A cobertura de telefonia móvel é muito restrita. Não existe sinal de celular na maioria dos atrativos. Uso restrito ou inexistente de rádios de comunicação pelos condutores. Os empreendimentos em sua maioria não dispõem de informação sobre horário de funcionamento e procedimentos de segurança. Não existe nenhuma adequação a públicos com limitação parcial ou permanente na visão. As informações sobre o Parque Nacional estão associadas a fotos dos atrativos. Não existem *folders* ou cartazes que divulguem a unidade.

4.1 – Buscar na iniciativa privada soluções para as barreiras impostas pela comunicação precária.

4.2 – Adequar e disponibilizar informações a portadores de necessidades especiais e ao público estrangeiro.

5. A gestão da segurança é falha na maioria dos empreendimentos. O problema é reduzido quando há o acompanhamento de condutores e empresas. Os turistas autônomos não contam com facilidades que ampliem

sua percepção de segurança. Empreendimentos ainda não estão adequados para receber a demanda de turistas portadores de necessidades especiais. Empreendimentos não possuem estrutura nem pessoal para lidar com público estrangeiro. Não é comum contarem com alternativas para redução do consumo de água e luz, tampouco adotam alguma iniciativa para redução dos resíduos e correta destinação destes. Não é comum que os funcionários sejam treinados para lidar com situações de emergência.

5.1 – Elaborar lei municipal com base nas Normas da ABNT para o Turismo de Aventura, definindo parâmetros para a gestão da segurança nos empreendimentos abertos à visitação turística. Exercer a fiscalização.

5.2 – Gerar benefícios para os empreendimentos que mantiverem programa regular de capacitação de seus funcionários.

5.3 – Incentivar que os novos projetos arquitetônicos estejam acompanhados de melhorias ambientais e soluções sustentáveis para o uso dos recursos naturais.

#### 4.5.2 Questionamentos dos operadores de turismo

Em face dos resultados do diagnóstico expostos anteriormente, os participantes do seminário, especialmente os operadores do turismo de Cavalcante, levantaram vários descontentamentos, questionamentos e propostas, que transcrevemos a seguir:

- A pesquisa realizada é muito restrita.
- Não foi informado quando e como vai ser aberto o portão norte do Parna-CV.
- Há muitos projetos com objetivos similares descoordenados.
- As instâncias criadas para a gestão participativa não funcionam.
- Faltam informações para a comunidade.
- Cavalcante é esquecido pela gestão do Parna-CV.
- Ausência do MMA na região.
- Faltam estruturas para tratamento de resíduos sólidos e esgotamento sanitário nos municípios do entorno do Parna-CV.
- Foram lembradas as constantes queimadas que estão destruindo o Parna-CV.
- Foi lembrado que o maior atrativo hoje de Cavalcante está no Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, mas a pesquisa apresentada não abordou nada disso.

- Os empresários estão cansados de cursos sobre associativismo, mas não estão associados, e a maioria deles atua na informalidade.
- A comunidade cavalcantense está muito insatisfeita com os poderes públicos.
- Qual o orçamento para o projeto do Parna-CV?
- Existem muitas RPPNs no município.
- Mais de 60% do Parna-CV está no município de Cavalcante.
- Necessidade de plano de manejo.
- O Conselho de Turismo de Cavalcante não funciona.
- O que a Secretaria de Turismo de Cavalcante está fazendo em prol do turismo em território Kalunga?
- Os representantes dos órgãos governamentais presentes pedem ajuda para dar continuidade a essa iniciativa, que busca a integração de diversos atores públicos e privados para assegurar a sustentabilidade da gestão dos Parques Nacionais.
- Ficou evidenciada a distância entre os cidadãos e a prefeitura de Cavalcante.

Diante dos questionamentos e das animosidades, a direção do Parque reclamou de falta de recursos e pediu mais envolvimento da população. O diretor do Sebrae Nacional lembrou que o projeto ainda não está pronto e que esse é o primeiro contato do Parna-CV com a cadeia produtiva de Cavalcante. Os empresários têm de assumir seus problemas. O Sebrae e as demais instituições virão aqui fazer somente o que for demandado pelos empresários. Em suma, todos estão vindo para ajudar a construir o Portão Norte. Essa discussão precisa da participação de todos para que seja mais aprofundada, mas ela não se esgota. Os empresários locais necessitam se “empoderar”. O interesse é apoiar os empresários. Todos têm de se unir.

#### 4.5.3 Considerações de participantes Kalunga

Esse seminário para avaliação da pesquisa sobre a cadeia produtiva do turismo no Parna-CV e Entorno contou com uma expressiva participação de membros das comunidades Kalunga, que formaram dois grupos de discussão bastante distintos. Um deles atuou de forma mais organizada, realizando discussões sob a ótica dos interesses específicos das suas comunidades. Participaram deste grupo: (1) Izabel (Bel), presidente da Associação Kalunga de Guias de Turismo; (2) Elmar (Mazinho), presidente da Associação

Kalunga da Comunidade do Engenho II; (3) Vilmar, professor contratado pela prefeitura de Cavalcante ([vilmarquiak@yahoo.com.br](mailto:vilmarquiak@yahoo.com.br) / (62) 9646-4029), que chamou a atenção para a necessidade da presença do Ibama no Sítio Histórico devido à ocorrência de roubo de madeira, invasão de terra, garimpo e compra ilegal de terra; (4) Jorge Moreira de Oliveira (62 9695-6160), morador do Engenho II, ex-presidente da AKC; (5) Júlio, ex-membro da Diretoria da Associação Quilombo Kalunga; (6) Ana Cláudia, estudante; (7) Natália, estudante; e (8) a participação especial de Maria Batista Pereira, moradora do Distrito de São Jorge, que relatou aspectos do turismo nessa localidade. Na opinião deste grupo, vários foram os aspectos positivos da pesquisa sobre a cadeia produtiva do turismo no Parna-CV e entorno, tais como:

**DIAGNÓSTICO DA OFERTA TURÍSTICA NO PARQUE NACIONAL DA CHAPADA DOS VEADEIROS E ENTORNO – PONTOS POSITIVOS NA OPINIÃO DE PARTICIPANTES KALUNGA**

- Mostrou que os guias de turismo (condutores de visitantes) de Alto Paraíso atuam também em Cavalcante, inclusive no território Kalunga.
- Evidenciou que os turistas que visitam o Parna-CV e Entorno podem ser divididos em quatro tipos: 1) aqueles que vêm de Brasília e Goiás em automóvel próprio, em grupos familiares e de amigos, sem a intermediação de agências de viagem; 2) aqueles que vêm de lugares mais distantes, por intermédio de agências de viagem; 3) os que viajam sozinhos; e 4) os que moram na região Nordeste de Goiás.
- Ressaltou a condição de isolamento de Cavalcante em relação ao fluxo de visitação e programas de apoio ao turismo no Parna-CV, devido à inexistência do Portão Norte, já pleiteado há muito tempo.
- Facilita a compreensão dos elos da cadeia de operadores de turismo no Parna-CV e Entorno, em que o papel dos Kalungas é de meros atrativos, e não de operadores.
- Apesar de as amostras das pesquisas serem muito reduzidas e de o tempo de realização desta ser muito curto, a metodologia aplicada e os resultados alcançados são importantes para o planejamento de novos levantamentos mais abrangentes.
- Questões suscitadas: (1) a pesquisa trata os Kalunga como objetos, sem levar em conta as iniciativas dos membros das comunidades e das suas entidades representativas, que atuam também como operadores de turismo local; (2) os Kalunga são oferecidos aos turistas como um produto turístico, sem que isso tenha sido discutido com as comunidades; (3) rever a territorialidade da “identidade” Kalunga, pois a comunidade transcende os limites do Sítio Histórico, abrangendo as zonas rurais e urbanas dos municípios de Cavalcante, Teresina de Goiás e Monte Alegre.
- **Ideia fortalecida:** criar um curso para capacitação profissional em turismo em Cavalcante.
- **Destaque:** foi citada realização do Encontro de Pesquisadores da História do Nordeste Goiano e o ano de 2011 como o Ano Internacional da Comunidade Negra Internacional; Cavalcante é o 27º município em arrecadação no Estado de Goiás, mas é o segundo pior IDH. **Marca:** a marca Kalunga está sendo aproveitada comercialmente por várias empresas. Cabe realizar uma campanha para sua defesa como patrimônio cultural imaterial das comunidades Kalunga

Maiores informações sobre o Projeto de Fomento ao Turismo nos Parques Nacionais e Entorno podem ser buscadas no Sebrae-GO de Anápolis com Tânia Aparecida da Silva, gerente Sebrae Regional Centro-Nordeste, responsável também por estudos e planos para o turismo no território Kalunga: Av. Minas Gerais, nº 135, Bairro

Jundiaí, CEP 75.110-770, Anápolis-GO. Central de Relacionamento: 0800 570 0800.  
Tel. (62) 3321-3727. Fax. 3321-2483. [tania@sebraego.com.br](mailto:tania@sebraego.com.br). [www.sebraego.com.br](http://www.sebraego.com.br).

### Dados do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros

Localizado no Nordeste do Estado de Goiás, o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros fica em uma área de grande interesse geológico, formada por rochas do período Pré-Cambriano. Inserida no corredor ecológico Paranã-Pirineus e na Área de Proteção Ambiental do Pouso Alto, a Unidade de Conservação constitui uma das áreas-núcleo da Reserva da Biosfera do Cerrado.

**Área:** 65.514,00 ha.

**Ato de criação e data:** Decreto nº 49.875, de 11 de janeiro de 1961.

**Estado:** Goiás.

**Municípios que abrange:** Alto Paraíso de Goiás, Cavalcante, Colinas do Sul e Teresina de Goiás.

**Bioma:** cerrado.

**Missão:** Preservar a fauna e a flora, bem como promover o bom relacionamento do homem com o meio ambiente.

**Principais acessos:** por via terrestre, partindo de Brasília o acesso se dá pela BR-020, pela rodovia GO-118, e, por fim, pela GO-239, que liga Alto Paraíso de Goiás à Vila de São Jorge.

#### Regulamento e uso

O horário de funcionamento do Parque é das 8h às 12h para a entrada para as trilhas. A saída das trilhas é permitida até as 18h, de terça-feira a domingo. O Parque permanece fechado às segundas-feiras, dia restrito a serviços administrativos.

#### Não é permitido na unidade de conservação:

- O acesso de crianças com idade menor que 5 anos, tendo em vista a dificuldade de deslocamento.
- A entrada nas áreas de visitação com bebidas alcoólicas ou qualquer outra droga, legal ou não, que limite os reflexos e a capacidade de coordenação motora do indivíduo.
- A entrada de animais domésticos.
- São proibidos o ingresso e a permanência na unidade de visitantes portando armas, materiais ou instrumentos destinados à corte, caça, pesca ou quaisquer outras atividades prejudiciais à fauna e à flora.
- É proibido fumar nas dependências das áreas de visitação.
- Não é permitida utilização de aparelhos ou instrumentos sonoros dentro do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, excetuando-se os casos necessários à fiscalização, busca e salvamento, mediante autorização expressa da administração do Parque.

**Fonte:** folder do Parna-CV/2011

Ver reservas do cerrado em:  
<<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do;jsessionid=04F6AA31BF8B33C5AE0EC0A4372F13B7?id=366>>

Na microrregião da Chapada dos Veadeiros, o Ministério do Turismo não atua de modo isolado. Ele integra um grande programa de ações governamentais, dentre eles o Territórios da Cidadania, do MDA, visando ao desenvolvimento econômico e social das populações locais, como destaca a notícia seguinte:

**Ações do governo federal 2010.** Execução até 31/12/2010. No território Chapada dos Veadeiros foram previstas para o ano de 2010 um total de 45 ações com a atuação de 11 ministérios que integram o Programa Territórios da Cidadania, com valor previsto de R\$ 83.445.135,30. Até 31 de dezembro de 2010, este Portal recebeu informações sobre a execução de 44 ações. Para estas

ações informadas o valor previsto para este território é de 82.821.153,30. Até esta data já foram executados R\$ 33.362.285,53.

O território Chapada dos Veadeiros-GO abrange uma área de 21.475,60 km<sup>2</sup> e é composto por oito municípios: Alto Paraíso de Goiás, Campos Belos, Cavalcante, Colinas do Sul, Monte Alegre de Goiás, Nova Roma, Teresina de Goiás e São João d'Aliança.

A população total do território é de 62.656 habitantes, dos quais 20.546 vivem na área rural, o que corresponde a 32,79% do total. Possui 3.347 agricultores familiares, 1.412 famílias assentadas, seis comunidades quilombolas e uma terra indígena. Seu IDH médio é 0,68.

**Fonte:** Sistema de Informações Territoriais (<<http://sit.mda.gov.br>>).

Disponível

em:

<[http://www.territoriosdacidadania.gov.br/dotlm/clubs/territoriosrurais/chapadadoveadeirosgo/one-community?page\\_num=0](http://www.territoriosdacidadania.gov.br/dotlm/clubs/territoriosrurais/chapadadoveadeirosgo/one-community?page_num=0)>.

Acesso em: 13/08/2011.

Pensar no desenvolvimento da economia do turismo nas comunidades Kalunga é naturalmente pensar na formulação de uma política de turismo. Assim sendo, no âmbito interno, é necessário discutir e elaborar os instrumentos para o turismo responsável nas comunidades Kalunga, considerando a necessidade de um plano diretor para o desenvolvimento integrado das comunidades em todo o Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga. Com base no diagnóstico turístico ora realizado, elaborar o Plano de Desenvolvimento Turístico abrangendo todos os aspectos relacionados antes. Ainda, incentivar e realizar uma constante discussão estratégica com base na avaliação das experiências desenvolvidas.

Quanto às intervenções oriundas dos ambientes externos ao Sítio Histórico Kalunga, observa-se que essas comunidades estão sendo alvo de múltiplas, diversas e desordenadas ações por iniciativas de organizações públicas e privadas de todos os portes, níveis e finalidades, brasileiras e estrangeiras. Nos últimos dez anos, vem ocorrendo uma grande invasão do mundo exterior na realidade Kalunga, que cresce de modo acelerado e desintegrado, colocando em risco o patrimônio cultural e natural que esse povo soube preservar tão bem por cerca de 250 anos.

Nos planos governamentais, conforme os aspectos já destacados, o turismo na microrregião da Chapada dos Veadeiros recebeu destacada atenção devido ao seu conhecido potencial turístico e seu papel estratégico para o desenvolvimento socioeconômico das comunidades. Cabe observar no Plano Nacional de Turismo a opção pelo fortalecimento do turismo de base comunitária, sustentável e inclusivo e as iniciativas para o fortalecimento dos Parques Nacionais e suas regiões de entorno. Essas iniciativas, e muitas outras mais, devem ser circunstanciadas no contexto do Programa Territórios da Cidadania, que envolve ações de onze ministérios.

Também positivas, mas preocupantes, pela desintegração já comentada, são as iniciativas do Fundo de Desenvolvimento do Centro-Oeste, os planos de turismo do Estado de Goiás e as dificuldades da administração municipal em Cavalcante.

## 5 Turismo em Cavalcante-GO

Depois de séculos de relativo esquecimento, Cavalcante, um dos povoados mais antigos de Goiás, volta a destacar-se no cenário econômico nacional devido às suas riquezas naturais e aos interesses governamentais, especialmente para os grandes eventos que o Brasil sediará na segunda década do século XXI e o crescimento do mercado turístico.

A origem desse município remonta ao ciclo do ouro no período colonial brasileiro, quando teve papel importante na produção local e na administração regional, tendo sido sede das atividades de controle fiscal, fundição de ouro e comércio regional, por situar-se em ponto estratégico no caminho do sertão que ligava Salvador-BA a Vila Boa de Goyaz, onde nasciam os caminhos para os garimpos e os povoados do antigo norte de Goiás, hoje Tocantins. “Os arraiais de Cavalcante e Santo Antônio do Morro do Chapéu, hoje Monte Alegre, são fundados em 1740 e 1769, respectivamente [...] abrigam mão de obra escrava para mineração e quilombos nas serras e vales” (BAIOCCHI, p. 29).

Com o declínio da extração do ouro e a mudança da dinâmica da economia para a região ao Sul da Chapada dos Veadeiros, tendo o Rio de Janeiro como nova capital da colônia, Cavalcante ficou isolada e esquecida. Contudo, graças a isso, sua natureza, seu legado cultural e suas comunidades quilombolas receberam uma significativa onda



*Cachoeira Santa Barbara*

*Foto Joel Lemos*

migratória nos séculos XIX e XX, mas consolidaram suas comunidades e foram preservadas, pois ficaram à margem do desenvolvimento econômico predatório que destruiu o cerrado em quase todo o Estado de Goiás.

Hoje, Cavalcante vive um processo intenso de dinamização da sua economia, com participação expressiva do turismo, que lhe proporciona inúmeros benefícios, mas lhe impõe preocupações quanto aos impactos negativos que colocam em risco seu patrimônio natural e cultural.

Diante disso, os poderes públicos dos níveis federal, estadual e municipal são chamados a intervir, como foi evidenciado anteriormente, para que esse processo de desenvolvimento com base na economia do turismo tenha seus impactos controlados a fim de evitar a destruição das riquezas naturais, que se destacam cada vez mais como a melhor opção para o turismo no coração do Brasil. Contudo, as condições para isso são bastante precárias, o que está claro nos planejamentos do Ministério do Turismo e da Agência Goiana de Turismo e nas opiniões dos operadores locais apresentadas no seminário já relatado.

O potencial turístico de Cavalcante bem como seus problemas e desafios não diferem muito dos demais municípios da região Nordeste de Goiás, tais como natureza preservada, belezas cênicas, rios, cachoeiras, etc. Entretanto, Cavalcante destaca-se em vários aspectos, que serão descritos a seguir.

### *5.1 Descrição do município de Cavalcante*

O município de Cavalcante, apesar do desmembramento de vários de seus distritos, ainda continua sendo um dos maiores do Estado de Goiás, com 6.953,646 km<sup>2</sup> (GOIÁS, 2004, p. 78), abrangendo dois terços do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, a maior parte do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, além de diversas reservas particulares do patrimônio natural e a proximidade com o lago da barragem de Cana Brava e da Serra da Mesa.

Cavalcante é um município com grande potencial turístico, cercado por cachoeiras, lugares exóticos [*sic*] e paradisíacos, com águas cristalinas e paisagem de beleza ímpar. Cachoeiras, como a de Santa Bárbara, que forma um poço de cor azul piscina, a da Prata, com várias quedas formando piscinas naturais, fazem de Cavalcante um paraíso turístico [...] possui uma infinidade de regatos e nascentes de águas, cercado pelos rios Paranã, Preto, Tocantins, Pedras, Almas e Claro. A preservação do ambiente é notadamente um fator de atração

para o ecoturismo, e as serras, morros, trilhas e cachoeiras tornam a região propícia à prática de esportes radicais [...] O turismo, em suas diversas modalidades, está no vértice do desenvolvimento sustentável do município. O setor possui capacidade de gerar investimentos e conseqüentemente emprego e renda para a população (GOIÁS, 2004, p. 78).

O núcleo urbano de Cavalcante localiza-se a aproximadamente 90 km ao norte da cidade de Alto Paraíso-GO, à qual se liga por estrada asfaltada em boas condições, ladeada pelas paisagens do Parna-CV, permitindo um passeio bastante agradável aos visitantes. Suas distâncias dos grandes centros urbanos do país são as seguintes:

<b>Principais distâncias de Cavalcante</b>			
Goiânia – 505 km	Brasília – 297 km	São Paulo – 1.312 km	Rio de Janeiro – 1.455 km
(GOIÁS, 2004, p. 78)			

A reserva do bioma cerrado no município de Cavalcante abriga nascentes que abastecem a grande bacia do rio Tocantins, que desemboca no Amazonas, cujo percurso servia como hidrovia para o escoamento de produtos de Cavalcante até a cidade de Belém-PA, de onde eram trazidos vários insumos, dentre eles o sal.

O cerrado em Cavalcante é quase que intocado e conservado [...] há centenas de nascentes de água cristalina que abastecem importantes bacias hidrográficas. Flora e fauna podem ser observadas enquanto os turistas passeiam por trilhas ecológicas ou caminhos entrecortados por serras e vales (Disponível em: <<http://www.goiasturismo.go.gov.br/br/component/content/article/36-cidades/72-cavalcante.html>>).

#### Cavalcante Kalunga:

Falar de Cavalcante também é falar do povo Kalunga, pois a população é bastante miscigenada, composta de Kalungas, baianos e descendentes de bandeirantes paulistas. No município existem cerca de vinte comunidades remanescentes dos quilombos, descendentes de escravos africanos das minas de ouro do século XVIII. Essas comunidades estão disseminadas na zona rural e mantêm sua história e tradições conservadas, com práticas de rituais de profunda religiosidade e danças folclóricas autenticamente afro-brasileiras.

O município promove festas folclóricas, como as juninas, a Romaria do Engenho, em julho, a Romaria do Vão do Muleque e a de Nossa Senhora do Livramento, em setembro. As festas e danças típicas da comunidade Kalunga são mais do que simples rituais. Segundo a antropóloga Mari de Nazaré Baiocchi, “a festa de São João, por exemplo, é mais que uma simples cerimônia. Em seus rituais e simbologia revive a África, corporificando-a, utilizando um sincretismo original praticado por toda a comunidade” (GOIÁS, 2004, p. 78).

Anualmente se realizam romarias a diversos santos: Nossa Senhora D’ Abadia, São Gonçalo, Nossa Senhora do Livramento, Santo Antônio, Nossa Senhora Sant’ Ana, entre outros, e isso atrai muitos visitantes que prestigiam as romarias e as festas do Império, Caçada da Rainha e Folias [...] Sítio Histórico e do Patrimônio Cultural Kalunga, onde se encontram o povoado, que é o

remanescente mais numeroso de quilombos do Brasil, aproximadamente 3.600 pessoas (Disponível em: <<http://www.goiasturismo.go.gov.br/br/component/content/article/36-cidades/72-cavalcante.html>>. Acesso em: 14/07/2011).

#### 5.1.1 Tendência atual: ecoturismo em Cavalcante

Cavalcante aparece como o novo polo de desenvolvimento do ecoturismo, pois alia uma natureza praticamente intocada, repleta de locais de beleza singular, aos aspectos culturais da região, cujas raízes remontam ao início do desbravamento desta porção do território brasileiro, e conta também com os Kalunga (DAMANDO, 2003, p. 33).

#### 5.1.2 Atrativos turísticos do município

[...] melhores locais para praticar rapel, *trekking*, voo livre, canoagem, parapente, balonismo, exploração de cavernas, escaladas, *rafting*, *cross country* e outros. Além de um mergulho na história do povo Kalunga, a maior e mais importante comunidade remanescente de quilombos do Brasil (Disponível em: <<http://www.goiasturismo.go.gov.br/br/component/content/article/36-cidades/72-cavalcante.html>>. Acesso em: 14/07/2011).



*Cascata no Rio Capivara - Engenho II  
Foto Joel Lemos*

### 5.1.3 Monitoramento e planejamento do turismo em Cavalcante

Observação em tempo real. Esta é a metodologia aplicada pelo Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília (CET/UnB) para a percepção de necessidades e problemas de modo que sejam possíveis intervenções mais rápidas e eficazes. Trata-se do Projeto Observatórios para o Turismo Sustentável em Cavalcante e Cristalina (CET/UnB – FBB, 2008):

O Centro de Excelência em Turismo (CET) da Universidade de Brasília desenvolve, desde março de 2008, no município de Cavalcante, o Projeto Observatórios para o Turismo Sustentável, com patrocínio da Fundação Banco do Brasil. Diferente de outros Observatórios em turismo, a metodologia proposta pelo CET ressalta um observatório para o turismo cuja observação, em tempo

real, permita a percepção de novas necessidades, bem como problemas locais ou regionais, e, de imediato, possibilite interação e iniciativas compartilhadas para intervenção nos processos de seu desenvolvimento. Sua estruturação fundamenta-se numa forma de organização para o planejamento e o monitoramento do desenvolvimento do turismo de forma sustentável de forma participativa e cooperativa, sendo constituída para este fim uma instância de governança local em turismo denominada Comitê Gestor. Trata-se, portanto, de organizar um planejamento participativo e um monitoramento e gestão compartilhados do processo de desenvolvimento turístico, buscando eficiência e sustentabilidade social, econômica e ambiental. Neste processo, o CET-UnB, mediante sua capacidade de pesquisa e ensino na Universidade de Brasília e sua experiência na área de turismo, apresenta dois produtos resultantes da metodologia do projeto: *a pesquisa de perfil e satisfação do turista em Cavalcante e o monitoramento da atividade turística*. Esses instrumentos possibilitarão legitimar a tomada de decisão em turismo com o menor risco possível, contribuindo sensivelmente para os gestores públicos, os empreendedores em turismo e os demais envolvidos diretamente e indiretamente com a atividade turística desenvolverem estratégias para um desenvolvimento local pelo turismo de forma sustentável, atendendo aos desejos e às necessidades dos turistas que visitam Cavalcante. A primeira parte deste relatório apresenta a pesquisa do perfil e da satisfação do turista, em sequência, o monitoramento da atividade turística em Cavalcante (CET/UnB – FBB, 2008).

#### 5.1.4 Gestão participativa do turismo em Cavalcante

[...] em Cavalcante, constatou-se desde o início o interesse e a percepção da importância do Observatório para o desenvolvimento sustentável do turismo local como instrumento para geração de emprego e renda no município. Dessa forma, o *trade*, o poder público e a comunidade residente, particularmente os Kalunga, envolveram-se na discussão e nas providências discutidas e decididas nas reuniões do Observatório. Foi como se Cavalcante estivesse muito consciente de sua vocação, conhecedora de suas limitações em infraestrutura e mobilizada para atrair um turista de qualidade e com maior poder aquisitivo, que preservasse a cultura e as tradições locais. Assim, as reuniões do Comitê Gestor em Cavalcante eram sempre bastante disputadas em termos de participantes com discussões relevantes para a construção de um modelo de desenvolvimento em turismo de forma sustentável (SOUZA, 2009, p. 15).

#### 5.1.5 Política de turismo de Cavalcante

Atualmente, a administração municipal não tem um plano de desenvolvimento turístico, conforme informações obtidas com o ex-secretário de Turismo de Cavalcante, sr. João Lino, e com a presidente do Conselho Municipal de Turismo (Comtur), sra. Liliane Mascarenhas, nas entrevistas realizadas neste levantamento. Essa situação está formalmente registrada no Informativo Trimestral de Atividades nº 01 do Comtur de Cavalcante, Goiás, de 16 de julho de 2011, lançado com o objetivo de resumir o que vem sendo realizado por essa instância. Neste, consta a criação de câmaras técnicas para a

ativação do Fundo de Turismo (Fundetur) e para a elaboração do Plano Municipal de Turismo, inexistente até então.

Porém, encontra-se em fase de andamento o Projeto de Fomento ao Parque, com o apoio do Sebrae-Goiás, que deve embasar-se nos estudos diagnósticos, na elaboração de cenários futuros, no zoneamento turístico, no plano de ações, no sistema de informações e monitoramento e nos mecanismos fiscais e financeiros. Isso ressalta ainda mais a importância das informações que podem ser coletadas pelo Observatório para o Turismo Sustentável de Cavalcante.

Segundo Liliane Mascarenhas, presidente do Comtur, a nova diretoria eleita em abril deste ano tem o compromisso de fortalecer o processo de estudos, reflexões e debates necessários para a elaboração dos instrumentos para a gestão do turismo responsável e sustentável no município, envolvendo a participação de representantes das comunidades urbanas e rurais, dentre estas os Kalunga (COMTUR, 2011).

Com base nessas informações, pode-se afirmar que ainda não existe uma política municipal de turismo em Cavalcante e que o poder público local não realiza ações estruturadas, integradas e coordenadas para o desenvolvimento da economia do turismo no Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga.

## Membros do Comtur Cavalcante-GO

(ano 2011)

- Liliâne Mascarenhas (presidente) (mascarenhas.liliane@yahoo.com.br)
- Ernandes Queiroz (recém-nomeado secretário de Turismo)
- Felipe Machado
- Jorge Elias F. Cheim
- Juvecy Batista da Silva
- Maria Alice F. da Silva
- Mônica S. Hohlenwerger
- Vilmar Souza Costa

**Contatos:** comturcavalcantego.blogspot.com  
(COMTUR, 2011)

### 5.1.6 Diagnóstico socioeconômico de Cavalcante

A população cavalcantense é pouco numerosa, comparada com o perfil de outros municípios goianos, e isso se ressalta quando se leva em conta a dimensão do território municipal – 6.953,646 km<sup>2</sup> (GOIÁS, 2004, p. 78). Outro aspecto a ser notado é o equilíbrio das quantidades referentes às zonas rural e urbana, aos sexos e à idade, como pode ser visto no quadro seguinte:

<b>Quadro _7_ – Censo IBGE 2010 – Cavalcante-GO</b>		
<b>Código: 520530</b>		
<b>Descrição</b>	<b>Valor</b>	<b>Unidade</b>
População residente	9392	Pessoas
População residente urbana	4742	Pessoas
População residente rural	4650	Pessoas
Homens	4915	Homens
Homens na área urbana	2331	Homens
Homens na área rural	2584	Homens
Mulheres	4477	Mulheres
Mulheres na área urbana	2411	Mulheres
Mulheres na área rural	2066	Mulheres
Homens de menos de 1 ano de idade	89	Homens
Homens de 1 a 4 anos de idade	370	Homens
Homens de 5 a 9 anos de idade,	515	Homens

Homens de 10 a 14 anos de idade	594	Homens
Homens de 15 a 19 anos de idade	518	Homens
Homens de 20 a 24 anos de idade	362	Homens
Homens de 25 a 29 anos de idade	337	Homens
Homens de 30 a 34 anos de idade	305	Homens
Homens de 35 a 39 anos de idade	310	Homens
Homens de 40 a 44 anos de idade	282	Homens
Homens de 45 a 49 anos de idade	262	Homens
Homens de 50 a 54 anos de idade	237	Homens
Homens de 55 a 59 anos de idade	202	Homens
Homens de 60 a 64 anos de idade	151	Homens
Homens de 65 a 69 anos de idade	129	Homens
Homens de 70 a 74 anos de idade	121	Homens
Homens de 75 a 79 anos de idade	71	Homens
Homens de 80 a 84 anos de idade	36	Homens
Homens de 85 a 89 anos de idade	20	Homens
Homens de 90 a 94 anos de idade	2	Homens
Homens de 95 a 99 anos de idade	2	Homens
Homens de 100 anos ou mais de idade	-	Homem
Mulheres de menos de 1 ano de idade	99	Mulheres
Mulheres de 1 a 4 anos de idade	349	Mulheres
Mulheres de 5 a 9 anos de idade	506	Mulheres
Mulheres de 10 a 14 anos de idade	576	Mulheres
Mulheres de 15 a 19 anos de idade	472	Mulheres
Mulheres de 20 a 24 anos de idade	347	Mulheres
Mulheres de 25 a 29 anos de idade	321	Mulheres
Mulheres de 30 a 34 anos de idade	308	Mulheres
Mulheres de 35 a 39 anos de idade	289	Mulheres

Mulheres de 40 a 44 anos de idade	260	Mulheres
Mulheres de 45 a 49 anos de idade	204	Mulheres
Mulheres de 50 a 54 anos de idade	195	Mulheres
Mulheres de 55 a 59 anos de idade	172	Mulheres
Mulheres de 60 a 64 anos de idade	109	Mulheres
Mulheres de 65 a 69 anos de idade	108	Mulheres
Mulheres de 70 a 74 anos de idade	64	Mulheres
Mulheres de 75 a 79 anos de idade	49	Mulheres
Mulheres de 80 a 84 anos de idade	23	Mulheres
Mulheres de 85 a 89 anos de idade	16	Mulheres
Mulheres de 90 a 94 anos de idade	8	Mulheres
Mulheres de 95 a 99 anos de idade	2	Mulheres
Mulheres de 100 anos ou mais de idade	-	Mulheres
Domicílios recenseados	4261	Domicílios
Domicílios particulares ocupados	2688	Domicílios
Domicílios particulares ocupados com entrevista realizada	2601	Domicílios
Domicílios particulares ocupados sem entrevista realizada	87	Domicílios
Domicílios particulares não ocupados	1546	Domicílios
Domicílios particulares não ocupados de uso ocasional	863	Domicílios
Domicílios particulares não ocupados vagos	683	Domicílios
Domicílios coletivos	27	Domicílios
Domicílios coletivos com morador	9	Domicílios
Domicílios coletivos sem morador	18	Domicílios
Média de moradores em domicílios particulares ocupados	3,48	Moradores
Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.		
Site: < <a href="http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1">http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1</a> >		
Acesso em: 18/07/2011		

<b>Evolução da população residente em Cavalcante</b>				
1991	1996	2000	2001	2002 <sup>1</sup>
<b>8.156</b>	<b>9.510</b>	<b>9.150</b>	<b>9.253</b>	<b>9.359</b>
Fonte: IBGE. Elaboração: Seplan-GO/Sepin/Gerência de Estatísticas Socioeconômicas – 2003				
(1) Estimativa				
Extraído de: GOIÁS, 2004, p. 143.				

Para maiores dados e informações sobre o perfil socioeconômico de Cavalcante, recomendamos consultar o estudo elaborado pela Superintendência de Estatística, Pesquisa e Informação – Sepin/Seplan/governo de Goiás. Para os fins deste estudo diagnóstico, foram consideradas como suficientes as seguintes percepções do Observatório para o Turismo Sustentável de Cavalcante:

[...] escolaridade média de pouco mais de dois anos de estudo para os de 25 anos ou mais. Embora os dados possam ter aumentado nos últimos anos, a comparação com Goiás e Brasil preocupa [...]

As maiores despesas [da prefeitura e do governo do estado] são com educação e saúde, o que mostra a preocupação dos governos com o problema. Os gastos com habitação e urbanismo são baixos e seriam importantes para garantir uma infraestrutura turística adequada.

Apesar do crescimento da renda *per capita*, a desigualdade aumentou. Isso pode ter sido responsável pelo fato da melhora na pobreza ter sido muito pequena. A situação é ainda muito grave, sobretudo em Cavalcante, onde a pobreza em 2000 era ainda de mais de 70% da população. Mesmo tendo melhorado, a renda *per capita* mostrou níveis muito baixos [...]

A produção *per capita* aumenta pouco em Cavalcante entre 2002 e 2005[...] o PIB industrial é o maior, em vista da existência de empresa de energia elétrica. Os dados que veremos adiante mostrarão que apesar de importante no PIB essa indústria de energia elétrica não traz empregos ou benefícios para a maior parte da população.

Em Cavalcante o turismo já é muito importante localmente [...] O emprego em setores turísticos cresce [...], o crescimento é bem maior em alojamentos e alimentação [...] Em Cavalcante é o setor de serviços onde está o turismo [que mais cria empregos] (CET/UnB. Observatórios para o Turismo Sustentável: Diagnóstico Socioeconômico dos municípios de Cavalcante e de Cristalina; slides Power Point).

De modo geral, podemos compreender a situação do município de Cavalcante nesse início da segunda década do século XXI como sua nova oportunidade de desenvolvimento e de projeção da sua importância para o mundo. Nesse novo contexto, ficam ressaltadas suas dificuldades históricas de tal modo ser impossível o adiamento de soluções. As carências são de toda natureza e envolvem toda a população, mas suas dimensões não são

gigantescas, a população é pequena, e as soluções não exigem grandes complexidades tecnológicas ou o aporte de enormes recursos. A prosperidade do Estado de Goiás não condiz com o estado de relativo abandono desse enorme e rico município. A economia local é diversificada e pode facilmente promover a criação de emprego e renda, especialmente nas atividades turísticas urbanas e rurais. Os Kalunga estão sendo chamados a participar desse processo de desenvolvimento econômico e estão contribuindo de modo bastante significativo para isso, como pode ser visto mais adiante, quando se apresenta o contraste entre a precariedade da vida rural e a exuberância da natureza no maior território de comunidade quilombola do Brasil.



## 6 Brasil quilombola

Uma das questões emergenciais para o Brasil, segundo Anjos (2006), é a situação das comunidades oriundas de quilombos, que implicam diferentes tipos de territórios de matriz africana decorrentes do sistema escravista que Portugal implantou na colonização do Brasil. Para esse autor, falta a essas comunidades visibilidade territorial e social, o que se agrava pela memória silenciada e pela ausência das mesmas na historiografia oficial. Diante disso, afirma que “essas comunidades tradicionais quilombolas constituem territórios étnicos de resgate e manutenção das heranças africanas sobreviventes no país e correm risco de desestruturação social, econômica, política e territorial” (p. 19).

Baiocchi (1999) esclarece que o termo quilombo pode ser compreendido como “acampamento guerreiro na floresta” (p. 35). Anjo (2006) acrescenta os seguintes significados: habitação, floresta, guerreiro e “lugar para estar com Deus”, esclarecendo que, no Brasil, sua ocorrência permite a reconstrução de um tipo de organização territorial de origem africana no contexto do escravismo português, como destaca o seguinte trecho:

O quilombo reconstrói concretamente um tipo de organização territorial de origem africana no novo espaço denominado Brasil e funciona como uma verdadeira válvula de escape para diluir a violência da escravidão durante os quase quatro séculos de tensões e confrontos de classes no sistema escravista. Significava a busca de proteção e segurança, por igualdade de condições e liberdade de acesso à terra (ANJOS, 2006, p. 46).

Pela primeira vez na história do Brasil, o governo federal, sob a presidência de Luiz Inácio Lula da Silva, voltou sua atenção para a perversa realidade quilombola. Nesse sentido, foi criado o Programa Brasil Quilombola no ano de 2005, mobilizando a participação de vários ministérios, sob a coordenação da Secretaria Especial de Promoção e Políticas da Igualdade Racial (Seppir). O grande compromisso assumido por meio desse programa foi a melhora das condições de vida e o fortalecimento dos direitos das comunidades remanescentes de quilombos, promovendo o acesso aos bens e serviços sociais necessários ao desenvolvimento, considerando os princípios socioculturais dessas comunidades.

Programa Brasil Quilombola (06/12/2005). Programa Brasil Quilombola, sob coordenação da Secretaria Especial de Promoção e Políticas da Igualdade Racial (Seppir), integra um conjunto de ações de vários órgãos federais para fazer valer

os direitos das comunidades quilombolas. Melhorar as condições de vida e fortalecer a organização das comunidades remanescentes de quilombos por meio da promoção do acesso aos bens e serviços sociais necessários ao desenvolvimento, considerando os princípios socioculturais dessas comunidades, é o compromisso do governo federal. O MDA compartilha esse compromisso e participa desse programa desenvolvendo uma ação integrada de seus órgãos, sob a coordenação do Programa de Promoção da Igualdade de Gênero, Raça e Etnia (Disponível em: <http://sistemas.mda.gov.br/aegre/index.php?sccid=587>. Acesso em: 13/08/2011).

No tocante à regularização fundiária, os territórios quilombolas foram contemplados primeiramente na Constituição Cidadã de 1988 e, em seguida, na aprovação do Decreto nº 4.887/2003 e inclusão no Plano Nacional de Reforma Agrária (PNRA), conforme o trecho transcrito a seguir:

Regularização fundiária (06/12/2005). Os territórios quilombolas tiveram seu primeiro reconhecimento com a Constituição Federal de 1988, por meio do artigo 68 das suas Disposições Transitórias, que atribuiu ao Estado o dever de emitir os títulos respectivos. O Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003, atribuiu ao Ministério do Desenvolvimento Agrário, por meio do Incra, a implementação das ações de regularização fundiária dos quilombolas e garantiu a possibilidade de desapropriação de áreas particulares para esse fim. Pela primeira vez na história do nosso país, essas ações foram incorporadas ao Plano Nacional de Reforma Agrária (PNRA), garantindo um processo participativo e gestão específica para essas comunidades. O Programa de Promoção da Igualdade de Gênero, Raça e Etnia do MDA coordena, em conjunto com o Incra, a implementação de uma política de regularização fundiária que garanta o direito de uso e posse, bem como o acesso aos instrumentos de política pública que favoreçam a permanência dos quilombolas na terra (Disponível em: <http://sistemas.mda.gov.br/aegre/index.php?sccid=580>). Acesso em: 13/08/2011).

Em 2 de junho de 2011, o governo Dilma lançou o Programa Brasil sem Miséria para o período de 2012 a 2015, disponibilizando cerca de R\$ 20 bilhões por ano para estratégias diferenciadas, visando ao atendimento das necessidades de mais de 16,3 milhões de brasileiros de modos diferenciados, inclusive nas comunidades quilombolas. O objetivo do Programa Brasil sem Miséria é promover a inclusão social e produtiva da população extremamente pobre por meio da elevação da renda familiar *per capita*, da ampliação do acesso aos serviços públicos, às ações de cidadania e de bem-estar social e da ampliação do acesso às oportunidades de ocupação e renda com base em ações de inclusão produtiva nos meios urbano e rural (Disponível em:

[http://www.presidencia.gov.br/noticias/ultimas\\_noticias/2011/07/brasil-sem-miseria-e-estrategico-no-planejamento-2012-2015-da-uniao/?searchterm=quilombolas](http://www.presidencia.gov.br/noticias/ultimas_noticias/2011/07/brasil-sem-miseria-e-estrategico-no-planejamento-2012-2015-da-uniao/?searchterm=quilombolas)). Acesso em: 13/08/2011).

Contudo, desde 2008 o Programa Territórios da Cidadania está em curso, objetivando promover o desenvolvimento econômico e universalizar programas de cidadania por meio de uma estratégia de desenvolvimento territorial sustentável que integra 22 ministérios, estados e municípios, cujas ações alcançarão cerca de 810 comunidades quilombolas, as quais representam 66% do total existente no Brasil. Esse programa, envolvendo a participação do IICA, Nead, Gesac, Incra, Ministério das Comunicações, Ministério do Desenvolvimento Agrário e contemplou o Engenho II com uma Casa Digital, que está pronto para iniciar seu funcionamento como um Telecentro Comunitário Kalunga. (Disponível em: <[http://www.presidencia.gov.br/noticias/ultimas\\_noticias/2011/06/territorios-da-cidadania-discutem-plano-brasil-sem-miseria-em-joao-pessoa/?searchterm=comunidades-quilombolas](http://www.presidencia.gov.br/noticias/ultimas_noticias/2011/06/territorios-da-cidadania-discutem-plano-brasil-sem-miseria-em-joao-pessoa/?searchterm=comunidades-quilombolas)>. Acesso em: 13/08/2011).

Em agosto de 2011, o Ministério da Educação iniciou uma série de audiências públicas com a finalidade de colher subsídios para a elaboração das diretrizes curriculares nacionais para a educação escolar quilombola. Em Brasília, acontecerá aquela que atenderá aos municípios das regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul. Para isso, foi formada uma comissão especial com representantes indicados pela Coordenação Nacional de Articulação de Comunidades Negras Rurais Quilombolas (Conaq), uma pesquisadora de educação escolar quilombola e representantes da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (Secadi) do MEC e da Secretaria de Promoção da Igualdade Racial (Seppir). Para contribuir com as discussões, serão convidados gestores, docentes, estudantes, representantes de comunidades quilombolas, movimentos sociais, organizações não governamentais e pesquisadores. Outros interessados poderão contribuir com mensagens eletrônicas. Ao final, o texto-referência será distribuído às comunidades quilombolas (Disponível em: <[http://www.presidencia.gov.br/noticias/ultimas\\_noticias/2011/07/mec-comeca-a-colher-subsidios-para-a-educacao-quilombola/?searchterm=quilombolas](http://www.presidencia.gov.br/noticias/ultimas_noticias/2011/07/mec-comeca-a-colher-subsidios-para-a-educacao-quilombola/?searchterm=quilombolas)>. Acesso em: 13/08/2011).

O movimento nacional das comunidades negras rurais quilombolas é hoje um dos mais ativos agentes do movimento negro rural no Brasil. Unidos pela força da identidade étnica, os quilombolas construíram e defendem um território que vive sob constante ameaça de invasão, realidade que revela como o racismo age no país. Impede que negros tenham o direito à propriedade, mesmo sendo eles os donos legítimos das terras herdadas dos seus antepassados: negros que lutaram contra a escravidão e formaram territórios livres. Ainda hoje, os descendentes diretos de Zumbi dos Palmares, símbolo máximo da luta do povo negro por liberdade, travam no dia a dia um embate pelo direito à terra. É uma história de resistência que garantiu a continuidade da existência de centenas de quilombos. Sem dúvida uma sobrevivência sofrida, mas com vitórias. Diante da resistência tornou-se impossível para o governo brasileiro não responder às demandas desse movimento. Essa situação foi consolidada a partir da afirmação da ação coletiva expressa na realização do I Encontro Nacional de Comunidades Negras Rurais Quilombolas, realizado em novembro de 1995. As comunidades negras rurais quilombolas alteraram a capacidade de mobilização regionalizada exercitada nas últimas décadas colocando a problemática do negro do meio rural como questão nacional. Como mecanismo de organização constituíram a Coordenação Nacional de Quilombos /Conaq. A Conaq foi criada em maio de 1996, em Bom Jesus da Lapa/Bahia, durante reunião de avaliação do I Encontro Nacional de Quilombos. É uma organização de âmbito nacional que representa os quilombolas do Brasil. Dela participam representantes de comunidades de 22 estados da Federação (Disponível em: <<http://www.conaq.org.br/>>. Acesso em: 13/08/2011).

<b>Municípios com quilombos no Estado de Goiás</b>	
<b>Municípios</b>	<b>Comunidades</b>
Barro Alto	Barro Alto
Teresina de Goiás	Kalunga
Monte Alegre de Goiás	Kalunga
Cavalcante	Kalunga
Mineiros	Cedro
Flores de Goiás	Flores
Luziânia	Mesquita dos Crioulos
Santa Rita do Novo Destino	Pombal

Fonte: Fundação Cultural Palmares – Geogoiás – 2002. Elaboração: Seplan-GO/Sepin/Gerência de Estatísticas Socioeconômicas – 2003



*Portaria para a recepção de Turistas no Engenho II :  
Cobrança de pedágio e contratação de guia.  
Foto Ana Mendes*

## **7 Contexto Kalunga**

Os Kalunga devem ser vistos como um símbolo da luta contra a escravidão, que aconteceu durante o regime escravista implantado pelos portugueses no Brasil, uma luta que contribuiu para a criação do mosaico cultural e social da nação brasileira.

[...] a própria existência das comunidades denominadas Kalunga testemunha que o africano, mesmo na condição de escravo, luta tenazmente para a sobrevivência, construindo uma forma de vida onde possa realizar o exercício da liberdade e solidariedade como normas éticas (BAIOCCHI, 1999, p. 33).

É com esse entendimento que o povo Kalunga é apresentado aos visitantes do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros:

Símbolo da resistência dos negros contra o sistema colonial português, os núcleos de escravos foragidos conhecidos como quilombos mantinham uma organização sociocultural e política próprias. Instalados em zonas de difícil acesso, no meio das

matas ou incrustados nas montanhas, viviam, geralmente, da agricultura de subsistência [...] Considerada uma das maiores comunidades de descendentes de quilombolas do Brasil, o povo Kalunga reside em distintos municípios da Chapada dos Veadeiros, como em Cavalcante, Teresina de Goiás e Monte Alegre de Goiás (PARNA-CV, *folder/2011*).

Para conhecer de modo mais aprofundado os Kalunga quanto aos aspectos próprios de organização social e expressões culturais específicos (especialmente a denominação e a identidade), uma fonte substancial são os estudos e as pesquisas de Mari Baiocchi, que alcançam grande repercussão por sua qualidade. Dentre suas várias obras publicadas, destacam-se duas: (1) *Negros de cedro: estudo antropológico de um bairro rural de negros em Goiás*, por meio do qual revela a existência dos Kalunga para Cavalcante, Goiás, Brasil e o mundo; e (2) *Kalunga: povo da terra*, de onde foram extraídas importantes informações para este diagnóstico.

### 7.1 Aspectos históricos dos Kalunga

A origem dos quilombos Kalunga, assim como a história do município de Cavalcante, está no início do ciclo do ouro no sertão goiano, no início do século XVIII, quando homens e mulheres africanas foram trazidos para o duro trabalho escravo nas minas. Segundo Baiocchi (1999), os Kalunga resultam de movimentos de resistência escrava, lutas, fugas e formação de núcleos de resistência nos vales dos rios entre serras de difícil acesso, nos arraiais de Cavalcante e Monte Alegre. Somente depois de mais de dois séculos de isolamento seus descendentes se tornaram conhecidos, especialmente devido às pesquisas pioneiras dessa autora, que constataram estar ainda viva na memória coletiva a dureza dos tempos de escravidão:

Sabemos hoje que, em épocas diferentes, escravos vindos de São José do Tocantins (hoje Niquelândia), São Domingos, Traíras, Couros, Arraias, São Félix, Santo Antônio, Morro do Chapéu (hoje Monte Alegre), Cavalcante, Pilar, Rio Maranhão, Palmas (hoje Paranã), dos sertões, dos gerais [...] se confraternizam com os indígenas que ocupavam a região, acampam e iniciam a miscigenação biológica e cultural (BAIOCCHI, 1999, p. 29).

A população que hoje se apresenta não se formou de uma origem única, as minas de ouro. Houve, é certo, um processo migratório posterior (BAIOCCHI, 1999, p. 17).

[...] formou-se com quilombolas, índios, posseiros e proprietários de terras que adentravam os sertões (BAIOCCHI, 1999, p. 39).

Kalunga com K ou C é, inegavelmente, uma palavra de origem africana – bantu, com múltiplos significados [...] Kalunga para os Kalunga, moradores do Sítio Histórico, é um lugar sagrado que não pode pertencer a uma só pessoa ou família. É de todos prá's horas de dificuldade. Ali nunca seca, é um pântano. Bom pra plantar (BAIOCCHI, 1999, p. 41).

Antes das pesquisas de Baiocchi, pouco se sabia sobre a existência dos Kalunga, e isso ficava restrito aos moradores dos municípios de Cavalcante, Monte Alegre e Teresina de Goiás, aonde eles vinham vender ou trocar a farinha que fabricavam por víveres, especialmente o sal. Com a divulgação dos resultados alcançados pelo trabalho dessa pesquisadora é que a denominação “Kalunga” ganha os meios de comunicação e eventos acadêmicos e passa a referir-se aos moradores de toda a região, hoje denominada Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga.

Atualmente, o Sítio Histórico e Patrimônio Cultural estão completamente cercado e encontra-se em curso um processo gigantesco de invasão e intervenção nas comunidades de todos os modos possíveis. São muitas iniciativas de órgãos públicos federais, estaduais e municipais da administração direta, autarquias, fundações, institutos, etc. Dentre os órgãos não governamentais há os que têm finalidade lucrativa e aqueles que não, sendo estes de grande, médio e pequeno porte, brasileiros ou estrangeiros. Há ainda as iniciativas de pessoas físicas que prestam serviços aos Kalunga por meio de programas governamentais de distribuição de renda. Também estão em curso muitas invasões lesivas ao patrimônio natural para extração de madeira, minério, caça e pesca. Está em curso também o turismo que desrespeita a vida social e cultural das comunidades.

No conjunto dos projetos que apresentam bons propósitos, observa-se a total falta de integração e coordenação destes. Sendo assim, predominam as ações repetitivas, eventuais, descontinuadas, de abrangência restrita, que não observam os cuidados necessários para a preservação do patrimônio cultural.

Em suma, as comunidades Kalunga vivem sob a ameaça de um intenso processo de invasão que pode causar descaracterização, desagregação e migração para os centros urbanos, podendo chegar ao desenraizamento e à perda da identidade. Essa realidade evidencia ainda mais a importância deste diagnóstico para o planejamento de ações integradas e coordenadas com a participação efetiva de pessoas destas comunidades como protagonistas do seu novo tempo histórico de integração respeitosa à sociedade brasileira.

<b>Quadro _8_ – Alguns parceiros dos Kalunga e seus projetos</b>	
<b>Parceiros</b>	<b>Projetos</b>
- Travessia Ecoturismo - Instituto HSBC Solidariedade - ONG inglesa	Posto de saúde Colégio de ensino médio
- Funcionários do Banco Itaú	Equipamentos para o posto de saúde e para o colégio
- Governo federal	Construção de cem casas (quarenta no Engenho II; sessenta no Vão do Moleque; e nenhuma no Vão de Alma)
- Governo de Goiás	Ajuda financeira (cheque-moradia) para construção e reforma de casas Territórios da Cidadania (aprovado, mas não iniciado)
- Inbra - Ministério das Comunicações - Ministério do Desenvolvimento Agrário - Governo federal	Casa Digital Kalunga do Engenho II Laboratório de Inclusão Digital com 11 computadores e prédio próprio (barracão duas águas). Falta a UnB enviar instrutores
- Universidade de Brasília	Aulas de campo de alunos de vários cursos Vagas no ensino superior para alunos Kalunga em vários cursos
- Instituto Novas Fronteiras	Comodato de máquinas de costura por dois anos, iniciado em julho de 2010
- Prefeitura de Cavalcante	Alvenaria do prédio do Laboratório de Inclusão Digital, com mão de obra da comunidade paga pela Associação Quilombo Kalunga Secretaria Municipal de Turismo: Curso de Conscientização de Guias para o Trabalho com os Visitantes
- UFG - Ministério da Cultura. Programa para Preservação do Patrimônio Cultural Imaterial	Doação de instrumentos musicais, roupas, uniforme e coroa do imperador, ternos para os foliões
- UFG	Farmácia de remédios caseiros
- Empresa Prove - Agroindústria – Brasília-DF	Construiu a indústria de aproveitamento de frutos do cerrado e cultivados. Iniciada a produção de doce de caju, banana, tomate e abacaxi desidratados; chás caseiros. <b>Observação:</b> fora a mangaba, a região do Engenho II não é boa em produção de frutos do cerrado
- Ecodata - Empresa de Goiânia	Apoio técnico e incentivo para a agricultura familiar em 2010
- Deputado estadual José Geda	Doação de ônibus retificado e manutenção deste para o transporte coletivo ligando a comunidade do Engenho II a Cavalcante, que funciona nas terças e quintas-feiras
- Conab	Doação de cestas básicas para todas as famílias Kalunga
- Sebrae	Cursos e kits para os condutores de visitantes Planejamento turístico
- Corpo de Bombeiros de Goiás	Cursos de primeiros socorros Plantão permanente nos feriados
- Cenar - Goiânia	Curso sobre como fazer adubo orgânico
- Paideia - Imaginar Fotografias - Rede de Produtores Culturais da Fotografia no Brasil	Projeto Foto-lata Arte e Ciência: a luz Kalunga na lata Sugestão: incluir no guia turístico algumas fotos feitas neste projeto
- Petrobras	Projeto Kalunga Sustentável
- Universidade Federal de Goiás em parceria com:	Projeto Kalunga Cidadão

Ministério da Cultura; Emater-GO; Semira-GO, Seagro-GO; Anclivepa-GO; Conab; Incra; MDA; Ceasa; Associação Girau; Prefeitura Municipal de Cavalcante.	
Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) Juventude: Programa de Desarrollo y Alcance Juvenil IICA Enterworld – Centro Empreendedores do Mundo Microsoft Unlimited Potential Sebrae Fundación SES – Con todos los jóvenes Prefeitura Municipal de Cavalcante	Projeto Empreender Quilombola: lições para a vida toda.

Nesse estudo diagnóstico, foi notada a grande produção de leis federal e estadual, programas, projetos, artigos, notícias, estudos e pesquisas que abordam a realidade quilombola e outros assuntos de interesse para os Kalunga, evidenciando a necessidade de um levantamento ainda mais ampliado, aprofundado e em maior prazo a fim de fornecer os melhores subsídios para o planejamento e a elaboração de projetos para o desenvolvimento turístico sustentável situado no contexto da economia local, municipal e regional.

## 7.2 Aspectos geográficos e ecológicos

A combinação de três aspectos do território ocupado pelos Kalunga permitiu a eles a sobrevivência numa região de difícil acesso em relativo isolamento e em quase completo desconhecimento do restante do país e do mundo por mais de dois séculos: a extrema irregularidade do terreno; as confusas bacias hidrográficas, que se agigantam durante seis meses de chuvas intensas; e a fauna e a flora abundantes e variadas.

A vegetação da área apresenta-se com predominância de cerrado, com incidência de matas ciliares ou de galeria (BAIOCCHI, 1999, p. 23).

A rede hidrográfica pertence à bacia do rio Tocantins, tendo como principais representantes o rio Paranã e os afluentes rios do Prata, Bezerra das Almas e Ribeirão dos Bois, que se destacam dos demais afluentes pela extensão e pelo volume d'água (BAIOCCHI, 1999, p. 22).

O rio das Almas [...] avoluma-se após receber os córregos ou ribeirões Gameleira, Capivara, Maquiné, Vargem Grande, Bananal, Escorregador, Moxila, Palmeira, Ave Maria, Terra Vermelha (BAIOCCHI, 1999, p. 22).

O clima e principalmente os recursos hídricos moldam o perfil do habitat (...) O período de chuva abrange de novembro a março [...] O período de estiagem

situa-se no trimestre junho-agosto. Os meses de maio, setembro e outubro podem ser considerados de transição (BAIOCCHI, 1999, p. 21-22).

### 7.2.1 Localização do Sítio Histórico Kalunga

A 600 km da capital do Estado de Goiás, Goiânia, e a 330 km de Brasília-DF situa-se a região dos Kalunga. O acesso faz-se por rodovia asfaltada (GO-118), via fluvial (rios Paranã e Almas), estrada à cavaleira sucessivamente, ou ainda por aeronaves, de preferência helicóptero. Hoje a região conta com algumas estradas [...] (BAIOCCHI, 1999, p. 20).

Os platôs e vales serranos às margens do rio Paranã [...] Compreendendo aproximadamente as seguintes coordenadas geográficas: 13° 20' a 13° 27' de latitude sul e 47° 10' a 47° 20' de longitude oeste de Greenwich. Com a divisão do Estado de Goiás e a criação do Estado do Tocantins (1988), altera-se o espaço geopolítico e a localização dos “municípios dos denominados Kalunga”. Hoje se situam na microrregião homogênea Chapada dos Veadeiros, ao nordeste do Estado de Goiás, limitando-se como os municípios de Arraias (TO), Monte Alegre (GO), Teresina de Goiás (GO) e Cavalcante (GO) (BAIOCCHI, 1999, p. 19).

Os “municípios” – “núcleos” assentam-se em uma região acidentada, representada pelas serras do Mendes, Mocambo e Morro da Mangabeira. Às margens do rio Paranã encontram-se as serras da Boa Vista, Contenda, Bom Jardim, Bom Despacho, São Pedro e Muleque. Ainda destacamos Maquiné e Ursa, que se colocam como uma das rotas de entrada para a região dos Kalunga, destacando-se pelas dificuldades que oferecem ao viajante, por serem das mais íngremes. A altitude máxima desse conjunto não ultrapassa os 800 m, as menores altitudes encontram-se ao longo do rio Paranã, na ordem de 300 m. Porém, as pedras dos caminhos são esquecidas quando do alto divisamos os vales e platôs serranos. A beleza da paisagem com 80% de mata nativa completa o cenário do habitat [...] (BAIOCCHI, 1999, p. 21).

## 7.3 Aspectos demográficos

Em diversas fontes consultadas foi possível levantar diferentes contrastes nos dados acerca do quantitativo da população Kalunga. Na estimativa do sr. Sirilo dos Santos Rosa, a população que reside atualmente no Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, que abrange os municípios de Cavalcante, Monte Alegre e Teresina de Goiás, alcança cerca de 8 mil pessoas, enquanto Anjos (2006) cita 6 mil pessoas. No entanto, o IBGE, considerando apenas a zona rural do município de Cavalcante, informa 4.650 pessoas de modo geral, sem fazer distinção dos Kalunga.

Essas diferenças e imprecisões evidenciam a necessidade de realizar o censo geral Kalunga e acompanhar a evolução dessa população nas diversas comunidades, considerando especialmente a migração para os centros urbanos e as taxas de nascimento e

óbito. Dentre outros aspectos descritivos do perfil da população, devem ser considerados também habitação, saúde, escolaridade, atividades econômicas, etc.

<b>Quadro 9 – População Kalunga</b>	
<b>Quantidade</b>	<b>Fonte</b>
8 mil pessoas	População Kalunga em todo o Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, envolvendo os municípios de Cavalcante, Monte Alegre e Teresina de Goiás, na estimativa do sr. Sirilo dos Santos Rosa, presidente da Associação Quilombo Kalunga, 2011
6 mil pessoas	ANJOS, 2006
4.650 pessoas	População residente na zona rural de Cavalcante. Censo IBGE, 2010
3.600 pessoas	População Kalunga em Cavalcante (Disponível em: < <a href="http://www.goiasturismo.go.gov.br/br/component/content/article/36-cidades/72-cavalcante.html">http://www.goiasturismo.go.gov.br/br/component/content/article/36-cidades/72-cavalcante.html</a> >. Acesso em: 14/07/2011)

### 7.3.1 Cem comunidades ou agrupamentos Kalunga

A superfície de 237 mil hectares que compõe o hoje Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga [1] abriga cinco núcleos principais: Contenda, Kalunga, Vão de Almas, Vão do Muleque, Ribeirão dos Negros (nome antigo) ou Ribeirão dos Bois (recente) (BAIOCCHI, 1999, p. 20).

Os cinco núcleos principais ou “municípios” que formam o território dos Kalunga se subdividem em quase uma centena de “agrupamentos” com denominações locais: Contenda, Barra, Riachão, Sucuriú, Cural de Taboca, Saco Grande, Tinguizal, Boa Sorte, Bom Jardim, Areia, São Pedro, Faina, Olho D’Água, Vão de Almas, Caiçara, Jataroba, Tarumã, Saco, Mochila, Boa Vista, Lagoa, Volta do Canto, Terra Vermelha, Congonha, Altamira, Vargem, Ema, Taboca, Fazendinha, Maiadinha, Morro, Choco, Buriti Comprido, Córrego Fundo, Vargem Grande, Borrachudo, Guarió, Limoeiro, Caldas, Sicuri, Vargem Redonda, Ouro Fino, Brejão, Ribeirão, Cauçara ou Caiçara, Solidade, Raizama, Funil, Porcos, Prata, Maquiné, Capela, entre outros (BAIOCCHI, 1999, p. 20).

### 7.4 Aspectos econômicos

As atividades econômicas dos Kalunga foram ditadas, como toda a sua cultura, pela condição de mais de dois séculos de resistência ao escravismo colonial português no Brasil, conformando-se ao nível da subsistência com trabalho coletivo e compartilhamento dos resultados, baseado na organização familiar. Os excedentes são levados aos pontos de troca (escambo) fora do território por uma comitiva de homens Kalungas designados especialmente para isso. Nos tempos mais remotos, o escambo e a busca de insumos, especialmente ferramentas, sementes e sal, levava-os a Belém-PA, navegando o Tocantins (Rota do Sal). Posteriormente, essa difícil jornada foi substituída pelas viagens montadas a

cavalo e animais de carga às cidades do caminho que ligava Cavalcante a Barreiras-BA e a Formosa-GO.

Nos tempos mais recentes, os pontos de troca passaram para os municípios de Cavalcante, Monte Alegre e Teresina de Goiás. Baiocchi descreve vários aspectos dessa economia peculiar, que conseguiu sustentar as necessidades básicas do povo Kalunga sem expor a comunidade ao permanente receio de captura das novas gerações para o trabalho escravo.

[...] essa peculiar economia que mantinha as comunidades e realizava a equidade na distribuição de bens hoje passa por declínio [...] A produção e o consumo poderão ser compartilhados com parentes consanguíneos, parentes afins e “compadres”. O compadrio, alicerçado em sólidas bases, participa também do processo de produção (BAIOCCHI, 1999, p. 94).

#### 7.4.1 A roça

As roças em geral medem de 2.000 m<sup>2</sup> a 4.000 m<sup>2</sup>, dependendo do número de moradores envolvidos no plantio, na colheita e no uso do produto. O plantio é variável, obedecendo ao cronograma determinado para cada tipo de lavoura e tem início em outubro. A colheita varia de acordo com a época do plantio. Geralmente tem início em março, terminando em maio... Usam como instrumentos a enxada e a foice, principalmente. As tarefas são divididas entre mulheres, crianças e homens [...] A colheita é realizada por todos... A agricultura não é mecanizada, em geral não usam fertilizantes e agrotóxicos... Nas roças são plantadas mandioca, milho, amendoim, gergelim, inhame, abóbora, melão, maracujá, melancia e cana, que somados aos cocos comestíveis encontrados na região, baquiri, licuri, catolé, birro, buriti, baru, caju etc. constituem a estrutura alimentar que possibilitou a sobrevivência da população que ali vive – os Kalunga (BAIOCCHI, 1999, p. 94-95).

#### 7.4.2 Produtos

Os produtos básicos da sua agricultura de subsistência são a mandioca, o arroz, o feijão e o milho [...] Além da roça, a horta, os pomares, ao lado da pesca, do extrativismo, do criatório de gado vacum, porcos e aves reforçam a diversidade alimentar (BAIOCCHI, 1999, p. 96).

#### 7.4.3 Comércio: escambo e farinha como elemento de troca simbólica

A droga – “O sistema econômico Kalunga, não monetário, usa o escambo, a troca, para a circulação de bens de consumo, cabendo à farinha, subproduto da mandioca, cumprir o papel principal na troca simbólica – a “droga” [...] A “droga” – farinha reveste-se de importância social como elemento fundamental no processo da troca simbólica realizada entre a população dos Vãos do Muleque, das Almas, do Kalunga, Ribeirão dos Bois e Contenda. A troca simbólica, “droga”, extrapola o território do Sítio Histórico para os municípios limítrofes, inclusive realiza-se com os comerciantes locais e regionais” (BAIOCCHI, 1999, p. 97-98).

[...] mantinham contatos intermitentes com os municípios vizinhos para levar farinha e trazer sal e querosene e com políticos e religiosos em suas festas (BAIOCCHI, 1999, p. 16).

#### 7.4.4 Riquezas minerais

Essa região é de grande importância mineralógica, ressaltando a cassiterita e a tantalita, responsáveis pela intensa atividade garimpeira na década de 1980. Ainda ocorrem mineração aurífera, depósitos secundários de manganês, cristal de rocha e mica (BAIOCCHI, 1999, p. 21).



*Pedra Mó do Engenho II – Marco histórico da  
origem da comunidade local  
Foto Ana Mendes*

#### 7.4.5 Potencial agropastoril

Os solos são variáveis, aptos para a agricultura principalmente às margens do rio Paranã, seus afluentes e vãos de serras. A área agricultável corresponde a 30% dos 237 mil hectares. As pastagens naturais propiciam o criatório de gado vacum e cavalari (BAIOCCHI, 1999, p. 21).

#### 7.5 Aspectos socioculturais

O fato de os Kalunga terem permanecido distantes dos centros urbanos, num lugar inóspito e de difícil aproximação, fez deles um dos poucos exemplos, senão único, de remanescentes de escravos negros que quase não sofreram influências externas em seu modo de vida. Esse isolamento lhes atribui uma identidade e cultura únicas, a ser preservada e conservada, e caso não traga maiores consequências à população autóctone, explorada turisticamente (ressalvo decisão e aceitação da comunidade) (SIRICO, 2008, p. 26).

#### 7.6 Aspectos políticos e fundiários

O Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga foi criado pela Lei Estadual nº 11.409/1991, após esforços dos membros das comunidades e do Projeto Kalunga – Povo da Terra (1981-1996) da Universidade Federal de Goiás (UFG), coordenado por Mari Baiocchi. Após a criação do Sítio Histórico, teve início a luta para demarcação, titulação e registro do território, ainda não concluída. Todavia, essa nova condição tem assegurado a defesa dos direitos dos cidadãos Kalunga, conforme suas tradições, apesar das permanentes ameaças que esse povo vem sofrendo de invasores mal-intencionados.

Os “espaços do homem” abrigam casas, roças e o morador. O morador é o cidadão que usufrui dos direitos e cumpre os deveres repassados familiarmente e socialmente. O direito essencial do morador é possuir a terra, a moradia (casa). O morador tem seu espaço definido. Na definição do espaço leva-se em conta a reprodução da vida. A divisão territorial simbólica é preservada e permite que todos tenham abundância de víveres. Ir e vir, o uso das águas, caçar e pescar são direitos de todos... A ordem jurídica Kalunga está estruturada em benefício do homem e do bom uso do seu espaço. Não existe dicotomia entre o código legal e o morador-cidadão, nem poder autoritário... A sociedade endogâmica fortalece sempre os laços de parentesco por alianças entre clãs e linhagens. Os casamentos realizam-se preferencialmente entre primos de 2º e 3º graus moradores em núcleos diferentes, sendo o “casamento na fogueira” representante do ritual mais em uso, porém o casamento católico por ocasião das festas também é realizado. A residência será patrilocal ou matrilocar” (BAIOCCHI, 1999, p. 76-77).

## Decreto de 20 de novembro de 2009

Declara de interesse social, para fins de desapropriação, os imóveis abrangidos pelo "Território Quilombola Kalunga", situado nos municípios de Cavalcante, Teresina de Goiás e Monte Alegre de Goiás, Estado de Goiás.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso das atribuições que lhe conferem os arts. 84, inciso IV, e 216, § 1º, da Constituição, e tendo em vista o disposto no art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e na Lei nº 4.132, de 10 de setembro de 1962, combinado com o art. 6º do Decreto-Lei nº 3.365, de 21 de junho de 1941,

DECRETA:

Art. 1 Ficam declarados de interesse social, para fins de desapropriação, nos termos dos arts. 5º, inciso XXIV, e 216, § 1º, da Constituição, e 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, os imóveis sob domínio válido abrangidos pelo "Território Quilombola Kalunga", com área de duzentos e sessenta e um mil, novecentos e noventa e nove hectares, sessenta e nove ares e oitenta e sete centiares, situados nos Municípios de Cavalcante, Teresina de Goiás e Monte Alegre de Goiás, Estado de Goiás, com o seguinte perímetro: inicia no ponto P01, situado na confluência do rio Prata, definida pelas coordenadas geográficas de latitude - 13°06'06,496783" e longitude - 47°37'55,156333", Datum horizontal SAD-69 e pela coordenada plana UTM N=8550114.38 m, E=214608.73 m, referida ao Meridiano Central 45° WGR; daí, segue pelo referido rio com extensão de 53.123,80 m, chegando ao ponto GK-7, cravado na confluência do rio Prata com o rio Bezerra, de coordenada UTM N=8532721.52 m, E=240915.60 m; deste, segue pelo rio Bezerra com extensão de 35.145,64 m, chegando ao ponto P-02, situado na Serra das Contendas, de coordenada plana UTM N=8540215.27 m, E=260469.11 m; daí, segue pela referida serra com os seguintes azimutes e distâncias: 140°02'00" - 1234,94 m; 95°17'10" - 302,07 m; 141°00'58" - 299,49 m; 130°23'04" - 248,77 m; 122°17'32" - 183,51 m; 114°05'09" - 338,29 m; 111°14'46" - 417,50 m; 141°26'13" - 984,94 m; 109°06'24" - 1399,31 m; 154°07'01" - 1256,23 m; 165°29'49" - 906,84 m; 146°53'17" - 1045,48 m; 176°34'45" - 413,12 m; 123°26'34" - 267,95 m; 166°25'17" - 185,20 m; 139°07'40" - 439,50 m; 101°24'53" - 149,06 m; 179°04'21" - 673,41 m; 153°31'00" - 938,02 m; 165°16'51" - 632,24 m; 175°45'25" - 1673,80 m; 211°43'32" - 1669,76 m; 186°49'43" - 339,11 m; 212°18'47" - 1366,32 m; 247°24'42" - 908,65 m; 236°25'46" - 223,45 m; 193°29'44" - 3922,18 m; 144°04'34" - 262,99 m; 215°43'14" - 563,71 m; 227°43'51" - 626,30 m; 213°34'40" - 330,77 m; 196°39'55" - 326,35 m; 208°54'27" - 234,49 m; 258°31'12" - 148,73 m, passando pelos pontos P-03, P-04, P-05, P-06, P-07, P-08, P-09, P-10, P-11, P-12, P-13, P-14, P-15, P-16, P-17, P-18, P-19, P-20, P-21, P-22, P-23, P-24, P-25, P-26, P-27, P-28, P-29, P-30, P-31, P-32, P-33, P-34, P-35, P-36; daí, segue por uma grota abaixo numa extensão de 1768,52 m até o ponto P-37; daí, segue pelo município de Monte Alegre de Goiás com os seguintes azimutes e distâncias: 191°11'11" - 1035,67 m; 172°20'44" - 626,22 m; 192°40'26" - 1249,84 m; 176°46'25" - 835,65 m; 121°22'47" - 506,23 m; 177°30'25" - 663,47 m; 218°37'59" - 1071,80 m; 176°48'36" - 232,72 m; 237°16'13" - 773,55 m; 221°06'43" - 873,69 m, passando pelos pontos P-38, P-39, P-40, P-41, P-42, P-43, P-44, P-45, P-46, P-47; daí, segue por uma grota com uma extensão de 2244,44 m, até o ponto P-48, situado no encontro da referida grota com o rio Paranã; daí, segue pelo rio Paranã com extensão de 2431,64 m até o ponto M-71; daí, segue pelo Município de Teresina de Goiás com o azimute e distância de 88°22'10" e 5.142,76 m até o ponto GK2, situado na margem da Rodovia GO-118; daí, segue no mesmo município com os seguintes azimutes e distâncias até o ponto MB4: 170°22'06" - 3.619,791 m; 172°38'45" - 2.419,573 m; 208°55'47" - 756,146 m; 156°23'9" - 1.226,293 m; 172°54'55" - 1.192,513 m; 188°40'06" - 1.047,609 m; 210°27'05" - 842,966 m; 166°47'51" - 1.005,817 m; 159°40'40" - 988,751 m, passando pelos pontos MI, ME5, ME21, ME26, MB39, MB30, MB19, MB12; daí, segue, dividindo com o Município de Nova Roma e pela Serra do Boqueirão, até o ponto ME10 com os seguintes azimutes e distâncias: 194°33'04" - 1.674,084 m; 193°15'15" - 216,321 m; 201°47'03" - 1.408,078 m; 199°55'18" - 1.392,015 m; 194°16'59" - 1.349,648 m; 200°45'43" - 1.170,588 m; 176°00'56" - 1.226,178 m; 180°58'52" - 953,264 m; 174°02'18" - 917,632 m; 154°54'24" - 1.041,611 m; 120°35'45" - 591,879 m; 153°10'05" - 595,104 m; 222°28'15" - 436,581 m; 267°15'25" - 703,374 m; 228°28'44" - 960,458 m;

203°45'06" - 1.446,305 m; passando pelos pontos ME6, ME14, ME25, ME31, ME37, ME44, ME50, ME57, ME63, ME69, M73, ME76, ME77, ME82, ME86; daí, segue até o ponto EK7, situado na margem da Rodovia GO-118, com os seguintes azimutes e distâncias: 227°59'04" - 1.172,915 m; 235°04'45" - 1.040,510 m; 266°43'57" - 555,608 m; 290°40'28" - 283,240 m; 339°26'38" - 213,600 m; 2°09'40" - 265,188 m; 325°54'18" - 392,460 m; 300°08'31" - 216,251 m; 39°14'32" - 135,740 m; 351°59'28" - 1.088,099 m; 342°56'57" - 568,618 m; 268°55'44" - 1.043,606 m; 355°18'33" - 259,794 m; 273°21'52" - 130,711 m; 174°45'59" - 123,135 m; 261°08'56" - 548,151 m; 276°06'07" - 175,076 m; 202°33'03" - 292,182 m; 278°25'10" - 110,183 m; 186°11'58" - 56,969 m; 260°36'08" - 244,735 m; 303°55'09" - 430,208 m; 318°55'51" - 262,103 m; 275°17'13" - 1.039,085 m, passando pelos pontos ME22, ME27, G1, G2, G3, G4, G5, EK6, EK5, EK4, MB40, MB30, MB9, MB8, MB26, MB6, MB7, MB16, MB14, MB13; MB10; MB4; MBI; daí, segue até o ponto MA-18, situado na cabeceira do Córrego do Leite, no município de Teresina de Goiás, com os seguintes azimutes, distâncias e confrontações: 284°00'10" - 7.325,681 m - Fazenda Água Fria; 315°28'08" - 627,721 m - Fazenda Água Fria, passando pelo ponto M105; daí, segue pelo divisor de águas das serras da Boa Vista e Santana até o ponto MB20 com os seguintes azimutes, distâncias e confrontações: 221003'04" - 1.931,265 m - Fazenda Água Fria; 167°38'02" - 355,953 m - Fazenda Água Fria; 205°06'36" - 1.624,615 m - Fazenda Água Fria; 220°56'16" - 1.510,751 m - Fazenda Água Fria; 130°29'26" - 640,959 m - Fazenda Água Fria; 168°22'48" - 1.332,405 m - Fazenda Água Fria; 203°00'02" - 1.721,285 m - Fazenda Água Fria; 213°31'31" - 3.342,184 m - ÁGUA FRIA; 211°30'02" - 1.003,309 m - Fazenda Santo Antonio; 240°24'27" - 858,779 m - Fazenda Criminoso; 273°10'20" - 1.478,111 m - Fazenda Boa Vista; 298°14'11" - 1.438,196 m - Fazenda Boa Vista; 324°31'06" - 651,923 m - Terras Devolutas; 353°59'19" - 1.074,156 m - Sítio das Almas; 318°33'50" - 1.146,675 m Sítio das Almas; 43°30'18" - 888,494 m - Sítio das Almas; 5°14'57" - 768,879 m - Sítio das Almas; 48°40'01" - 1.683,448 m - Sítio das Almas; 334°58'46" - 658,212 m - Sítio das Almas; 267°01'37" - 377,236 m - Sítio das Almas; 286°55'39" - 240,416 m - Sítio das Almas; 295°45'02" - 288,471 m - Sítio das Almas; 356°08'04" - 1.194,707 m - Chamalote; 345°59'07" - 1.109,953 m Chamalote; 20°03'31" - 1.340,537 m - Chamalote; 13°22'06" - 1.121,153 m - Chamalote; 323°21'47" - 597,826 m - Chamalote; 250°30'55" - 1.214,945 m - Chamalote; 348°53'39" - 1.007,928 m - Fazenda Palmeira; 294°32'45" - 569,523 m - Fazenda Palmeira; 15°39'13" - 560,441 m - Fazenda Palmeira; 341°18'47" - 315,875 m - Fazenda Palmeira; 323°08'30" - 215,645 m - Fazenda Palmeira; 0°53'07" - 270,644 m - Fazenda Palmeira; 318°08'39" - 971,704 m - Fazenda Palmeira; 269°55'05" - 983,852 m - Fazenda Palmeira; 254°55'01" - 526,631 m - Fazenda Palmeira; 262°43'46" - 899,059 m - Fazenda Palmeira; 254°35'32" - 564,571 m - Fazenda Palmeira; 236°05'32" - 685,469 m - Fazenda Palmeira; 245°01'43" - 1.679,829 m - Descaroçador; 201°35' 05" - 3.468,044 m - Descaroçador; 172°09'06" - 1.615,896 m - Descaroçador; 207°39'22" - 2.181,173 m - Fazenda Bananal; 267°41'57" - 775,448 m - Fazenda Garcia; 235°04'37" - 3.337,003 m - Fazenda Garcia, passando pelos pontos MA17, MA16, MA15, MA14, MA13, MA12, MA11, MA10, MV28, M18, MI10, MW57, MW56, EK8, EK9, EK10, EK11, MV26, MV27, MV28, MV29, MV110, MV109, MV108, MV107, MV106, MV105; M12, M11, M10, M9, M8, M7, M6, MEK3, M5, M4, M3, M2, M1, MS6, MS5, MB25, MB23, MB22; daí, segue até o ponto MB19, situado na margem direita do rio Claro com o azimute e distância de 337°25'32" e 1.092,999 m; daí, segue pelo rio Claro e Córrego Água Fria abaixo, até o ponto EK2, situado na barra do Córrego Água Fria, numa extensão de 23.737,485 m; daí, segue até o ponto MEK1, situado à margem direita do rio da Prata com o azimute e distância de 310°42'03" - 13.974,880 m; daí, segue pelo rio da Prata abaixo, numa extensão de 63.160,15671 m até sua barra no rio Bezerra, no local do ponto P-01, ponto de partida (Processo Incra/SR-28/nº 54700.001287/2008-92).

Art. 2 Este Decreto, independentemente de discriminação ou arrecadação, não outorga efeitos indenizatórios a particular em relação a áreas de domínio público, constituído por lei ou registro público, e a áreas cujo domínio privado esteja colhido por nulidade, prescrição, comisso ou tornado ineficaz por outros fundamentos, excetuadas as benfeitorias de boa-fé por lei autorizadas, excluindo-se ainda dos seus efeitos os semoventes, as máquinas e os implementos agrícolas.

Art. 3 O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – Incra, atestada a legitimidade dominial da área planimetrada de imóvel situado no polígono descrito no art. 1º deste Decreto, fica autorizado a promover e executar a desapropriação, na forma prevista na Lei nº 4.132, de 10 de setembro de 1962, e no Decreto-Lei nº

3.365, de 21 de junho de 1941.

§ 1º O Incra, independentemente de declaração judicial prévia, deverá apurar administrativamente as ocorrências referidas no art. 2º, e as invocará em juízo para fins de exclusão da indenização.

§ 2º A Advocacia-Geral da União, por intermédio de sua unidade jurídica de execução junto ao Incra, poderá, para efeito de imissão de posse, alegar a urgência a que se refere o art. 15 do Decreto-Lei nº 3.365, de 1941.

Art. 4 Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 20 de novembro de 2009; 188º da Independência e 121º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Guilherme Cassel

Publicação: *Diário Oficial da União* – Seção 1 – 23/11/2009 , página 15 (publicação original)

#### **Força-tarefa do INCRA vai concluir regularização do maior território quilombola do Brasil**

06/05/2011 20h40 - Portal Brasil

O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) instalou força-tarefa para agilizar o processo de regularização da maior área quilombola do Brasil, o território Kalunga, que abrange os municípios goianos de Cavalcante, Teresina de Goiás e Monte Alegre, na região norte do estado. Ao todo, o território tem área superior a 237 mil hectares, onde vivem 4,5 mil famílias. Os trabalhos começam na próxima semana.

No total, a força-tarefa é formada por 32 servidores, entre engenheiros agrônomos, técnicos agrícolas e assistentes administrativos de vários estados.

O trabalho do grupo consiste em fazer o levantamento cartorial de domínio dos mais de quatrocentos imóveis rurais inseridos no território, identificando os ocupantes não quilombolas, e concluir a avaliação das áreas para a indenização dos ocupantes de boa-fé.

"A primeira tarefa é levantar as cadeias dominiais sucessórias dos imóveis que estão dentro da área quilombola para que a gente saiba quem são os ocupantes que receberão as indenizações", explica o coordenador-geral da equipe, Joaquim Filho.

A meta do Incra, explica o coordenador, é ingressar na Justiça com as ações de desapropriação até o dia 20 de novembro, data máxima de validade do decreto presidencial que destinou a área para os quilombolas em 2009. O presidente do Incra estipulou prazo de 180 dias para a conclusão dos trabalhos.

Disponível em: <<http://www.seplan.gov.br/sepin/pub/anuario/2003/SITUACAOFISICA/tabela15.htm>>. Acesso em: 04/06/2011.

Data da notícia: 14/12/2009, 16h25

### **Audiência debaterá políticas públicas para território Kalunga**

As comissões de **Legislação Participativa** e de Educação e Cultura promovem nesta quinta-feira (17) audiência para discutir políticas públicas destinadas ao território Kalunga, que abriga remanescentes quilombolas no Estado de Goiás. O território foi criado por decreto presidencial assinado no último dia 20 de novembro (Dia da Consciência Negra).

O deputado Pedro Wilson (PT-GO), que solicitou a audiência, afirma que a comunidade dessa área necessita com urgência de políticas públicas para educação, saúde, alimentação, moradia, infraestrutura, agricultura familiar e desenvolvimento sustentável. "É necessário reunir os gestores das áreas afins para estabelecer um cronograma e ouvir dos Kalunga as prioridades para o atendimento de suas carências", diz.

O território Kalunga abrange os municípios goianos de Monte Alegre, Teresina de Goiás e Cavalcante.

### **Convidados**

Foram convidados para a audiência:

- a subcoordenadora de Educação Quilombola do Ministério da Educação, Maria Auxiliadora Lopes;
- o subsecretário de Políticas para Comunidades Tradicionais da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade, Alexandro da Anunciação Reis;
- a antropóloga Ivanise Rodrigues dos Santos, representante do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome;
- o secretário de Gestão Estratégica e Participativa do Ministério da Saúde, Espedito Manguiera de Lima;
- o presidente da Fundação Palmares, Zulu Araújo;
- a coordenadora nacional de Regularização de Territórios Quilombolas do Incra, Givânia Maria da Silva; e
- representante dos Kalunga.

A audiência está marcada para as 9 horas, no plenário 11.

### **Da Redação/PT**

A reprodução das notícias é autorizada desde que contenha a assinatura "**[Agência Câmara de Notícias](#)**"

Acesso em: 08/05/2011. Disponível em: <<http://www2.camara.gov.br/agencia/noticias/144028.html>>.

### 7.7 Gestão ambiental no território Kalunga

Baiocchi (1999) descreve vários aspectos da sustentabilidade própria da economia Kalunga, a qual possibilitou a conservação dos recursos naturais do seu território como um patrimônio praticamente intocado. Nos trechos seguintes destacamos alguns aspectos para reflexão sobre um futuro desenvolvimento com base no turismo sustentável de base comunitária, ressaltando a confluência dos conceitos teóricos com a cultura tradicional.

A economia Kalunga, que não devasta o solo, possibilitou a manutenção de um verdadeiro “santuário ecológico”. Ali a natureza reproduz-se e perpetua a vida (BAIOCCHI, 1999, p. 21).

De difícil acesso, cercada de serras, transforma-se a região dos Kalunga em uma reserva biológica. O homem em simbiose com a natureza ali vive, ao seu lado proliferam flora e fauna diversificadas. Algumas espécies estão em extinção (BAIOCCHI, 1999, p. 23).

A preservação dos Kalunga até nossos dias deve-se a vários fatores, ente eles o difícil acesso à região e sua capacidade de resistência. Praticam uma agricultura de subsistência e criam gado vacum e cavalari. Porém, na entressafra, ou



conforme as necessidades, os Kalunga se dedicam à mineração, reproduzindo um trabalho centenário aprendido dos avós (BAIOCCHI, 1999, p. 24).

## **8 Potencial turístico do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga em Cavalcante-GO**

As transformações sociais que estão acontecendo nas comunidades Kalunga atualmente apresentam a todos os seus membros, atuais e futuros, um conjunto de preocupações quanto à preservação dos seus patrimônios cultural e natural. Essas mudanças estão ocorrendo como uma forte contradição que inverte a natureza de todo o seu processo histórico, tradicionalmente marcado pelo isolamento, pelo desconhecimento, pelo refúgio e pelo receio da captura para a escravidão. A criação e a abertura do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga tornou todas essas comunidade visíveis para o Brasil e o mundo, instigando nas pessoas e nas instituições uma forte curiosidade e/ou a necessidade de conhecê-los. Agora, cada vez mais expostos, o território Kalunga é alvo de um intenso processo de invasão motivada pelos mais diversos interesses, dentre eles o turístico.

Conforme já exposto, a área física delimitada para este estudo diagnóstico compreende a parte do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga localizada na zona rural do município de Cavalcante, ao Norte da Chapada dos Veadeiros em Goiás. Trata-se das comunidades do Vão de Almas, do Vão do Moleque e do Engenho II. Contudo, sem desconsiderar que as comunidades Kalunga também estão presentes na zona rural dos municípios de Monte Alegre e Teresina de Goiás e naqueles que estão no Estado do Tocantins. Cabe ressaltar essa abrangência, pois o objetivo deste estudo é contribuir para o desenvolvimento econômico e social no território Kalunga, ampliando o potencial turístico local, incentivando a conservação e a gestão das belezas naturais, evitando a perda da identidade cultural e melhorando a renda familiar nas comunidades tradicionais. Ou seja, pode começar numa área delimitada, mas futuramente deve alcançar as demais comunidades.

Na metodologia proposta para a regionalização do turismo de base comunitária, busca-se uma análise estruturada de potencialidades, deficiências, pontos críticos, estrangulamentos, necessidades de ajustes entre a oferta e a demanda por produtos e serviços turísticos, adotando uma concepção adequada às características de cada comunidade. Nesse sentido, os desafios para as comunidades Kalunga são diversos, porque

elas se diferenciam em função de aspectos sociais, ambientais e culturais, como veremos adiante nos casos do Engenho II, do Vão de Alma e do Vão do Moleque.

Infelizmente, na grande maioria das vezes, o ponto de vista da comunidade não é respeitado ao se tratar do desenvolvimento de atividades turísticas em seus territórios, principalmente pelo fato de as necessidades dos turistas (que demandam serviços e pagam por eles) serem colocadas à frente dos interesses locais, o que é intensamente impactante aos autóctones e todo o meio ambiente em questão (SIRICO, 2008, p. 62).

Para este diagnóstico, além dos estudos bibliográficos e documentais para contextualização do tema e do objeto de estudo, foi adotada a aplicação de modo adaptado dos formulários oferecidos pelo *Manual do pesquisador do Prodetur*, os quais estão estruturados com três componentes: (1) infraestrutura de apoio ao turismo; (2) serviços e equipamentos turísticos; e (3) atrativos turísticos, como podem ser vistos mais adiante. A adaptação feita resume-se na apresentação destes como quadros comparativos entre as três localidades estudadas.

A inventariação da oferta turística compreende levantamento, identificação e registro dos atrativos turísticos, dos serviços e equipamentos turísticos e da infraestrutura de apoio ao turismo como instrumento base de informações para fins de planejamento e gestão da atividade turística.  
(Disponível em: <<http://www.inventario.turismo.gov.br/invtur/jsp/formularios/>>. Acesso em 26/05/2011).

Todavia, antes da apresentação dos formulários, foi incluída uma breve apresentação de cada localidade estudada, evidenciando suas especificidades e respectivas comunidades.

### 8.1 *Vão do Moleque (ou Muleque)*

O Vão do Muleque situa-se à margem esquerda do rio Paranã. Apenas 50 km mais sete serras o separam da sede do município de Cavalcante. A ocupação do solo, ali como em outros núcleos, assemelha-se ao Riachão. Sendo o primeiro a construir uma estrada (sem pavimentação asfáltica), também inaugura o encontro com as “campanhas eleitorais” da sociedade institucional que usam os “espaços sagrados”, principalmente a Capela de Nossa Senhora do Livramento... O Vão do Muleque apresenta-se como a área mais vulnerável ao avanço da fronteira econômica, representada por empresas rurais e mineradoras... O Vão do Muleque recebe migrações internas e, formando alianças por casamento, expande-se. O Vão do Muleque com o Vão de Almas detêm a maior população, cerca de 2 mil pessoas (BAIOCCHI, 1999, p. 77-78).

<b>Comunidades Kalunga do Vão do Moleque</b>			
1. Saco	2. Boa Vista	3. Lagoa	4. Terra Vermelha
5. Congonhas	6. Vargem da Capela	7. Fazendinha	8. Buriti Comprido
9. Vargem Grande	10. Boa Sorte	11. Córrego Mochila	12. Lagoa
13. Volta do Canto	14. Redenção	15. Altamira	16. Curriola
17. Morro	18. Córrego Fundo	19. Guarió	
Fonte: SIRICO, 2008 apud BAIOCCHI, 2006, p. 32			

### 8.2 Vão de Alma (ou de Almas)

Às margens do rio das Almas e de seus afluentes como também à margem esquerda do rio Paranã, “fraldas” de morros, pé de serras são ocupados pelos descendentes dos africanos das minas. [...] O Vão de Almas também nasce de um processo migratório interno no qual os moradores do Kalunga, Saco Grande e Vão do Moleque [...] se unem em alianças matrimoniais... (BAIOCCHI, 1999, p. 78).

<b>Comunidades Kalunga do Vão de Alma</b>			
1. Vagem	2. Jataroba	3. Paranã	4. Vão de Almas
5. Limoeiro	6. Sucuri	7. Sobrado	8. Brejão
9. Caiçara	10. Tarumã	11. Ribeirão	12. Taboca
13. Ema	14. Caldas	15. Soledade	16. Borrachudo
Fonte: SIRICO, 2008 apud BAIOCCHI, 2006, p. 32.			

### 8.3 Engenho II

É interessante notar que nas listas de comunidades Kalunga às vezes não consta o Engenho II, a comunidade onde está acontecendo um processo acelerado de desenvolvimento urbano, dando origem a uma pequena vila, que é talvez a primeira experiência de aldeamento Kalunga. É justamente nesse local que está surgindo um centro de visitação de turistas e a experimentação de atividades políticas, industriais, comerciais e de vários serviços. Segundo a publicação *Quilombolas: tradições e cultura da resistência* (ANJOS, 2006, p. 199), na listagem dos quilombos goianos, em Cavalcante existem duas comunidades: (1) Kalunga; e (2) Engenho II. Durante as entrevistas realizadas, foi registrada a observação (acusação) de que o Engenho II “não” é Kalunga. Esse entendimento pode ser compreendido como resultante dos aspectos que apresentam contradição com a cultura Kalunga, tais como: (1) a concentração e não a dispersão das

moradias; (2) as casas de alvenaria e não as de taipa, adobe e palha. Entretanto, todas as famílias residentes no Engenho II são Kalunga. Agora, resta buscar uma compreensão para essa diferenciação, principalmente porque “ser” Kalunga é uma condição *sine qua non* para fixar moradia nessa comunidade.

Também deve ser observado que a cidade de Cavalcante abriga atualmente diversos bairros com predominância de pessoas das diferentes comunidades Kalunga, que ali fixam residência a fim de ter acesso a educação, saúde, emprego, entretenimento, comércio, socialização, participação política e muitos outros motivos do êxodo rural.

Essas diferenciações suscitam questionamentos, tais como: o que é ser Kalunga? O que leva alguns a afirmarem que eles são Kalunga e outros não são? A mestiçagem e a urbanização implicam na perda da identidade e no fim do pertencimento à comunidade?

Para contribuir com essas reflexões, apresentamos a seguir o texto elaborado pelo dr. Alex Silveira, antropólogo contratado para contribuir com este estudo diagnóstico.

### **Parecer antropológico para Diagnóstico do Potencial Turístico do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga – Ibesp/Fundação BB**

Qualquer abordagem sobre o turismo no território Kalunga precisa contemplar a conjuntura de existência dos seus habitantes. A observação de campo aponta o vínculo íntimo entre aquelas famílias de brasileiros afrodescendentes e a natureza que as circundam – natureza encontrada ali em admirável estado selvagem. Eles continuam arrancando dos rios e dos cerrados a maior parte do alimento e das matérias-primas que necessitam para viver. Lembremos, por exemplo, da palha de buriti usada na arquitetura tradicional. Mas não se trata só da coleta de frutos nativos ou da pesca, há também a lavoura, de cana-de-açúcar, mandioca e outras, e a criação de animais. O modo de vida rural, que caracteriza a organização social da população Kalunga, representa uma instigante contradição à hegemonia do urbano e nos remete à formação étnico-cultural do sertão brasileiro.

Novas ocupações vêm surgindo, do emprego público, na educação ou na saúde, até frentes abertas pelo negócio turístico, em que se destacam os guias, organizados em sua associação. Fato é que, vivendo por sua própria conta, desde a resistência à escravização, os Kalungas agora tomam contato com a afluência material do mundo moderno e reivindicam a melhoria das estradas e o fornecimento de transporte público, de energia e água encanada. Anseiam, de modo geral, pela infraestrutura que existe nos centros urbanos, o que trará, em seguida, os mesmos bens de consumo, com seus benefícios e mazelas. Os riscos da urbanização acelerada são bem conhecidos, porém as comunidades Kalungas têm mais uma vez a possibilidade de reinventar sua condição diante do processo histórico dominante a partir de suas formas alternativas de posse e uso da terra e da conservação do meio ambiente.

A contribuição antropológica de maior relevância, tendo em vista a formulação de

parâmetros que orientem a atividade turística, diz respeito à questão da etnicidade. A pesquisa indica que o etnônimo “Kalunga” é uma autoatribuição recente, produto da dinâmica de inclusão/exclusão que caracteriza o fenômeno social. O pertencimento étnico reflete demarcações e conflitos que envolveram, de um lado, a população remanescente das ocupações quilombolas dos séculos XVIII e XIX e, de outro lado, seus vizinhos, especialmente da cidade de Cavalcante, oriundos, originalmente, dos povoamentos auríferos. É notável, assim, como a trajetória do termo “Kalunga” ilustra o debate contemporâneo sobre a etnicidade. Inicialmente rejeitado pelos moradores, para quem “calungueiro” era tomado como ofensa ou motivo de vergonha, observa-se nas últimas duas décadas a crescente aceitação e apropriação do etnônimo como “um recurso mobilizável na conquista de poder político” ou de rendimentos econômicos.<sup>10</sup> Isso acontece, exatamente, quando saem da invisibilidade para a exposição.<sup>11</sup>

É preciso deixar claro que, ao demonstrar a etnicidade “Kalunga” como construção ideológica, não se ignora a existência de conteúdos e práticas culturais partilhadas pelas dezenas de comunidades negras que se espalham nos municípios de Cavalcante, Monte Alegre e Teresina de Goiás. As particularidades culturais, reveladas nos comportamentos, na corporalidade, nas manifestações lúdicas, festivas ou religiosas, são suportes da alteridade dessa gente diante da sociedade nacional, apontando para a continuidade histórica da rede de parentesco e da origem quilombola, fatos que fundamentam o processo de demarcação territorial pelo Incra, ainda inconcluso. No entanto, não há uma única comunidade Kalunga, são várias, distribuídas em dezenas de localidades. A noção de comunidade, inclusive, sequer dá conta da dispersão das residências, pois não há vilas ou aldeamentos, nem permite identificar, sem controvérsia, a localização de uma ou outra comunidade no interior das quatro regiões (Vãos de Contenda, Almas e Moleque e Ribeirão dos Bois) que compõem um vasto espaço geográfico.

Um problema, decorrente da dinâmica da etnicidade, merece atenção especial. A diferenciação entre “nós” e “eles” vem aparecendo na interação entre integrantes das comunidades que compõem o território Kalunga. *Grosso modo*, surgem interesses divergentes entre moradores do Engenho II, do Vão de Almas e do Vão do Moleque – este último fragmentado em muitas comunidades menores e em outras que não se pensam parte dele, como Prata e Congonhas –, e isso para comentar apenas a situação da margem do Paranã no município de Cavalcante. A queixa mais frequente é de que a comunidade do Engenho II tem conquistado a maior parte dos recursos que chegam pelas entidades públicas e não governamentais por conta do acesso mais fácil, ao qual se acomodam os agentes externos. Sendo assim, o desenvolvimento integral do território Kalunga surge como um desafio para qualquer empreendimento ou iniciativa de apoio ao turismo.

Na impossibilidade de atuar em todas as regiões, é preciso que as ações se distribuam entre os três municípios goianos. De Monte Alegre, em particular, devem partir as ações voltadas para o tradicional Vão da Contenda. Já em Cavalcante, sede para quase todas as iniciativas, o cuidado deve ser maior, evitando o privilégio de uma ou outra comunidade na execução de políticas e projetos. O esquecimento de áreas mais remotas e a falta de um olhar que contemple o conjunto do território levarão a desigualdades econômicas e sociais e, mais grave, acabarão por interferir na construção

<sup>10</sup> POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 95.

<sup>11</sup> JATOBÁ, 2002.

da etnicidade Kalunga, enfraquecendo sua articulação política pelas demandas comuns.

A educação, a saúde e o transporte, no entanto, pedem uma atuação social integrada que abranja todas as comunidades. Sem a inclusão dessas agendas, o negócio turístico permanecerá uma fonte de renda descompromissada com a melhoria da qualidade de vida e com o futuro dos Kalungas. É preciso reverter as dificuldades de aprendizagem e a evasão escolar para que não aconteça, como apontou um jovem professor nativo, a “escravidão” moderna. A falta de investimento numa educação efetiva e diferenciada, que englobe valores inerentes à cultura remanescente de quilombo, poderá favorecer a subordinação aos interesses políticos paroquiais e, inclusive, a exploração por empreendedores privados.

Nesse sentido, acrescentam-se outras duas recomendações visando a fortalecer os vínculos culturais e a economia local. Uma delas, formulada durante o diálogo com representantes da comunidade, é que a visitação ao território Kalunga seja feita obrigatoriamente com a presença de guias nativos devidamente qualificados. E também que qualquer projeto de intervenção seja debatido com representantes das diversas comunidades Kalungas, após convocação ampliada e realizada com antecedência, sempre na perspectiva do desenvolvimento integral e da valorização étnico-cultural.

Dr. Alex R. M. da Silveira, antropólogo.

Conforme exposto, a metodologia adotada neste estudo, segundo as orientações técnicas constantes do *Manual do pesquisador* oferecido pelo Projeto Inventário da Oferta Turística, estrutura os dados e as informações para o diagnóstico turístico em três componentes, estruturados nos quadros seguintes do seguinte modo:

<b>Quadro _10___ – Estrutura descritiva do diagnóstico turístico</b>		
<b>Dimensão</b>	<b>Descrição</b>	<b>Categorias</b>
<b>Infraestrutura de apoio ao turismo</b>	Conjunto de obras, de estrutura física e serviços, que proporciona boas condições de vida para a comunidade e dá base para o desenvolvimento da atividade turística.	<ul style="list-style-type: none"><li>• Sistemas de transporte.</li><li>• Energia elétrica.</li><li>• Serviço de abastecimento de água.</li><li>• Arruamento.</li><li>• Sistema de comunicação.</li><li>• Sistema educacional, etc.</li></ul>
<b>Serviços e equipamentos turísticos</b>	Conjunto de serviços, edificações e instalações indispensáveis ao desenvolvimento da atividade turística e que existem em função desta.	Compreendem os serviços e os equipamentos de: <ul style="list-style-type: none"><li>• hospedagem;</li><li>• alimentação;</li><li>• agenciamento;</li><li>• transportes.</li></ul>

<b>Atrativos Turísticos</b>	Locais, objetos, equipamentos, pessoas, fenômenos, eventos ou manifestações capazes de motivar o deslocamento de pessoas para conhecê-los.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Paisagens.</li> <li>• Trilhas.</li> <li>• Rios.</li> <li>• Lagos.</li> <li>• Cachoeiras.</li> <li>• Festas.</li> <li>• Gastronomia.</li> <li>• Religiosidade.</li> </ul>
-----------------------------	--	---

Desse modo, o levantamento descreve como se caracteriza a oferta turística no Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, no Engenho II e nas comunidades do Vão de Almas e do Vão do Moleque. Também evidencia as deficiências, os pontos críticos, os estrangulamentos, as necessidades de ajustes entre a oferta e a demanda local, facilitando a compreensão do significado do turismo e seu efeito multiplicador no desenvolvimento sustentável das comunidades Kalunga nos contextos municipal, regional, nacional e global.

Nos quadros seguintes, os dados e as informações de cada local estão apresentados lado a lado para a comparação das realidades estudadas, no intuito de facilitar as análises necessárias para a diferenciação e a adequação das ações de desenvolvimento turístico local. Cabe destacar, dentre outras coisas, as semelhanças existentes entre o Vão do Moleque e o Vão de Alma quanto ao grande potencial turístico eco-histórico e a completa falta de estrutura para receber visitantes.

#### 8.4 *Infraestrutura de apoio ao turismo*

O primeiro quadro compreende: Informações Básicas do Município; Meios de Acesso ao Território Kalunga; Sistema de Comunicações; Sistema de Segurança; Sistema Médico-Hospitalar; Sistema Educacional; Outros Serviços e Equipamentos de Apoio.

<b>Quadro __11__ – Estudo comparativo do Vão de Alma, do Vão do Moleque e do Engenho II</b>
<b>A infraestrutura de apoio ao turismo no Engenho II, no Vão de Alma e no Vão do Moleque</b>
Este componente compreende: informações básicas do território Kalunga; meios de acesso ao território; sistema de comunicações; sistema de segurança; sistema médico-hospitalar; sistema educacional; outros serviços e equipamentos de apoio
<b>Categoria: informações básicas do território Kalunga</b>

	Engenho II	Vão de Alma	Vão do Moleque
<p><b>Características gerais do território</b> Políticas Geográficas Econômicas</p>	<p>Localizado a 27 km da cidade de Cavalcante, no Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, o povoado do Engenho II abrange uma área de 237 mil hectares repleta de belezas naturais, com destaque para as cachoeiras de Santa Bárbara, Capivara e Candaru. Para percorrer as trilhas e visitar os atrativos da localidade é preciso o acompanhamento de um guia local. <b>Fonte:</b> folder do Parna-CV/2011</p>	<p>Às margens do rio das Almas e de seus afluentes como também à margem esquerda do rio Paranã, “fraldas” de morros, pé de serras são ocupados pelos descendentes dos africanos das minas. [...] O Vão de Almas também nasce de um processo migratório interno no qual os moradores do Kalunga, Saco Grande e Vão do Moleque [...] se unem em alianças matrimoniais... (BAIOCCHI, 1999, p. 78).</p>	<p>O Vão do Moleque situa-se à margem esquerda do rio Paranã. A apenas 50 km [62 km passando pelo Engenho II] mais sete serras o separam da sede do município de Cavalcante. A ocupação do solo, ali como em outros núcleos, assemelha-se ao Riachão. Sendo o primeiro a construir uma estrada (sem pavimentação asfáltica), também inaugura o encontro com as “campanhas eleitorais” da sociedade institucional, que usam os “espaços sagrados”, principalmente a Capela de Nossa Senhora do Livramento... O Vão do Moleque apresenta-se como a área mais vulnerável ao avanço da fronteira econômica representada por empresas rurais e mineradoras... O Vão do Moleque recebe migrações internas e, formando alianças por casamento, expande-se. O Vão do Moleque com o Vão de Almas detêm a maior população, cerca de 2 mil pessoas (BAIOCCHI, 1999, p. 77-78).</p>
<p><b>Aspectos históricos</b></p>	<p>Surgiu recentemente como o primeiro aldeamento permanente Kalunga, num local onde funcionava um moinho, cuja história precisa ser pesquisada. As Associações desejam criar um Centro de Atendimento ao Turista (CAT). Os membros do Grupo Kalunga para Organização do Turismo são os seguintes: Lourença dos Santos Rosa; Damião Moreira dos Santos Rosa; Joanilda Francisca Maia; José Ciro Francisco Maia.</p> <p>Endereço: Comunidade do</p>	<p>Não tem um grupo gestor do turismo local. Não tem um centro de atendimento ao visitante.</p>	<p>Local de ocupação ancestral. Não tem um grupo gestor do turismo local. Não tem um centro de atendimento ao visitante.</p>

	Engenho II <i>Site</i> : não tem <i>E-mail</i> : não tem Telefone: (62) 3459-0014 (orelhão)		
<b>Administração dos territórios (usos, costumes, normas, leis)</b>	Sede da Associação Quilombo Kalunga. Sede da Associação Kalunga do Engenho II.	Não tem entidade associativa. Tradicionalmente não tem organização representativa. A comunidade mobiliza-se em torno das festas.	Não tem entidade associativa. Tradicionalmente não tem organização representativa. A comunidade mobiliza-se em torno das festas.
<b>Feriados e datas comemorativas dos Kalunga</b>	- <b>Janeiro</b> : veraneio, visitação de cachoeiras acessível, apesar das chuvas.	- <b>Janeiro</b> : Festa de Santo Reis; período de muita chuva que dificulta o acesso devido à falta de estradas e pontes. - <b>Junho</b> : Festa de Santo Antônio (11 a 13); Festa de São João (23 a 25); Folia do Divino. - <b>Julho (12 a 20)</b> : Folia de São Sebastião. - <b>Agosto (5 a 15)</b> : Folia e Festa do Império de Nossa Senhora da Abadia.	- <b>Janeiro</b> (1 a 6): Folia e Festa de Santo Reis; período de muita chuva que dificulta o acesso devido à falta de estradas e pontes. - <b>Junho</b> : Festa de Santo Antônio (11 a 13); Festa de São João (23 a 25). - <b>Setembro (5 a 16)</b> : Festa do Império de São Gonçalo do Amarante; Festa de Nossa Senhora do Livramento e São Sebastião.
<b>Serviços públicos no território Kalunga</b>	Um Posto de saúde; um telefone (orelhão); uma escola do ensino fundamental ao médio; um ônibus para transporte coletivo gratuito às 3ª e 6ª feiras.	Escola do ensino fundamental bastante precária.	Escola do ensino fundamental bastante precária.
<b>Outras informações</b>	Ver o relatório do Projeto Kalunga: Diagnóstico Situacional das Comunidades do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga – SHPCK, realizado pela Secretaria de Estado de Políticas para Mulheres e Promoção da Igualdade Racial de Goiás em parceria com a Fundação Aroeira/PUC-Goiás, 2010.		
<b>Categoria: meios de acesso ao território Kalunga</b>			
	<b>Engenho II</b>	<b>Vão de Alma</b>	<b>Vão do Moleque</b>
<b>Terrestres</b> Terminais/estações rodoviárias/serviços rodoviários Terminais/estações ferroviárias	NÃO TEM	NÃO TEM	NÃO TEM
<b>Aéreos</b> Aerportos/serviços aéreos	NÃO TEM Desejam pista de pouso para pequenas	NÃO TEM Tem pista de pouso para pequenas aeronaves.	NÃO TEM Precisam de pista de pouso para pequenas aeronaves.

	aeronaves.		
<b>Hidroviários</b> Portos/estações/serviços marítimos Portos/estações/serviços fluviais/lacustres	NÃO	NÃO Alguns rios são navegáveis.	NÃO Alguns rios são navegáveis.
<b>Categoria: sistema de comunicação no território Kalunga</b>			
	<b>Engenho II</b>	<b>Vão de Alma</b>	<b>Vão do Moleque</b>
<b>Agências postais</b>	NÃO TEM	NÃO TEM	NÃO TEM
<b>Postos telefônicos/telefonia celular</b>	SIM	NÃO TEM	NÃO TEM
<b>Radioamadores</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Emissoras de rádio</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Emissoras de TV</b>	SIM Com antena parabólica.	NÃO	NÃO
<b>Jornais e revistas nacionais/regionais/locais</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Internet</b>	SIM Laboratório de inclusão digital está sendo instalado.	NÃO	NÃO
<b>Outras informações</b>			
<b>Categoria: sistema de segurança no território Kalunga</b>			
	<b>Engenho II</b>	<b>Vão de Alma</b>	<b>Vão do Moleque</b>
<b>Delegacias/postos de polícia</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Postos de Polícia Rodoviária</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Corpo de Bombeiros</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Serviços de busca e salvamento</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Serviços de Polícia Marítima/Aérea/de Fronteiras</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Outras informações</b>			
<b>Categoria: sistema médico-hospitalar no território Kalunga</b>			
	<b>Engenho II</b>	<b>Vão de Alma</b>	<b>Vão do Moleque</b>
<b>Prontos-socorros</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Hospitais</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Clínicas médicas</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Maternidades</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Postos de saúde</b>	SIM. Funciona em regime de tempo parcial.	NÃO	NÃO
<b>Farmácias/drogarias</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Clínicas</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Odontológicas</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Outras informações</b>			
<b>Categoria: sistema educacional no território Kalunga</b>			

	<b>Engenho II</b>	<b>Vão de Alma</b>	<b>Vão do Moleque</b>
<b>Ensino fundamental: municipal</b>	SIM	SIM	SIM
<b>Ensino médio: estadual</b>	SIM UFG tem um projeto pedagógico.	NÃO	NÃO
<b>Ensino superior</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Cursos técnicos</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Especializações</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Outras informações</b>			
<b>Categoria: outros serviços e equipamentos de apoio no território Kalunga</b>			
	<b>Engenho II</b>	<b>Vão de Alma</b>	<b>Vão do Moleque</b>
<b>Locadoras de imóveis</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Locadoras de automóveis/embarcações/aeronaves</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Comércio</b> Lojas de artesanato e suvenires Centros comerciais Galerias de arte/antiguidades Lojas de artigos fotográficos	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Agências bancárias/casas de câmbio</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Serviços mecânicos</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Postos de abastecimento</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Locais/templos de manifestação de fé</b>	SIM Tem uma igreja protestante. Desejam uma capela católica para Santa Bárbara.	NÃO	NÃO
<b>Representações diplomáticas</b> Embaixadas Consulados Escritórios comerciais Outras representações	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Descarte do lixo</b>	SIM	SIM	SIM
<b>Presença de catadores</b>	SIM A comunidade se organiza para coletas eventuais.	SIM A comunidade se organiza para coletas eventuais.	SIM A comunidade se organiza para coletas eventuais.
Gestão do lixo	NÃO	NÃO	NÃO
Destinação de resíduos sólidos:	NÃO	NÃO	NÃO
Coleta seletiva	NÃO	NÃO	NÃO
Presença de catadores	NÃO	NÃO	NÃO
Recolhimento	NÃO	NÃO	NÃO
Compostagem	NÃO	NÃO	NÃO
Redução	NÃO	NÃO	NÃO
Reciclagem	NÃO	NÃO	NÃO

Reutilização Água e esgoto	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Queimadas</b>			
<b>Impactos da ocupação humana</b>	SIM	SIM	SIM
<b>Cobertura vegetal sob risco</b>	SIM	SIM	SIM
<b>Assoreamento</b>	SIM	SIM	SIM
<b>Extratativismo sem controle</b>			
<b>Esgoto</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Rede de água potável</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Agroindústria de frutos do cerrado</b>	SIM. Em fase experimental.	NÃO	NÃO
<b>Existem serviços de salvavidas e segurança para os turistas?</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Impressão dos Kalunga sobre o turismo de base comunitária</b>	Liderança conhece e aprova.	Desconhece.	Desconhece.
<b>Outras Informações</b>			

### 8.5 Serviços e equipamentos turísticos

<b>Serviços e equipamentos turísticos no Engenho II, no Vão de Alma e no Vão do Moleque</b>			
Este componente compreende: serviços e equipamentos de hospedagem; serviços e equipamentos para gastronomia; serviços e equipamentos de agenciamento; serviços e equipamentos para transporte; serviços e equipamentos para eventos; serviços e equipamentos de lazer e entretenimento; outros serviços e equipamentos turísticos.			
<b>Categoria: serviços e equipamentos de hospedagem</b>			
	<b>Engenho II</b>	<b>Vão de Alma</b>	<b>Vão do Moleque</b>
<b>Tem meios de hospedagem com necessidade de cadastro no Ministério do Turismo?</b> Hotel, hotel histórico Hotel de lazer/resort Pousada, hotel de selva/lodge Apart-hotel/flat/condohotel	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Tem meios de hospedagem sem necessidade de cadastro?</b> Hospedaria, pensão, motel	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Tem meios de hospedagem extra-hoteleiros?</b> <i>camping</i> , colônia de férias, albergue	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Tem outros meios de hospedagem?</b> cama & café	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Categoria: serviços e equipamentos para gastronomia</b>			
	<b>Engenho II</b>	<b>Vão de Alma</b>	<b>Vão do Moleque</b>
<b>Restaurantes</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Bares/cafés/lanchonetes</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Casas de chá/confeitarias</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Cervejarias</b>	NÃO	NÃO	NÃO

<b>Quiosques/barracas</b>	SIM	SIM	SIM
<b>Sorveterias</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Casas de sucos</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Outras informações</b>			
<b>Categoria: serviços e equipamentos de agenciamento</b>			
	<b>Engenho II</b>	<b>Vão de Alma</b>	<b>Vão do Moleque</b>
<b>Agências de viagem</b> (vende pacotes turísticos prontos)	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Operadoras de viagem</b> (monta o roteiro turístico)	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Outras informações</b>			
<b>Categoria: serviços e equipamentos para transporte</b>			
	<b>Engenho II</b>	<b>Vão de Alma</b>	<b>Vão do Moleque</b>
<b>Transportadoras turísticas</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Locadoras</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Táxis</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Outras informações:</b>	Existem serviços incipientes oferecidos por Kalungas e empreendedores externos de transporte coletivo formais e informais de Cavalcante e Alto Paraíso.	Existem serviços incipientes oferecidos por Kalungas e empreendedores externos de transporte coletivo formal e informal de Cavalcante e Alto Paraíso.	Existem serviços incipientes oferecidos por Kalungas e empreendedores de transporte coletivo formal e informal de Cavalcante e Alto Paraíso.
<b>Categoria: serviços e equipamentos para eventos</b>			
	<b>Engenho II</b>	<b>Vão de Alma</b>	<b>Vão do Moleque</b>
<b>Centros de convenções/congressos</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Parques/pavilhões de exposições</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Auditórios/salões de convenções</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Empresas organizadoras/promotoras de eventos</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Outros serviços/equipamentos especializados</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Outras informações</b>			
<b>Categoria: serviços e equipamentos de lazer e entretenimento</b>			
	<b>Engenho II</b>	<b>Vão de Alma</b>	<b>Vão do Moleque</b>
<b>Parques de diversões/temáticos</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Parques/jardins/praças</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Clubes</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Pistas de patinação/motocross/bicicross</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Estádios/ginásios/quadras</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Hipódromos/autódromos/kartódromos</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Marinas/atracadouros</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Mirantes/belvederes</b>	SIM	SIM	SIM

<b>Prestadores de serviços de lazer e entretenimento</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Boates/discotecas</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Casas de espetáculos</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Casas de dança</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Cinemas</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Pistas de boliche/campos de golfe</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Parques agropecuários/de vaquejada</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Outros locais</b>			
<b>Outras informações</b>			
<b>Categoria: outros serviços e equipamentos turísticos</b>			
	<b>Engenho II</b>	<b>Vão de Alma</b>	<b>Vão do Moleque</b>
<b>Informações turísticas</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Centro de Atendimento ao Turista</b>			
<b>Entidades/associações/ Prestadores de serviços turísticos</b>	Associação Kalunga de Guias Turísticos.	Associação Kalunga de Guias Turísticos.	Associação Kalunga de Guias Turísticos.
<b>Outras informações: nas comunidades tem <i>camping</i> com aluguel de barracas? Tem banheiros?</b>	NÃO	NÃO	NÃO

Após a apresentação desses quadros à comunidade Kalunga do Engenho II, nas reuniões realizadas para esse fim no Engenho II, dias 11 e 12 de outubro de 2011, todos os participantes tiveram a oportunidade de comentar sobre a realidade neles retratada. Com unanimidade e poucas sugestões para correção de dados e explicações, os participantes o aprovaram e tiveram a oportunidade de discutir sobre o que fazer para melhorar a situação. As sugestões apresentadas são inseridas mais adiante, neste relatório, na parte de proposições.

### 8.6 Atrativos turísticos potenciais

<b>Atrativos turísticos no Engenho II, no Vão de Alma e no Vão do Moleque</b>			
Potencial e atrativo turístico são diferentes. Para ser um atrativo turístico é preciso de sinalização, segurança e vias de acesso. Por exemplo: se tiver uma cachoeira que não tem sinalização, vias de acesso e segurança, é apenas um potencial turístico. Para ser um atrativo turístico é indispensável a correspondente infraestrutura. Este quadro compreende os principais potenciais e atrativos turísticos naturais; atrativos culturais; atividades econômicas; realizações técnicas, científicas ou artísticas e eventos permanentes.			
<b>Categoria: atrativos naturais</b>			
	<b>Engenho II</b>	<b>Vão de Alma</b>	<b>Vão do Moleque</b>
<b>Montanhas</b> Picos/cumes, serras, montes/morros/colinas	São tantas as serras e os vales que é necessário um projeto específico para mapeamento e descrição detalhada da conformação geográfica, para a identificação dos potenciais turísticos e os riscos para sua exploração turística comercial. Para esse estudo geográfico detalhado, são necessários recursos adequados para vencer a grande extensão e dificuldades de acesso para levantar: <ul style="list-style-type: none"> <li>- altura, inclinação, área, clima, temperatura anual média, mínimas e máximas;</li> <li>- estado de conservação/preservação;</li> </ul>		

	<ul style="list-style-type: none"> <li>- condições favoráveis para instalação de serviços e equipamentos turísticos;</li> <li>- fauna e flora (vegetação dominante, espécies ameaçadas/raras);</li> <li>- nascentes;</li> <li>- paisagens cênicas, pontos de observação;</li> <li>- quedas d'água, deficiências hídricas;</li> <li>- singularidade do atrativo, propício a que tipo de atividades turísticas?</li> <li>- riscos de deslizamento, presença de população residente;</li> <li>- capacidade de carga, fluxo de visitantes (alta e baixa temporada);</li> <li>- impactos ambientais.</li> </ul> <p>Contudo, cabe observar que não convém abrir todo o território do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga à visitação de turistas, porque o território é muito extenso e não existem recursos que ofereçam segurança para ambas as partes: Kalungas e visitantes. Mais que isso, os Kalunga que ainda vivem nos locais mais isolados devem receber atenção especial para a construção de relações com o mundo exterior. Antes do turismo, precisa chegar até eles a condição de cidadania e os serviços públicos básicos, cuidando para que a construção dessa nova realidade contribua para o conhecimento, o fortalecimento e a conservação dos patrimônios cultural e ambiental. A curto e médio prazos, o recomendável é criar as condições adequadas nos atrativos já conhecidos e procurados pelos turistas, bem como apoiar as iniciativas da comunidade organizada, dando oportunidade para os Kalunga desenvolverem sua cultura comercial para o turismo sustentável de base comunitária, participativo e inclusivo.</p>
<p><b>Planaltos e planícies</b></p> <p>Chapadas/tabuleiros  Patamares  Pedras tabulares/matacões  Vales  Rochedos</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- áreas cultivadas e/ou de criação animal;</li> <li>- clima, temperatura anual média, mínimas e máximas;</li> <li>- descrição da paisagem;</li> <li>- estado de conservação;</li> <li>- existência de serviços e equipamentos turísticos;</li> <li>- fauna e flora;</li> <li>- locais e trilhas de interesse para visitação;</li> <li>- singularidade do atrativo, há controle de visitação?</li> <li>- capacidade de carga, fluxo de visitantes (alta e baixa temporada);</li> <li>- impactos ambientais (lixo, poluição, franja de construções).</li> </ul>	<p>Engenho II: cachoeiras de Santa Bárbara, Capivara e Candaru; trilhas históricas; trilhas ecológicas; festas; feiras e eventos.</p> <p>Vão de Alma: pesca, canoagem, passeios de barco e pesca esportiva no rio Alma; trilhas históricas; trilhas ecológicas; festas.</p> <p>Vão do Muleque: pesca, canoagem, passeios de barco e pesca esportiva no rio Prata; trilhas históricas; trilhas ecológicas; festas.</p>
<p style="text-align: center;"><b>Hidrografia</b></p> <p style="text-align: center;">Rios  Lagos/lagoas  Praias fluviais/</p>	<p>Devem ser realizados projetos de inventários e de pesquisas para o levantamento dos diversos cursos d'água identificando:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- áreas aproveitáveis para lazer;</li> <li>- atrativos (ilhas, deltas, estuário, quedas d'água, <i>canyons</i>, corredeiras e várzeas);</li> </ul>

<p>Lacustres Alagados</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- cor da água, transparência e temperatura;</li> <li>- descrição da paisagem;</li> <li>- existência de ancoradouros/fundeadouros/portos/Outros;</li> <li>- existência de infraestrutura básica;</li> <li>- existência de serviços e equipamentos turísticos;</li> <li>- extensão, largura e profundidade;</li> <li>- fauna e flora;</li> <li>- impactos ambientais (lixo, contaminação, poluição, franja de construções, etc.);</li> <li>- locais e trilhas de interesse para visitação;</li> <li>- navegabilidade;</li> <li>- ocorrência de fenômenos naturais;</li> <li>- pesca;</li> <li>- possibilidade de banho/atividades esportivas;</li> <li>- singularidade dos atrativos;</li> <li>- vales.</li> </ul>
<p><b>Quedas-d'água</b> Catarata Cachoeira Salto Cascata Corredeira</p>	<p>Devem ser realizados projetos de inventários e de pesquisas para o levantamento dos diversos tipos de queda d'água, descrevendo:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- altura e largura;</li> <li>- descrição da paisagem;</li> <li>- existência de infraestrutura básica;</li> <li>- existência de serviços e equipamentos turísticos;</li> <li>- impactos ambientais (lixo, contaminação, poluição, etc.);</li> <li>- locais e trilhas de interesse para visitação;</li> <li>- número de saltos;</li> <li>- possibilidade de banho/atividades esportivas;</li> <li>- singularidade do atrativo;</li> <li>- volume de água.</li> </ul>
<p><b>Fontes hidrominerais e/ou termais</b></p>	<p>Devem ser realizados projetos de inventários e de pesquisas para o levantamento das diversas fontes termais existentes no Sítio Histórico, segundo relato de entrevistados, descrevendo:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- cor da água, transparência e temperatura;</li> <li>- existência de serviços e equipamentos turísticos;</li> <li>- piscinas/duchas;</li> <li>- singularidade do atrativo;</li> <li>- utilização para banho, tratamentos e propriedades da água.</li> </ul>
<p><b>Unidades de Conservação</b> Nacionais Estaduais Municipais Particulares</p>	<p>Todo o território do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga é área de preservação, assim como quase toda a extensão territorial do município de Cavalcante.</p> <p>É recomendável a realização de estudos de impacto ambiental e de risco de perda do patrimônio cultural para cada projeto turístico no território Kalunga.</p> <p>É necessária a elaboração de um plano de ordenamento territorial, de uso e ocupação do solo e de preservação ambiental a fim de condicionar o mercado do turismo no território do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, frente aos seus aspectos de:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- área;</li> <li>- existência de serviços e equipamentos turísticos;</li> <li>- fauna e flora;</li> <li>- legislação;</li> <li>- locais de observação de fauna e flora;</li> <li>- locais e trilhas de interesse para visitação;</li> <li>- plano de manejo;</li> <li>- práticas turísticas: banhos, fotografias, vivências, etc.;</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>- singularidade do atrativo;</li> <li>- vegetação.</li> </ul>			
<b>Cavernas/grutas/furnas</b>	<p>Devem ser realizados projetos de inventários e de pesquisas para o levantamento dos diversos tipos de cavernas, grutas e outros aspectos de interesse espeleológico, abrangendo:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- área interna (altura/largura/extensão), fonte de informação, instituição;</li> <li>- descrição da paisagem;</li> <li>- estado de conservação;</li> <li>- existência de serviços e equipamentos turísticos;</li> <li>- extensão de percursos com segurança;</li> <li>- fauna e flora;</li> <li>- presença de estalactites/estalagmites;</li> <li>- singularidade do atrativo;</li> <li>- visibilidade interior.</li> </ul>			
<b>Áreas de caça e pesca</b>	<p>Os entrevistados relataram que existe potencial para a pesca esportiva em diversos rios. Mas, apesar de proibido, está acontecendo a pesca e a caça predatória por invasores não autorizados há muito tempo e os órgãos de fiscalização e controle estão ausentes. A quantidade de peixes já reduziu bastante. Devem ser realizados estudos e planejamentos descrevendo:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- descrição da paisagem;</li> <li>- espécies existentes;</li> <li>- estado de conservação;</li> <li>- existência de serviços e equipamentos turísticos;</li> <li>- legislação de proteção;</li> <li>- período de pesca/caça;</li> <li>- singularidade do atrativo;</li> <li>- vegetação</li> </ul>			
<b>Flora</b>	<p>Devem ser realizados projetos de inventários e de pesquisas para o levantamento dos diversos tipos de patrimônio natural, abarcando:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- diversidade florística;</li> <li>- espécies endêmicas;</li> <li>- espécies raras/em extinção;</li> <li>- legislação de proteção;</li> <li>- locais e épocas de observação;</li> <li>- singularidade do atrativo;</li> <li>- diversidade faunística;</li> <li>- espécies endêmicas;</li> <li>- espécies raras/em extinção;</li> <li>- legislação de proteção;</li> <li>- locais e épocas de observação;</li> <li>- singularidade do atrativo.</li> </ul>			
<b>Categoria: atrativos culturais</b>				
	<table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="width: 33%; text-align: center;"><b>Engenho II</b></td> <td style="width: 33%; text-align: center;"><b>Vão de Alma</b></td> <td style="width: 33%; text-align: center;"><b>Vão do Moleque</b></td> </tr> </table>	<b>Engenho II</b>	<b>Vão de Alma</b>	<b>Vão do Moleque</b>
<b>Engenho II</b>	<b>Vão de Alma</b>	<b>Vão do Moleque</b>		
<b>Sítios históricos</b>	<p>Devem ser realizados projetos de inventários e de pesquisas históricas para o levantamento dos diversos tipos de patrimônio cultural, para identificação de:</p> <p>Centro histórico Trilha histórica Conjunto histórico Quilombo Terra indígena</p>			

	<p>Conjunto paisagístico  Monumento histórico  Sítio arqueológico  Sítio paleontológico  Jardim histórico</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- área, situação e ambiência;</li> <li>- aspectos notáveis do conjunto;</li> <li>- atividades regulares/artísticas;</li> <li>- características de construção: composição, estilo e técnica;</li> <li>- características tipológicas: natural, arquitetônica, etc.;</li> <li>- estado de conservação, preservação;</li> <li>- legislação de proteção;</li> <li>- locais e percursos de interesse para visitação;</li> <li>- localização: urbana, rural;</li> <li>- referências cronológicas, históricas e científicas;</li> <li>- capacidade de carga, controle de visitas, fluxo de turistas atual, origem do turista.</li> </ul>
<b>Edificações</b>	<p>É necessário, também, realizar estudos e levantamentos para descrição de aspectos próprios das edificações Kalunga, a fim de propor medidas de preservação, uso e divulgação sobre a cultura relativa a:</p> <p>Arquitetura civil  Arquitetura militar  Arquitetura religiosa  Arquitetura industrial, agrícola  Arquitetura vernacular  Arquitetura funerária  Ruínas</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- atividades regulares;</li> <li>- características de construção: composição, estilo e técnica;</li> <li>- época de construção, situação, ambiência;</li> <li>- estado de conservação;</li> <li>- legislação de proteção;</li> <li>- localização;</li> <li>- manifestações artísticas/culturais agregadas ao atrativo;</li> <li>- utilização atual.</li> </ul>
<b>Obras de arte</b>	<p>Devem ser realizados projetos de inventários e de pesquisas históricas para inventariar os diversos tipos de patrimônio cultural e histórico, especialmente quanto a produção artística, tais como:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Escultura/estatuária/</li> <li>2. Monumento/obelisco</li> <li>3. Pintura</li> <li>4. Murais</li> <li>5. Vitrais</li> <li>6. Azulejaria</li> <li>7. Outros legados</li> </ol> <ul style="list-style-type: none"> <li>- características de construção: composição, estilo e técnica;</li> <li>- época de construção/elaboração;</li> <li>- estado de conservação;</li> <li>- importância técnica, situação e ambiência;</li> <li>- legislação de proteção;</li> <li>- localização, concentração espacial;</li> <li>- singularidade, diversidade;</li> <li>- utilização atual.</li> </ul>
<b>Instituições culturais</b>	<p>Devem ser realizados projetos de inventários e de pesquisas históricas para inventariar a existência ou não dos diversos tipos de:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Museu/memorial que está em processo de criação. Falar com Esterina (Ester Kalunga).</li> <li>2. Biblioteca</li> </ol>

	<ol style="list-style-type: none"> <li>3. Arquivo</li> <li>4. Instituto histórico e geográfico</li> <li>5. Centro cultural/</li> <li>6. Casa de cultura</li> <li>7. Teatro/anfiteatro</li> </ol> <p>Devem ser formuladas políticas para a formação, conservação e divulgação de:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- acervo, incluindo sua situação e ambiência;</li> <li>- atividades regulares da instituição;</li> <li>- coleções e peças principais;</li> <li>- estado de conservação;</li> <li>- legislação de proteção;</li> <li>- localização;</li> <li>- origem e histórico;</li> <li>- intercâmbio com outras instituições (estados e países).</li> </ul>
<p style="text-align: center;"><b>Festas e celebrações</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Religiosas/de manifestação de fé</li> <li>2. Populares/folclóricos</li> <li>3. Cívicas</li> </ol>	<p>Deve ser realizado um projeto específico para inventariar os diversos tipos de patrimônio cultural e histórico nas diferentes comunidades do Vão de Alma. Considerando que cada comunidade tem traços culturais próprios quanto a diferentes festas e celebrações religiosas, manifestação de fé, festas populares, folclore, eventos cívicos. Cada uma delas merece ser descrita nos seus aspectos de:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- abrangência e participação, manifestação de fé;</li> <li>- âmbito: local, regional, nacional ou internacional;</li> <li>- descrição sumária;</li> <li>- época, duração e periodicidade;</li> <li>- formas de apresentação;</li> <li>- local de realização;</li> <li>- origem e histórico.</li> </ul> <p>Atualmente, as festas estão sofrendo com as visitas turísticas, que desrespeitam os costumes tradicionais, por exemplo, com o uso de som automotivo.</p>
<p style="text-align: center;"><b>Gastronomia típica</b></p>	<p>Deve ser realizado um projeto específico para inventariar os diversos tipos de aspectos da cultura gastronômica no Engenho II, no Vão de Alma e no Vão do Moleque, descrevendo: a composição básica de cada produto; modo típico de apresentação e degustação; origem cultural, evolução histórica, abrangendo: Pratos típicos; Iguarias regionais, doces, salgados, frutas e bebidas.</p> <p>Recomendações:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>(1) Ver projeto Frutos do Cerrado no Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga da Seagro-GO e da Emater-GO;</li> <li>(2) ver Projeto Kalunga Sustentável (em execução), patrocinado pela Petrobras.</li> </ol>
<p style="text-align: center;"><b>Artesanato</b></p>	<p>Deve ser realizado um projeto específico para inventariar os diversos tipos de artesanato produzidos no Vão de Alma, Vão do Moleque e no Engenho II, tais como:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Cerâmica</li> <li>2. Cestaria</li> <li>3. Madeira</li> <li>4. Tecelagem</li> <li>5. Bordados</li> <li>6. Metal</li> <li>7. Pedra</li> <li>8. Renda</li> <li>9. Couro</li> </ol>

	<p>10. Plumaria</p> <p>Descrevendo seus aspectos de:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- forma de apresentação e uso;</li> <li>- forma de comercialização, destinos nacionais e internacionais dos produtos;</li> <li>- forma de elaboração e tratamento;</li> <li>- local de produção;</li> <li>- matéria-prima utilizada;</li> <li>- origem cultural/evolução histórica;</li> <li>- quantidade produzida/regularidade;</li> <li>- singularidade do atrativo;</li> <li>- transformação/processo de produção;</li> <li>- diferenciação, autenticidade, segmentação;</li> <li>- principais estados e países compradores;</li> <li>- certificado de origem.</li> </ul>
<b>Música e dança</b>	<p>Levantar e cadastrar:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Banda e conjunto musical</li> <li>2. Salão de dança</li> <li>3. Clube/casa de <i>shows</i></li> <li>4. Festival</li> <li>5. Folguedos</li> <li>6. Centro de tradições</li> <li>7. Outros</li> </ol> <ul style="list-style-type: none"> <li>- local de realização;</li> <li>- manifestações culturais/ artísticas;</li> <li>- origem cultura/evolução histórica;</li> <li>- singularidade do atrativo.</li> </ul>
<b>Feiras e mercados</b>	<p>Devem ser realizados projetos específicos para inventariar os diversos tipos de atividade econômica que existem ou podem ser criados no Engenho II, no Vão de Alma e no Vão do Moleque, incluindo:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Feira agrícola</li> <li>2. Feira agropecuária</li> <li>3. Feira livre</li> <li>4. Feira de turismo</li> <li>5. Outras feiras</li> <li>6. Mercado livre</li> <li>7. Mercado de carne</li> <li>8. Mercado de frutas</li> <li>9. Mercado de peixe</li> <li>10. Mercado de artesanato</li> <li>11. Mercado de produtos variados</li> <li>12. Outros mercados</li> </ol> <ul style="list-style-type: none"> <li>- características de construção;</li> <li>- localização;</li> <li>- manifestações culturais incorporadas ao atrativo;</li> <li>- organização de feiras;</li> <li>- periodicidade;</li> <li>- produtos para comercialização e consumo;</li> <li>- singularidade do atrativo;</li> <li>- tipologias</li> </ul>
<b>Saberes e fazeres</b>	<p>Deve ser realizado um projeto específico para inventariar os diversos tipos de talentos da produção cultural nas comunidades do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, levando em conta:</p>

	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Contar histórias/casos</li> <li>2. Recitar poesias/rezas</li> <li>3. Preparar receitas tradicionais</li> <li>4. Elaborar trabalhos</li> <li>5. Manuais/de arte popular <ul style="list-style-type: none"> <li>- formas de fazeres;</li> <li>- formas de saberes;</li> <li>- identificação de pessoas que detenham o conhecimento;</li> <li>- identificação dos saberes no espaço;</li> <li>- mitos/ritos/rituais;</li> <li>- origem/sustentação;</li> <li>- permanência dos saberes e fazeres na vida cotidiana;</li> <li>- singularidade do atrativo;</li> <li>- vestimentas e indumentárias.</li> </ul> </li> </ol>		
<b>Categoria: atividades econômicas</b>			
<b>Extrativismo e exploração</b> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Mineral</li> <li>2. Vegetal</li> </ol>	O garimpo ilegal em terras Kalunga está acontecendo em vários locais, segundo diversos entrevistados. O solo da região é muito rico e inexplorado.		
<b>Agropecuária</b>	Predominam a agricultura e a pecuária familiar. Mas está surgindo, nas comunidades, desejos de diversificação nas áreas de aquícultura e agroindústria etc.		
<b>Indústria</b>	Não existem indústrias, segundo os entrevistados. Contudo, a denominação Engenho II decorre de um empreendimento que não existe mais e que merece uma pesquisa historiográfica à parte.		
<b>Categoria: realizações técnicas, científicas ou artísticas.</b>			
	<b>Engenho II</b>	<b>Vão de Alma</b>	<b>Vão do Moleque</b>
<b>Parque tecnológico</b>	NÃO TEM	NÃO TEM	NÃO TEM
<b>Parque industrial</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Museu tecnológico</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Museu do cerrado</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Centro de pesquisa</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Usina hidrelétrica/barragem/eclusa/açud e</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Planetário</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Aquário</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Viveiro</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Exposição técnica</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Exposição artística</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Ateliê</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Zoológico</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Jardim botânico</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Jardim do cerrado</b>	NÃO	NÃO	NÃO
<b>Categoria: eventos permanentes</b>			
	<b>Engenho II</b>	<b>Vão de Alma</b>	<b>Vão do Moleque</b>
<b>Congressos e convenções</b>	NÃO TEM	NÃO TEM	NÃO TEM
<b>Feiras e exposições</b> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Feira de negócios</li> <li>2. Feira temática</li> </ol>	NÃO TEM Mas desejam criar uma no engenho II ou na	NÃO	NÃO

3. Feira promocional 4. Feira cultural 5. Feira de gastronomia 6. Outras feiras 7. Exposição técnica Exposição científica	cidade de Cavalcante.		
<b>Realizações diversas</b>	Conforme registrado acima, as manifestações culturais dos Kalunga constituem um patrimônio que precisa ser inventariado, abrangendo as suas realizações desportivas, artísticas, culturais, sociais, assistenciais, gastronômicas etc.		

Aqui cabe notar que os levantamentos realizados neste estudo diagnóstico registraram a existência de muitas pesquisas sobre os Kalunga, especialmente nas instituições de ensino superior do país. Merecendo destaque, naturalmente, a Universidade de Brasília, a Universidade Federal de Goiás e a Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

No mês de março de 2011, aconteceu na UFG o I Encontro de Pesquisadores da Temática Kalunga, organizado pelo Instituto de Estudos Socioambientais (Iesa), por iniciativa do grupo de pesquisa Apropriação do Território e Dinâmicas Socioambientais no Cerrado: Biodiversidade; Biotecnologia e Saberes Locais (Biotek). O objetivo desse encontro foi:

[...] reunir aqueles que desenvolveram ou desenvolvem algum tipo de trabalho ou projeto em remanescentes quilombolas, principalmente nas comunidades Kalunga, no nordeste goiano. Nosso objetivo é criar um espaço onde possamos apresentar nossos trabalhos, conhecer os demais projetos na região, trocar experiências e estabelecer uma rede de comunicação entre aqueles que trabalham com essa temática [...] consideradas respostas para os seguintes questionamentos:

- Que ações têm sido desenvolvidas com os Kalunga e como eles recebem essas intervenções?
- O que tem sido feito pelas instituições de ensino superior (IES) que atuam na região?
- Quais são os parceiros das IES nesses projetos e atuações (ONGs, poder público, outras)?
- O que existe de positivo na atuação das IES?
- Quais são os entraves institucionais e acadêmicos para a eficácia desses projetos?
- Como fazer pesquisas com os parceiros Kalunga?

Wilma Melhorim Amorim – mestre em Geografia e doutoranda do Iesa/UFG.  
Maria Geralda de Almeida – professora doutora do Iesa/UFG  
(<[pesquisadoreskalunga2011@gmail.com](mailto:pesquisadoreskalunga2011@gmail.com)>).



*Regato no Engenho II*  
*Foto Joel Lemos*

## 9 Sondagem com visitantes no Engenho II

Com o propósito de observar características dos visitantes das cachoeiras situadas no Engenho II, foi realizada uma breve sondagem nos feriados do carnaval e da semana santa, alcançando 39 questionários respondidos. O instrumento utilizado foi o mesmo que o projeto Observatórios para o Turismo Sustentável aplicou em Cavalcante, com pequenas adaptações, a fim de permitir a comparação de resultados. Os dados e as informações alcançados no Engenho II estão compilados a seguir.

<b>Quadro_12 ___ -- Visitantes entrevistados no Engenho II</b>	
<b>Nome do visitante</b>	<b>E-mail</b>
1. Marcelo Galo	<a href="mailto:galomarcelo@yahoo.com.br">galomarcelo@yahoo.com.br</a>
2. Maria Alice Mendes de Souza	<a href="mailto:malice.27@hotmail.com">malice.27@hotmail.com</a>
3. Washington A. Durval	<a href="mailto:brancodf2006@hotmail.com">brancodf2006@hotmail.com</a>
4. Diana Afonso Martins	<a href="mailto:diana.am@gmail.com">diana.am@gmail.com</a>
5. Bruno Fainguelernt	
6. Sidney Adler	<a href="mailto:sdadler@ig.com.br">sdadler@ig.com.br</a>
7. Suely Margareth de Godoy	<a href="mailto:suely-godoy@hotmail.com">suely-godoy@hotmail.com</a>
8. José Voltaire	
9. Ana Paula Viana Silva	<a href="mailto:anapaula-contato@yahoo.com.br">anapaula-contato@yahoo.com.br</a>
10. Paula Garcia Villela	<a href="mailto:paula.gvillela@hotmail.com">paula.gvillela@hotmail.com</a>
11. Rodrigo S. Motta	<a href="mailto:rsmotta@hotmail.com">rsmotta@hotmail.com</a> / <a href="mailto:rodsmotta@hotmail.com">rodsmotta@hotmail.com</a>
12. Luciano de Lima Logrado	<a href="mailto:luciano.logrado@gmail.com">luciano.logrado@gmail.com</a>
13. Janaína de Paula	<a href="mailto:janaina23@gmail.com">janaina23@gmail.com</a>
14. Katrin Campos	<a href="mailto:katrincorretora@gmail.com">katrincorretora@gmail.com</a>
15. Gracie Mary Clímaco	<a href="mailto:gracie.dm@hotmail.com">gracie.dm@hotmail.com</a>
16. João Paulo Altenfelder	
17. Eise Batista da Conceição	<a href="mailto:eisebc@hotmail.com">eisebc@hotmail.com</a>
18. Hélio Cabral Jr.	<a href="mailto:heliojugurta@yahoo.com">heliojugurta@yahoo.com</a>
19. Gustavo Ramos Monsore	<a href="mailto:grm@click21.com.br">grm@click21.com.br</a>
20. Rafaela Martinez Toledo	<a href="mailto:rafatoledojoern@gmail.com">rafatoledojoern@gmail.com</a>
21. Karenn Ficher Souza	<a href="mailto:karennficher@gmail.com">karennficher@gmail.com</a>
22. Pablo Aguiar Saboya	<a href="mailto:pablo_saboya@yahoo.com.br">pablo_saboya@yahoo.com.br</a>
23. João Paulo Modesto Carvalho	<a href="mailto:joãopaulomoca@gmail.com">joãopaulomoca@gmail.com</a>
24. Jovanka Baptista da Silva	<a href="mailto:jjovanka@ig.com.br">jjovanka@ig.com.br</a>
25. Luiz Cláudio Moura Santos	<a href="mailto:luizc.21@gmail.com">luizc.21@gmail.com</a>
26. Iviane Barbosa Santos	<a href="mailto:ivianebsantos@hotmail.com">ivianebsantos@hotmail.com</a>
27. Paula Mayumi Sekiguchi	<a href="mailto:maymi.paula@gmail.com">maymi.paula@gmail.com</a>
28. Henry Yoshida	<a href="mailto:yoshida_henry@hotmail.com">yoshida_henry@hotmail.com</a>
29. Jorge Oliveira	<a href="mailto:jorgephotoliveira@hotmail.com">jorgephotoliveira@hotmail.com</a>
30. Eliel F. Medeiros	<a href="mailto:medeiroseliel@gmail.com">medeiroseliel@gmail.com</a>
31. Flora S. P. M. Figueiredo	<a href="mailto:florafigueiredo@gmail.com">florafigueiredo@gmail.com</a>
32. Gustavo Rios Silva	<a href="mailto:gustrios@yahoo.com">gustrios@yahoo.com</a>
33. Aluisio Ladeira Azanha	<a href="mailto:alazanha@ig.com.br">alazanha@ig.com.br</a>
34. Daniel Calazans Pierri	<a href="mailto:danibas@gmail.com">danibas@gmail.com</a>
35. Priscila Pessoa	<a href="mailto:pchianca@hotmail.com">pchianca@hotmail.com</a>
36. Luís Ricardo Lopes de Souza	<a href="mailto:petclinicavet@gmail.com">petclinicavet@gmail.com</a>
37. Monique Pinheiro Santos	<a href="mailto:mony.ps@hotmail.com">mony.ps@hotmail.com</a>
38. Natália Yuri	<a href="mailto:nataliaytd@gmail.com">nataliaytd@gmail.com</a>
39. Bruno Baroni	<a href="mailto:brunotbaroni@gmail.com">brunotbaroni@gmail.com</a>

Tabulação dos dados levantados			Observação
Sexo: (18) Feminino (21) Masculino			Dentre os entrevistados, a participação foi equilibrada de homens e mulheres
Faixa etária: (1) 15-20 anos (20) 21-30 anos (8) 31-40 anos (9) 41 -50 anos (1) Acima de 50			Concentração na faixa etária entre 20 e 50 anos
Nacionalidade: (39) Brasileira (0) Outro país			Visitantes brasileiros
Onde reside (mora) País: todos os entrevistados moram no Brasil			Maioria de Goiás e DF
<b>Cidade</b>	<b>Estado</b>	<b>Quantidade</b>	
Goianésia	GO	1	
Goiânia	GO	5	
Alto Paraíso	GO	1	
Carmo do Rio Verde	GO	1	
Barro Alto	GO	2	
	<b>Total</b>	<b>10</b>	
Brasília	DF	14	
Rio de Janeiro	RJ	3	
Niterói	RJ	1	
São Paulo	SP	7	
Sorocaba	SP	2	
Fortaleza	CE	1	
Maceió	AL	1	
	<b>Total</b>	<b>29</b>	
Estado civil: (10) Casado(a) (20) Solteiro(a) (2) Separado(a) (2) Divorciado(a): (5) União estável ( ) Viúvo			Maioria dos visitantes é de solteiros
Escolaridade: (0) Fundamental (4) Médio (23) Superior (12) Pós-graduação			Predomina a formação escolar de nível superior
Faixa de Renda: (16) Um a cinco salários mínimos (12) Seis a dez salários mínimos; (9) Acima de dez salários mínimos (2) Não respondeu			A maioria dos entrevistados tem faixa de renda acima de cinco salários mínimos
Quais atrativos motivaram sua vinda ao território Kalunga Engenho II? (16) Vales (21) Rios (15) Chapadões (13) Cachoeira (25) Cachoeira Santa Bárbara (18) Trilha ecológica (9) Trilha histórica (2) Praticar esporte (11) Outro atrativo: comida; fotografar; cultura quilombola Quais? (3) Almoço, comida típica (6) Comunidade, conhecer, cultura, história (1) Ecoturismo (1) Fotografar			Interesses turísticos bastante diversificados, com especial atenção para a cachoeira de Santa Bárbara.
Qual sua faixa de gasto diário nesta viagem? (7) Menos de R\$ 50,00 (15) R\$ 51,00 até 100,00			Predominam os gastos diários acima de R\$ 51,00.

(6) R\$ 101,00 até 150,00 (10) Acima de R\$ 151,00 (1) Nenhuma das respostas	
Você costuma consumir bebidas alcoólicas? (18) Sim (9) Não (12) Às vezes	Mercado de consumidores de bebidas alcoólicas, o que remete para vários produtos e serviços associados
Acompanhante neste passeio?  (04) Filhos (17) Casal (3) Familiares (16) Amigos (1) Grupos organizados (0) Sozinho	Tipo de passeio predominante: amigos e casais, que demandam por produtos e serviços diferenciados
Em qual tipo de veículo você veio hoje? (38) Carro (0) Ônibus (1) Van (0) Moto (0) Micro-ônibus (0) A cavalo (0) A pé (0) Bicicleta	Praticamente todos os entrevistados viajam em veículos próprios, o que remete para vários produtos e serviços associados
Essa é a primeira vez que você vem à comunidade do Engenho II?  (30) Sim (7) Não (2) Sem resposta	A maioria é visitante de primeira viagem. Como estimular o retorno?
No decorrer de um ano, com qual frequência você vem à comunidade do Engenho II?  (12) Nunca (11) Raramente (2) Uma vez (4) Duas vezes (3) Três a quatro vezes ( ) Cinco a seis vezes ( ) Acima de seis vezes (8) Sem resposta	Baixa frequência de retorno.
Você pretende voltar? (35) Sim. Quando? Em breve; no próximo feriado; no meio do ano; não sei; sempre; próxima oportunidade; na seca; o mais rápido possível (1) Não. Por quê? Muitos outros lugares para visitar (3) Sem resposta	A grande maioria declara o desejo de retornar
Você recomendaria esse passeio ao Engenho II aos seus amigos? (37) Sim (0) Não (2) Sem resposta	A maioria indicaria o destino turístico a amigos
Onde você obteve informação sobre os atrativos naturais na comunidade Kalunga do Engenho II? (3) Agência de viagem (5) Guia turístico (2) Publicidade em jornais, revistas e TV (28) Recomendação de amigos e familiares (4) Internet (0) Negócios (5) Outros. Quais? Sou de Cavalcante; CAT Alto Paraíso; GPS; Internet	A maioria dos visitantes veio por indicação de amigos. Isso sugere a comunicação em rede social.
O que você pretende visitar na próxima vez que voltar à comunidade Kalunga do Engenho II? (02) Rios (02) Trilhas (08) Cachoeiras (1) Cultura	Interesses turísticos diversificados

<p>(1) Comunidade  (1) Cachoeira Prata  (1) Desconhece outras opções  (1) Trilhas históricas  (4) Cachoeira da Capivara  (6) Cachoeira Candaru  (2) Tudo  (15) Sem resposta</p>	
<p>Em sua opinião, o que mais os Kalungas podem oferecer a você na próxima viagem?  (12) Festas  (11) Música  (8) Dança  (3) Teatro  (4) Informação na Internet  (2) Agências de turismo  (21) Artesanato  (19) Produtos da agricultura familiar  (13) Refeições e comidas típicas  (6) Hospedagem  (14) <i>Camping</i>  (10) Trilhas históricas  (1) Informação sobre a história Kalunga</p>	<p>Desejo de consumo vários tipos de produtos e serviços turísticos, ou seja, demanda diversificada</p>
<p>Sugestões. Recomendações. Observações.</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Manter as tradições Kalunga (música e dança).</li> <li>2. Divulgar na Internet.</li> <li>3. As estradas de terra poderiam estar um pouco mais conservadas.</li> <li>4. Melhor acesso em dias de chuva.</li> <li>5. Melhor acesso no verão (muita chuva).</li> <li>6. Melhor acesso ao local.</li> <li>7. Mais cordas de apoio durante as trilhas.</li> <li>8. Mais acesso para veículos nas estradas para as cachoeiras.</li> <li>9. Melhores condições de acesso aos locais das cachoeiras.</li> <li>10. Muito bom.</li> <li>11. Nunca mudem ou deixem o progresso estragar este santuário. Obrigada!</li> <li>12. Manter o acesso às cachoeiras em melhores condições para veículos.</li> <li>13. Ter na comunidade um centro cultural onde os moradores pudessem expor artesanatos e apresentar seu modo de vida sem alterar sua rotina em função do turista.</li> <li>14. Ponto de chegada para recepção de visitantes.</li> <li>15. Sinalização nas estradas.</li> <li>16. Em uma visita à cachoeira Santa Bárbara percebi que se trata de um local que deve ser preservado. Com base nos relatos locais, a cachoeira apresenta em determinadas épocas águas azuis e em outros momentos a água se torna verde. Isso se deve ao fato de haver algas azuis e verdes, que se desenvolvem naquela área. Quando chove, as algas verdes se reproduzem e as águas ficam com coloração esverdeada. Quando faz sol, as algas azuis se reproduzem e as águas ficam com um tom azulado. Percebe-se que se trata de um ambiente frágil devido ao grande número de pessoas que frequentam o local. Pessoas que movimentam as águas do poço durante a natação e fazem uso de repelente ou protetores solares. Com base no relato de um antigo morador do povoado, percebe-se que, de um tempo para cá, as águas, mesmo quando ocorre entrada de raios solares, não ficam mais azuladas como eram antigamente. Isso merece</li> </ol>	<p>Demanda generalizada por melhorias nos serviços e infraestrutura turística</p>

cuidados ambientais. Esta área deve ser usada somente para apreciação e não para natação (Janaina de Paula, bióloga, mestre e doutora/UnB, <a href="mailto:janaina23@gmail.com">janaina23@gmail.com</a> ).	
--	--

Esse levantamento evidencia muitos aspectos que permitem compreender o público entrevistado como possuidor de poder aquisitivo alto e com interesse de consumo favorável para a economia do turismo sustentável no Engenho II. Diante disso, coube indagar se no Vão de Alma e no Vão do Moleque isso estaria acontecendo do mesmo modo. Os membros dessas comunidades que foram entrevistados quando das visitas realizadas a esses locais responderam que ainda é muito pequena a visitação de turistas. Para que isso aconteça, são necessárias estradas e meios de acesso.



*Tradição e modernidade na arquitetura  
Kalunga no Engenho II  
Foto Ana Mendes*



*Nova cozinha da Dona Belina no  
Engenho II*

## **10 Dificuldades e desafios para o turismo eco-histórico sustentável no Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga**

A formulação de propostas para a exploração do mercado turístico, como alternativa para o desenvolvimento sustentável das comunidades Kalunga evidencia vários questionamentos, cujas respostas não são fáceis. Isso se deve principalmente ao fato de que o turismo tanto pode ser benéfico quanto ser causador de diversos impactos negativos no ambiente natural, no patrimônio cultural e nas pessoas, famílias e comunidades. Neste estudo diagnóstico, o compromisso assumido é sugerir alguns questionamentos para estudos aprofundados e muitos debates nas comunidades e nas instituições interessadas em dialogar com as comunidades Kalunga. Assim sendo, listamos dez indagações, sabendo que muitas outras ainda poderão surgir, a fim de contribuir com as discussões:

1. No contexto de abertura de comunidades simples, familiares, sertanejas, dispersas num território de difícil acesso, tradicionalmente fechadas e isoladas por mais de dois séculos, devido ao receio de serem recapturados para o trabalho escravo, como assegurar a preservação do patrimônio cultural e natural?
2. Há aproximadamente dez anos esse processo de intensificação das relações com o mundo exterior e de atração de intervenções externas no território do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, está acontecendo. Devido a isso, está ocorrendo uma intensa transformação cultural nas comunidades Kalunga, principalmente nas mais acessíveis, como é o caso do Engenho II.
3. Como controlar os impactos negativos do turismo no contexto de invasão inexorável que está acontecendo nos últimos dez anos? Quais os impactos específicos do turismo nas comunidades Kalunga?
4. Como promover o desenvolvimento turístico nas comunidades do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga como um processo que respeita sua cultura e suas tradições, num contexto de invasão de todo tipo: estradas, automóveis, telefone, televisão, consumismo, energia elétrica, casas de alvenaria, água canalizada, projetos, projetos e mais projetos governamentais e não governamentais?
5. Como compreender a colossal diferença entre as propostas e os orçamentos dos planos de turismo dos governos federal e estadual e o quadro geral de problemas nas comunidades Kalunga?

6. Quanto ao planejamento turístico para o nordeste de Goiás, qual o estágio do Plano de Desenvolvimento Integrado Sustentável (Pdits) da microrregião da Chapada dos Veadeiros em 2011? Quanto já foi gasto em Cavalcante, em que e quanto dos recursos financeiros ainda está disponível?
7. Quanto o atual governo federal e o de Goiás estão destinando para investimento no turismo do nordeste goiano?
8. Quais os impactos negativos nas comunidades Kalunga causados pela instabilidade política da administração pública em Cavalcante?
9. Qual o real significado econômico do turismo sazonal no desenvolvimento sustentável das comunidades Kalunga do município de Cavalcante-GO?
10. Qual deverá ser o esforço para a capacitação de membros das comunidades Kalunga para que estes atuem como protagonistas do desenvolvimento turístico, considerando a gestão do turismo de base comunitária como uma atividade complexa que envolve conhecimentos, preocupações e atitudes quanto ao desenvolvimento econômico aliado à inclusão social, à proteção à natureza e ao patrimônio cultural e à gestão comunitária descentralizada e compartilhada?
11. Considerando que o maior dos desafios para o turismo regionalizado (ver item 3.4), na perspectiva do Prodetur, é o fortalecimento da gestão municipal, por meio de várias ações e instrumentos – tais como planos diretores; capacitação profissional e empresarial; estudos de mercado turístico; planos de gestão ambiental; planos de *marketing*; melhoria da infraestrutura de transporte, de saneamento ambiental, de conservação de patrimônio histórico e outras –, e considerando a falta desses instrumentos de gestão do turismo e a instabilidade política de Cavalcante, como as comunidades Kalunga vão conseguir os recursos infra estruturais e os serviços públicos indispensáveis para o sucesso dos seus empreendimentos?

Refletir sobre o turismo sustentável, inclusivo e participativo nas comunidades Kalunga nos remete a pensar todos os demais aspectos da economia e da sociedade desse povo, que necessita de maior atenção dos poderes públicos a fim de suprir suas necessidades estruturais.

O maior dos desafios observados neste estudo é, com certeza, encontrar modos para superar a ausência efetiva do Estado, nos níveis federal, estadual e municipal, pois a

capacidade de adaptar-se, sobreviver e construir seus próprios caminhos os Kalunga têm de sobra. Eles podem explorar as alternativas do mercado turístico, mesmo que de modo simples. Porém, a ausência e a ineficácia dos serviços e dos recursos públicos é o obstáculo maior para tudo que os Kalunga necessitam ou desejam realizar.

Todavia, numa perspectiva de curtíssimo prazo, sem exigir a mobilização de recursos que demoram a chegar, o que mais é necessário proporcionar aos Kalunga é o fortalecimento da sua cultura associativa em todas as formas de manifestação: família; vizinhança; comunidades; festas; esportes; educação; saúde; segurança; agricultura; artesanato; agroindústria; pecuária; comércio, etc. Tendo em vista o distanciamento geográfico das comunidades Kalunga, para contribuir com o fortalecimento das diversas formas associativas, a infraestrutura de comunicação e os serviços de informação destacam-se como recursos estratégicos de efeito mais imediato.

O patrimônio cultural Kalunga não está, ainda, sob o risco de perda total, devido ao isolamento histórico dos indivíduos, segundo a tradição de esconderijo e dispersão por todo o território. Contudo, com a construção de estradas, a intensificação da comunicação e o desenvolvimento da economia Kalunga acontecerão mudanças de modo geral. Assim, fica evidenciado o quanto é imprescindível a realização de inventários, tombamentos e formulação de uma política de memória Kalunga, de tal modo que o processo de transformação siga diretrizes respeitadas para a preservação dos tesouros tangíveis e intangíveis que a história Kalunga oferece para toda a humanidade.



*Edilberto na estrada indo para o Engenho II*

*Foto Ana Mendes*

## 11 Ações propostas

### 11.1 Ações sugeridas por membros da comunidade Kalunga

No dia 15/10/2011, das 17h às 19h, logo depois das reuniões acontecidas no Engenho II, foi realizada uma reunião geral na Casa Kalunga de Cavalcante para apresentação das propostas da comunidade para o desenvolvimento turístico local, como mais uma oportunidade de participação neste estudo diagnóstico<sup>12</sup>. As sugestões da comunidade Kalunga são as seguintes, levando-se em conta que várias delas já estão sendo trabalhadas pela comunidade, mesmo que de modo precário:

#### Primeiro painel – Sugestões para a infraestrutura turística

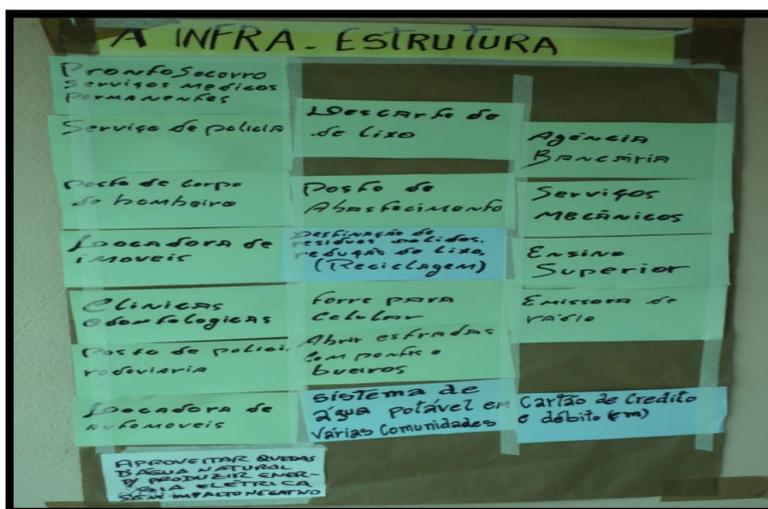


Foto de Joelice Francisco Maia

1. Abrir estradas com pontes e bueiros.
2. Agência bancária.
3. Aproveitar quedas d'água naturais para produzir energia elétrica sem impacto negativo.
4. Clínicas odontológicas.
5. Descarte de lixo.

<sup>12</sup> Ver memórias das reuniões anexas

6. Destinação de resíduos sólidos, redução do lixo (reciclagem).
7. Emissora de rádio.
8. Ensino superior.
9. Locadora de automóveis.
10. Locadora de imóveis.
11. Posto de abastecimento.
12. Posto de polícia rodoviária.
13. Posto do corpo de bombeiros.
14. Pronto-socorro.
15. Recebimento via cartão de crédito e de débito.
16. Serviço de polícia.
17. Serviços mecânicos.
18. Serviços médicos permanentes.
19. Sistema de água potável em várias comunidades.
20. Torre para celular.

### Segundo painel – Sugestões para serviços e equipamentos

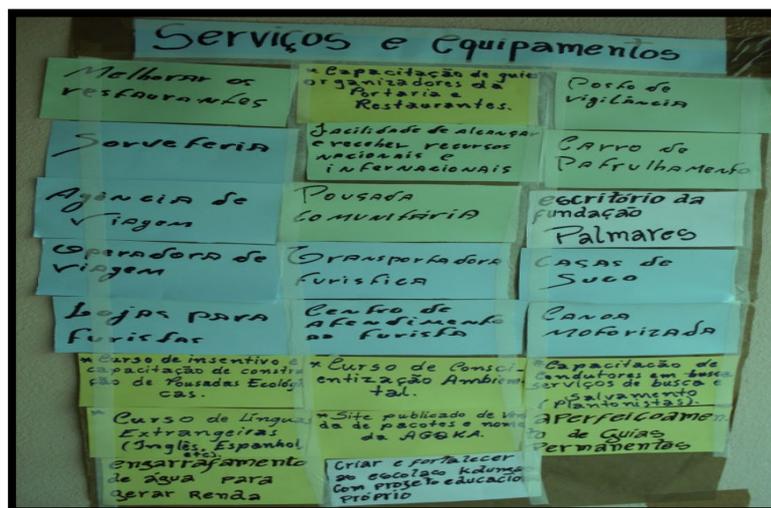


Foto de Joelice Francisco Maia

1. Agência de viagem.
2. Aperfeiçoamento de guias permanentes.

3. Canoa motorizada.
4. Capacitação de condutores em serviços de busca e salvamento (plantonista).
5. Capacitação de guias, organizadores da portaria e restaurante.
6. Carro de patrulhamento.
7. Casas de suco.
8. Centro de atendimento ao turista.
9. Criar e fortalecer as escolas Kalunga com projeto educacional próprio.
10. Curso de conscientização ambiental.
11. Curso de incentivo e capacitação de construção de pousadas ecológicas.
12. Curso de línguas estrangeiras (inglês, espanhol, etc.).
13. Engarrafamento de água para gerar renda.
14. Escritório da Fundação Palmares.
15. Facilidade de alcançar e receber recursos nacionais e internacionais.
16. Lojas para turistas.
17. Melhorar os restaurantes.
18. Operadora de viagem.
19. Posto de vigilância.
20. Pousada comunitária .
21. *Site* publicado de venda de pacote em nome da AGQK.
22. Sorveteria.
23. Transportadora turística.

## 11.2 Propostas dos Kalunga para o desenvolvimento do turismo cultural

### Terceiro Painel – Sugestões para o turismo cultural Kalunga

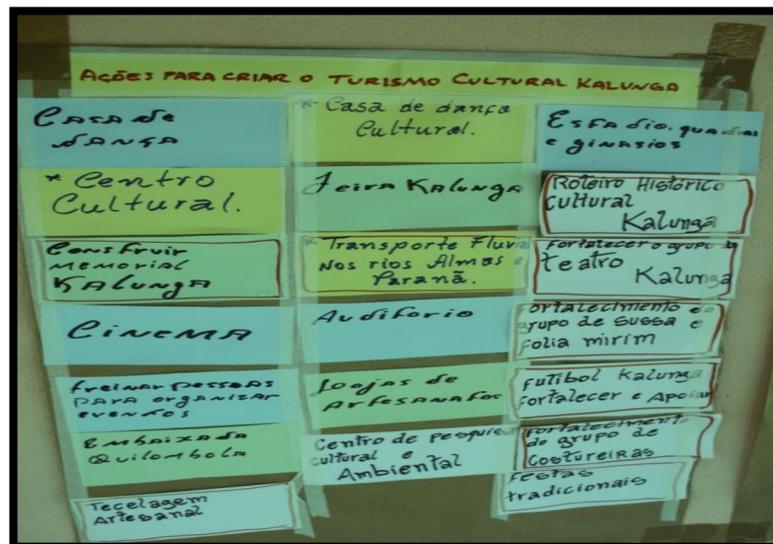


Foto de Joelice Francisco Maia

1. Auditório.
2. Casa de dança.
3. Casa de dança cultural.
4. Centro cultural.
5. Centro de pesquisa cultural e ambiental.
6. Cinema.
7. Construir memorial Kalunga.
8. Embaixada quilombola.
9. Estádios, quadras e ginásios.
10. Feira Kalunga.
11. Festas tradicionais.
12. Fortalecer o Grupo de Teatro Arte Kalunga Matec – Meio Ambiente, Tradição, Educação e Cultura. Contatos: Joelice (61) 9636-2484; Núria Renata (62) 9656-3953, (61) 9819-8419 e João Francisco (62) 9633-7416.
13. Fortalecimento do grupo de costureiras.

14. Fortalecimento do grupo de sussa e folia mirim.
15. Futebol Kalunga: fortalecer e apoiar.
16. Lojas de artesanato.
17. Roteiro histórico e cultural Kalunga.
18. Tecelagem artesanal.
19. Transporte fluvial nos rios Alma e Paranã.
20. Treinar pessoas para organizar eventos.

### 11.3 Propostas dos Kalunga para o desenvolvimento do turismo rural

#### Quarto Painel – Sugestões para o turismo rural

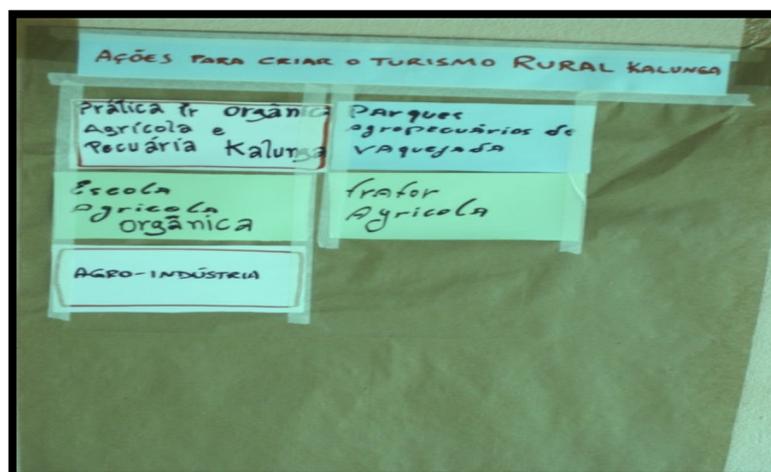


Foto de Joelice Francisco Maia

1. Prática orgânica agrícola e pecuária Kalunga.
2. Parques agropecuários de vaquejada.
3. Escola agrícola orgânica.
4. Trator agrícola.
5. Agroindústria.

#### 11.4 Propostas dos Kalunga para o desenvolvimento do ecoturismo

##### Quinto Painel – Sugestões para o ecoturismo

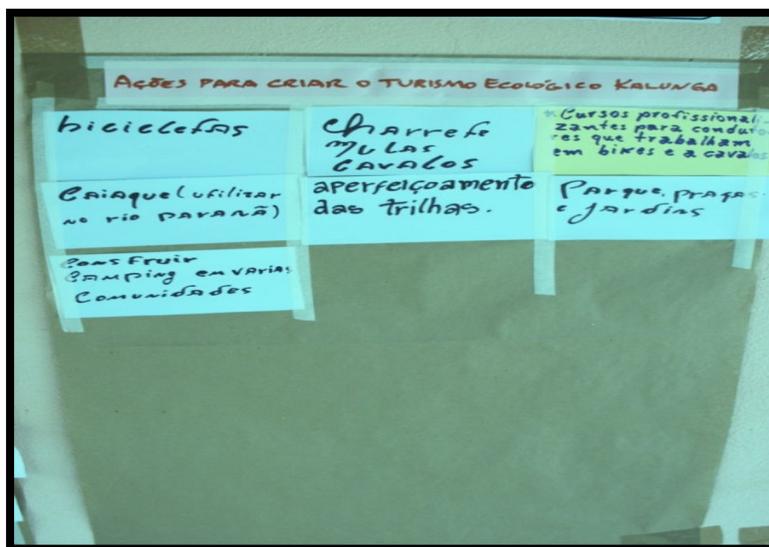


Foto de Joelice Francisco Maia

1. Aperfeiçoamento das trilhas.
2. Bicicletas.
3. Caiaque.
4. Charretes, mulas e cavalos.
5. Construir *camping* em várias comunidades.
6. Cursos profissionalizantes para condutores que trabalham em *bikes* e cavalos.
7. Parque, praças e jardins.
8. Utilizar no rio Paranã.

Propostas dos representantes das comunidades do Vão do Moleque registradas no dia 02/05/2011, na casa da Amiran, em Cavalcante, quando o sr. Joaquim (Muchila) relatou a presença de visitantes (turistas) na barra do Curriola. Os presentes apresentaram as seguintes observações e sugestões:

1. Os visitantes abandonam lixo no local.
2. O pagamento do pedágio ocorre no Engenho II, apesar de a visita acontecer no Vão do Moleque.

3. As comunidades do Vão do Moleque necessitam de água, esgoto, energia elétrica.
4. Estão conscientes da necessidade de ter uma portaria na entrada do Prata.
5. Envolver e beneficiar as 474 famílias que habitam no Vão do Moleque.
6. Beneficiar e melhorar o ensino no colégio onde estudam mais de duzentos alunos, mas no local não há fornecimento de água e energia elétrica.
7. Na Maiadinha, envolver mais sessenta casas e um colégio do governo federal.
8. Todas as comunidades do Vão do Moleque necessitam de projetos que fortaleçam a agricultura familiar e o extrativismo, facilitando o escoamento da produção.
9. Na Fazenda Redenção é necessária uma rede de captação e distribuição de água, especialmente no período da estiagem.
10. Cada comunidade do Vão do Moleque tem seus atrativos e suas necessidades de recursos específicos para a melhoria das condições de vida dos moradores e para o negócio do turismo. Por isso, o recomendável é a elaboração de estudos e projetos adequados a cada uma delas.

### *11.5 Ações sugeridas pela equipe do diagnóstico*

Como fruto deste trabalho de diagnóstico, além da proposta de implantação de recursos de comunicação e informação, a equipe de pesquisa sugeriu as seguintes ações complementares àquelas apresentadas pela comunidade a fim de provocar um impacto positivo imediato no desenvolvimento econômico Kalunga:

1. Criar meios de escoamento e comercialização dos produtos Kalunga em Goiás e no Distrito Federal sob a óptica da economia solidária e do preço justo, contribuindo também para a divulgação do potencial turístico da região.
2. Buscar apoio de órgãos governamentais para levar adiante o planejamento turístico com base neste diagnóstico, considerando que:

A Secretaria Nacional de Programas de Desenvolvimento do Turismo (SNPDTur) do Ministério do Turismo subsidia a formulação dos planos, programas e ações destinados ao desenvolvimento e ao fortalecimento do turismo nacional. Também formula e acompanha os programas de desenvolvimento regional do turismo e a promoção do apoio técnico, institucional e financeiro necessário ao fortalecimento da execução e da

participação dos estados, do Distrito Federal e dos municípios nesses programas... O investimento executado no âmbito da Secretaria pelos seus departamentos, em 2008, totalizou o valor de R\$ 1,7 bilhão. No âmbito do DCPAT, destacamos que os investimentos realizados totalizam o valor de R\$ 40 milhões em programas para qualificação em língua estrangeira; formação de gestores; turismo de aventura; gastronomia; incubação de cooperativas populares da cadeia produtiva do turismo; apoio à comercialização da produção associada ao turismo, entre outros. O apoio ao turismo de base comunitária como uma ação do DCPAT, capitaneada pela Coordenação-Geral de Projetos de Estruturação do Turismo em Áreas Priorizadas (CGPE) tem como objetivo conhecer o potencial deste segmento para, por um lado, agregar valor a alguns destinos, diversificar a oferta turística e, por outro, promover o desenvolvimento local e a inclusão social, em virtude das características peculiares da organização e da estruturação dos produtos e dos serviços turísticos denominados como de base comunitária. Em 2008, por meio do edital de chamada pública, foram selecionadas cinquenta propostas para apoio nos exercícios de 2008 e 2009, representando 19 unidades da Federação, e cerca de cem municípios, com orçamento total previsto de R\$ 7,5 milhões. Em 2008, foram formalizados, por meio de convênio, 22 projetos, distribuídos nas cinco regiões do Brasil totalizando um investimento de R\$ 3,36 milhões. Os resultados dos procedimentos, as diretrizes e as estratégias adotadas para o apoio aos projetos de turismo de base comunitária são objeto de análise da equipe técnica da Coordenação do DCPAT nesta publicação... Assim, diante do desafio de aumentar e diversificar a oferta turística brasileira, associado ao objetivo de promover o turismo como vetor de desenvolvimento local com geração de trabalho e renda, esta publicação tem importância por contribuir para o diálogo entre a produção da Universidade sobre o tema e uma iniciativa de política pública do MTur, com o fomento às iniciativas de turismo de base comunitária (BARTHOLO; SANSOLO; BURSZTYN, sem data, p. 3).

3. Realizar estudos de impacto ambiental e elaborar relatórios de impacto ambiental para levantar informações adequadas ao planejamento de atividades econômicas e construção de infraestrutura adequada para o melhor aproveitamento do potencial turístico.
4. Elaborar o Plano Diretor do Turismo Kalunga e respectivos instrumentos.
5. Planejar roteiros para passeios variados que atraiam turistas de diversos segmentos: turismo de aventura, bóia-cross em botes infláveis descendo correntezas e arvorismo ou desfrutar do turismo ecológico, com suas trilhas e caminhadas.
6. Criar uma equipe permanente no Observatório para o Turismo Sustentável de Cavalcante, com participação de Kalunga, para monitorar permanentemente a frequência de visitante no Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga.
7. Criar um curso técnico profissionalizante de nível médio em gestão do turismo sustentável eco-histórico no município de Cavalcante.

8. Criar uma rede integrada de projetos sobre os Kalunga para intercâmbio de informações e cooperação nas ações em programa de alfabetização, estímulo à leitura, ensino técnico profissionalizante, empreendedorismo, formação política, facilitação do acesso ao livro e outras publicações físicas e virtuais, torneios desportivo, campeonato de futebol, atletismo, história oral, prevenção de acidentes e doenças, energia solar e outras fontes de energia alternativa, aquicultura, apicultura, nutrição, dentre outras.
9. Criar o Comitê Gestor do Turismo no Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga.
10. Integrar todas as atividades econômicas das comunidades Kalunga com o mercado turístico local dentro do Sítio Histórico no município de Cavalcante e em toda a região do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros.

## **12 Considerações finais**

Este estudo apresenta de modo sistemático um conjunto de dados e informações sobre realidade e o potencial turístico do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga com o intuito de contribuir com as atividades de pesquisadores, planejadores, gerentes de projetos turísticos e demais interessados em conhecer um pouco sobre as comunidades remanescentes do maior quilombo do Brasil, situado no município de Cavalcante, no Nordeste goiano.

De modo mais específico, este estudo procurou situar-se no campo do turismo eco-histórico sustentável com a finalidade de subsidiar com informações as atividades de planejamento que objetivam o desenvolvimento econômico e social das comunidades Kalunga. Espera-se colaborar para o aprimoramento da conservação e da gestão das belezas naturais bem como orientar a formulação de medidas para evitar a perda do patrimônio cultural e criar oportunidades de trabalho e renda.

Neste estudo são descritos e comentados vários aspectos infraestruturais e contextuais de interesse para o turismo nas comunidades de Vão de Almas, Vão do

Moleque e Engenho II. São evidenciadas as potencialidades, os desafios e as dificuldades para o desenvolvimento do turismo cultural, rural e ecológico de base comunitária, sustentável e inclusivo. Constatam, por fim, as ações propostas por integrantes das comunidades Kalunga e pelos entrevistados para o desenvolvimento do turismo eco-histórico sustentável e integrado às demais atividades econômicas, educacionais, sociais e culturais nessas comunidades.

O propósito deste estudo é, portanto, o fortalecimento do turismo sustentável como a melhor alternativa de desenvolvimento para as comunidades Kalunga. O turista deve ser compreendido como aliado na preservação do meio ambiente e da cultura, que contribui de modo consciente e responsável para a geração de oportunidades de trabalho e renda, numa comunidade sertaneja, de base familiar, valorizando o protagonismo local no oferecimento de produtos e serviços específicos dos moradores.

As comunidades Kalunga constituem um sistema local integrado a um amplo e complexo sistema social brasileiro. Assim, o objeto de estudo foi contextualizado por meio de duas abordagens: 1) os aspectos externos em vários níveis; e 2) os aspectos internos da realidade do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga. Cabe ressaltar que neste estudo diagnóstico os aspectos internos são os específicos das comunidades Kalunga localizadas no município de Cavalcante: Vão de Alma; Vão do Moleque; e Engenho II.

Foram utilizados estudos bibliográficos e documentais para levantar dados e informações sobre o contexto interno. Foi observada a pertinência da aplicação dos formulários do diagnóstico turístico do Plano Nacional para a Regionalização do Turismo, que abordam três aspectos básicos: 1) a infraestrutura de apoio ao turismo; 2) serviços e equipamentos turísticos; e 3) atrativos turísticos potenciais.

Na análise do contexto mais amplo foram considerados os aspectos relativos à História e à Antropologia, os fundamentos teóricos do Turismo, as características do ambiente natural, as tendências de mercado turístico e as propostas de gestão governamental nos níveis federal, estadual e municipal para o desenvolvimento da economia do turismo nessa região, bem como o interesse internacional nessa área.

Este estudo foi iniciado, desenvolvido e concluído com a participação ativa de aproximadamente cem pessoas do Engenho II, do Vão do Moleque e do Vão de Alma, tendo a comunidade do Engenho II maior participação devido à sua localização – mais favorável ao acesso –, especialmente na época das chuvas. De modo geral, os entrevistados demonstraram ter consciência da realidade precária da sua comunidade, dispendo-se a

fornecer as informações solicitadas. Houve forte adesão no que concerne à realização de diversas atividades, tais como: 1) entrevistas; 2) reuniões; 3) aplicação dos questionários para estudo do perfil de visitantes das cachoeiras do Engenho II; 4) participação no Seminário do Projeto de Fomento ao Turismo nos Parques Nacionais e Entorno, (maio/2011), realizado em Cavalcante e Alto Paraíso; 5) participação como guias no acesso ao território do Sítio Histórico para a pesquisa de campo; 6) mobilização de pessoas para serem entrevistadas; 7) participação nas reuniões de encerramento da redação do Relatório Final, contribuindo na formulação de propostas para o desenvolvimento turístico do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga. Enfim, em tudo o que foi solicitado, combinado e possível de acontecer os membros da comunidade Kalunga empenharam-se e participaram. De agora em diante, espera-se que esse processo participativo tenha continuidade na discussão, na deliberação e na realização das ações sugeridas, envolvendo de modo efetivo os Kalunga com os proponentes de projetos e representantes de entidades patrocinadoras de natureza pública e privada.

De modo geral, tanto no plano interno quanto no externo este estudo constatou que predomina a compreensão, o desejo e o compromisso com a proteção do patrimônio cultural e natural das comunidades Kalunga e de todo o município. Com esse compromisso, nesta última década está acontecendo uma grande invasão de projetos no local, sendo a maioria destinada ao Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga. Porém, esses projetos são descoordenados, desintegrados e têm conhecimento limitado sobre a realidade. São intervenções com prazo determinado, ou seja, são eventuais, descontínuos. Muitos são repetitivos e impositivos, chegam prontos, já com verba, elaborados para acontecer sem discussão. Essa é a avaliação dos Kalunga entrevistados e o que foi constatado nas informações levantadas.

É muito fácil notar que nas comunidades remanescentes de quilombos é forte a tradição de luta, de pensamento estratégico, de capacidade de resistência e adaptação. São comunidades organizadas em que o protagonismo é tradição. Assim, toda a vida social, econômica e cultural Kalunga expressa o espírito da gestão comunitária descentralizada, participativa, colaborativa, sustentável e inclusiva.

O turismo é uma nova atividade que promete gerar trabalho e renda aos Kalunga. Vários indivíduos já estão engajados conscientemente nesse processo, contudo sem a infraestrutura, os serviços e os recursos necessários. Mas tudo ainda é inicial e incipiente, exceto as festas e romarias tradicionais, que estão sendo invadidas de modo avassalador,

com fortes impactos negativos, conforme estudos turísticos consultados para este diagnóstico e os relatos de visitantes e de membros das comunidades.

Aos planejadores e projetistas recomendamos a integração das suas ações, dialogando com os protagonistas Kalunga e com outras instituições que atuam no local a fim de assegurar efetivamente a sustentabilidade das suas propostas. Nas entrevistas e nos levantamentos realizados foi observada uma grande quantidade de informações e dados dispersos em diferentes fontes, produzidos por iniciativas diversas, sobre os atrativos, os serviços, os agentes, a infraestrutura turística nas comunidades Kalunga, bem como sobre as necessidades, os desafios, as limitações e as propostas para o desenvolvimento sustentável deste setor. Este relatório lista vários planos, projetos, monografias, legislação e entidades que estão atuando no território Kalunga como uma tentativa de superar essa enorme dispersão do grande volume de dados e informações. Todo o esforço despendido evidencia a necessidade de um intenso trabalho de pesquisas junto com a criação de um Centro de Referência Kalunga em Cavalcante ou no Engenho II.

As comunidades Kalunga devem ser compreendidas como sociedades simples, familiares, organizadas e soberanas, com mais de duzentos anos de lutas e vitórias. Somente agora, há uns trinta anos, foi iniciada uma nova relação com a sociedade brasileira, e apenas na primeira década do século XXI aconteceu a grande abertura ou invasão do maior território quilombola do Brasil. A fim de contribuir para o melhor entendimento sobre esse povo destacam-se os seguintes pontos:

- Sob o enfoque histórico, a origem das comunidades Kalunga é vista como resultante da resistência ao escravismo colonial, desde o século XVIII, no Ciclo do Ouro, com a predominância dos descendentes das pessoas de origem africana que escaparam do cativeiro ou que, depois de libertadas, formaram quilombos nos locais mais inacessíveis das serras e dos vales do Nordeste goiano.
- Sob o enfoque do turismo, devem ser consideradas as concepções teóricas atualizadas dessa área de conhecimento e as experiências práticas acontecidas na realidade brasileira, destacando especialmente os conceitos de impactos do turismo nos locais visitados, o turismo eco-histórico responsável, o turismo sustentável, a regionalização do turismo, o turismo inclusivo, a gestão participativa e o turismo de base comunitária.
- Sob o enfoque ambiental, devem ser considerados os aspectos do bioma cerrado no Estado de Goiás e as diretrizes políticas para a gestão dos

recursos naturais na microrregião do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros e Entorno.

O potencial turístico no território Kalunga é caracterizado por uma grande variedade de atrativos culturais e naturais conhecidos e desconhecidos, inexplorados e maravilhosamente preservados, tais como: história; tradições culturais, festas populares e religiosas; música; dança; artesanato; os modos de relacionamento com a fauna; flora; frutos do cerrado; o conhecimento, ocupação e uso dos vales, fontes de águas termais, nascentes, quedas d'água, córregos e rios de pequeno, médio e grandes portes, praias fluviais, corredeiras, cachoeiras; serras, morros, chapadões; gigantescos vales (vãos), encostas; ravinas; paredões; mirantes; trilhas histórico-culturais e ecológicas; agricultura familiar. São muito os atrativos potenciais para o turismo histórico; turismo rural; ecoturismo; turismo de aventura; turismo religioso; turismo de águas; turismo cultural, etc.

Porém, a oferta de atrativos turísticos no Engenho II e nas comunidades do Vão de Almas e do Vão do Moleque ainda está nascendo como uma novidade na economia Kalunga. Trata-se de fenômeno recente que os leva à criação de respostas informais e improvisadas para atender à demanda crescente do turismo em alguns pontos específicos, tais como as visitas às cachoeiras do Engenho II e do rio Prata no caminho para o Vão do Moleque e a participação nas festas. Essa demanda resulta principalmente do crescimento do turismo em todo o município de Cavalcante e do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros e região.

As duas maiores experiências de exploração do mercado turístico pelos Kalunga são: 1) no Engenho II existem os serviços de portaria, recepção de visitante, cobrança de pedágio e contratação de guia sob a gestão da Associação Quilombo Kalunga (a *Associação Mãe*) e várias iniciativas para o fornecimento de refeição, venda de produtos caseiros e da nascente agroindústria e, também, se está iniciando a oferta de *camping* e hospedagem; 2) outra iniciativa que está crescendo forte é a Associação de Guias do Quilombo Kalunga.

Há uma excelente infraestrutura na comunidade do Engenho II para oferta de serviços e produtos Kalunga para visitantes e para comércio em outras praças, especialmente aqueles decorrentes da agricultura familiar, da fruticultura, das hortas orgânicas comunitárias, do extrativismo e do processamento de produtos diversos, por exemplo, a extração de polpa de frutas, a fabricação de farinhas, o artesanato, o sabão

artesanal, a extração do óleo de gergelim, etc. Este é o único local do território Kalunga onde há um início de infraestrutura urbana planejada, com casas populares, energia elétrica, telefone (um orelhão), internet, dentre outros recursos.

Quanto a deficiências, pontos críticos, estrangulamentos, necessidades de ajustes entre a oferta e a demanda local, pode-se notar que existe certa compatibilidade entre a oferta e a demanda, pois ambas estão nascendo, ainda são pequenas. Como ponto crítico, destaca-se a necessidade de planejar o desenvolvimento turístico para todo o Sítio Histórico e Patrimônio Cultural, pois faltam quase todos os serviços públicos básicos: energia, telefone, água, saneamento, educação, transporte, segurança, saúde, comércio, estradas e tudo o mais.

O turismo é uma novidade na história do quilombo Kalunga, as comunidades precisam preparar-se para tudo. Os turistas estão começando a aparecer, o movimento é sazonal e concentrado na visitação à cachoeira de Santa Bárbara, cuja fama está correndo o mundo boca a boca, e nas festas. Mas os nativos sabem que esse mercado é maior e de alto poder aquisitivo e estão interessados em explorá-lo como protagonistas. Os Kalunga entrevistados conhecem o significado econômico do turismo e seu efeito multiplicador no desenvolvimento sustentável do município de Cavalcante-GO. Também sabem que eles detêm a vantagem de ser objeto de interesse dos visitantes por motivos históricos e culturais, além dos atrativos da natureza. Nesse sentido, expressam o propósito de ser também empreendedores na dinâmica dessas novas oportunidades de ganhar dinheiro, do mesmo modo como são protagonistas nas suas roças, no comércio dos seus produtos, na organização das suas festas, dentre outras manifestações.

O mercado dos turismos eco-histórico, rural, de aventura, de pesca esportiva, gastronômico, de artesanato, agroindustrial, de agricultura familiar orgânica e muitos outros ramos do turismo estão encontrando no município de Cavalcante o lugar perfeito, pois aproximadamente 90% do território é área de preservação ambiental. Pode-se avaliá-lo como um grande refúgio da natureza, cercado de chapadas e serras, ornadas com nascentes e cachoeiras, com os gigantescos vales cortados por caudalosos rios cercados e cobertos por matas quase virgens, campos, campinas, veredas e ravinas de todo tamanho. Trata-se de um dos primeiros e maiores municípios de Goiás, do início do Ciclo do Ouro, que tem as seguintes fronteiras turísticas: Sul – Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros; Norte – Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga; Leste – Parque Nacional da Terra Ronca; Oeste – rio Tocantins, com os lagos das hidroelétricas de Canabrava e de

Serra da Mesa. Cavalcante tem tudo para ser o centro de um pólo de turismo de natureza e cultura.

Além do potencial turístico específico do território Kalunga, este diagnóstico buscou levantar também dados e informações acerca do planejamento governamental nos três níveis e as tendências do mercado de serviços e produtos turísticos do entorno do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. Como destacamos no item sobre turismo sustentável, o Plano Nacional de Turismo 2007-2010 (PNT) propõe a formulação de propostas de ação inter-setorial, integrando todas as esferas do poder público em parceria com a iniciativa privada para que o potencial turístico, transformado em produtos turísticos, propicie o desenvolvimento sustentável, com a valorização e a proteção do patrimônio natural e cultural e o respeito às diversidades regionais.

No item sobre o turismo inclusivo, consta que o PNT tem como objetivo melhorar a infraestrutura do turismo nacional, definindo e preparando 65 destinos para ampliar ainda mais as ações do turismo de inclusão social. Dentre estes, consta o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros e Região, ou seja, abrange o município de Cavalcante.

Quanto ao turismo de base comunitária (item 3.3), pode-se afirmar que existe um encontro favorável entre a proposta da Política Nacional de Turismo e a cultura de participação das comunidades do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga. O PNT busca a regionalização dessa atividade econômica sob a ótica da sustentabilidade e da inclusão, conforme o propósito do “turismo de base comunitária”. Alheio à cultura Kalunga somente a visita turística como comércio de bens e serviços.

Segundo a política de turismo para o Centro-Oeste, de modo sintético, o objetivo geral constante da estratégia para o desenvolvimento da região é “promover uma reorientação do estilo”, voltada para o desenvolvimento sustentável, abrangendo a conservação dos ecossistemas, com redução da pressão socioeconômica sobre os recursos naturais, buscando a recuperação de áreas degradadas, melhorando as condições de vida da população e reduzindo as desigualdades sociais.

Consta também do Plano Estratégico de Desenvolvimento do Centro-Oeste para o período de 2007 a 2020 (BRASIL, 2007), na carteira de projetos prioritários, a criação de infraestrutura de turismo, objetivando o aumento das atividades com o propósito de contribuir para a diversificação da estrutura produtiva, para a elevação da renda e para a criação de oportunidades de emprego. Espera-se com essas iniciativas o aumento do fluxo turístico para a Região Centro-Oeste e, com isso, o crescimento desse setor na economia

regional. Nesse sentido, esse Plano propõe a recuperação e a ampliação de vias de transporte e acesso aos principais pontos turísticos e a melhoria dos atrativos nas microrregiões, especialmente naquelas em condições socioeconômicas mais precárias (Política de Turismo para o Centro-Oeste, item 3.7).

Este estudo sugere como ação preliminar, a fim de provocar um impacto positivo imediato no desenvolvimento econômico das comunidades Kalunga, criar meios de escoamento e comercialização dos produtos da economia tradicional Kalunga em Goiás e no Distrito Federal, sob a óptica da economia solidária e do preço justo, contribuindo também para a divulgação do potencial turístico da região e a criação de curso profissionalizantes para o empreendedorismo no mercado do turismo histórico e ecológico. Isso significa a necessidade do aporte de suprimentos, orientação técnica, estradas, transporte, infraestrutura para depósito, comercialização, informação e comunicação, pois os produtos da cultura de subsistência, a tradição da agricultura familiar com o cultivo orgânico, têm demanda certa nos mercados local e global. O desafio atual é reforçar as práticas sustentáveis nas comunidades Kalunga, fortalecendo a consciência crítica acerca da sua realidade e do seu patrimônio cultural e natural, sua tradição de autogestão, proatividade e autonomia. Dessa forma, estar-se á colaborando para que essas pessoas possam integrar-se às sociedades externas com o mínimo de impacto negativo no Sítio Histórico e Patrimônio Cultural.

Nos resultados alcançados neste estudo diagnóstico, evidenciou-se a necessidade de realização de projetos amplos interdisciplinares, integrados, coordenados, mesmo que interinstitucionais, objetivando maior abrangência e profundidade nos estudos e nos inventários do patrimônio histórico e cultural e diagnóstico situacional das comunidades Kalunga, com a participação efetiva destas, para que seus membros formulem e realizem suas escolhas em termos de diretrizes, ações e modos de organização e trabalho, a fim de que seu desenvolvimento econômico e social continue sendo autônomo, proativo, integrado e sustentável em todos os sentidos.

Enfim, os Kalunga têm muito a ensinar ao país e ao mundo sobre sustentabilidade em todos os sentidos, pois souberam ocupar, adaptar-se, integrar e desenvolver suas comunidades de modo equilibrado com seu ambiente, na contramão do que pode ser observado no planeta.

## 13 Referências

### 13.1 Bibliografia

AGNOL, Rafael Dall'. *Ética e responsabilidade social no turismo*. Faculdade Estácio de Sá de Santa Catarina. Artigo não publicado.

ANJOS, Rafael Sanzio dos. *Quilombolas: tradições e cultura da resistência*. São Paulo: Aori Comunicação, 2006. p. 123.

BAIOCCHI, Mari de Nazaré. *Kalunga: povo da terra*. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, 1999. 124 p.: il.

———. *Negros de cedro: estudo antropológico de um bairro rural de negros em Goiás*. São Paulo: Ática/INL/Fundação Nacional Pró-Memória, 1983.

BARTHOLO, Roberto; SANSOLO, Davis Gruber; BURSZTYN, Ivan (Org.). *Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Rio de Janeiro: Letra e Imagem – Laboratório de Tecnologia e Desenvolvimento Social (LTDS)/Área de Gestão e Inovação/Programa de Engenharia de Produção/Instituto Luiz Alberto Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia (Coppe)/Universidade Federal do Rio de Janeiro – Ministério do Turismo – Apoio da Fundação Banco do Brasil, 2009.

BRASIL. Ministério do Turismo. Secretaria de Políticas de Turismo. *Conceitos básicos e apoio à comercialização de produtos segmentados*. Brasília: Ministério do Turismo; Florianópolis: Sead/UFSC, 2009. 208 p.

———. Ministério da Integração Nacional. Secretaria de Desenvolvimento do Centro-Oeste. Secretaria de Políticas de Desenvolvimento do Centro-Oeste. *Plano Estratégico de Desenvolvimento do Centro-Oeste (2007-2020)*. Goiânia: Kelps, 2007.

———. Ministério do Turismo (Mtur). *Plano Nacional do Turismo 2007/2010 – Uma viagem de inclusão*.

———. Ministério do Turismo (MTur). Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação. *Roteiros do Brasil: Programa de Regionalização do Turismo. Projeto: Inventário da Oferta Turística. Manual do pesquisador: instrumentos de pesquisa*. Brasília, 2006.

———. Ministério do Turismo (MTur). Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação. *Roteiros do Brasil: Programa de Regionalização do Turismo. Projeto Inventário da Oferta Turística. Manual do pesquisador: Módulo A*. Brasília, 2006.

———. Ministério do Turismo. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae). Fundação Getúlio Vargas (FGV). *Segundo relatório Brasil: estudo de competitividade dos 65 destinos indutores do desenvolvimento turístico regional*, 2009.

———. Ministério do Turismo. Secretaria de Políticas de Turismo. *Conceitos básicos e apoio à comercialização de produtos segmentados*. Ministério do Turismo. Brasília: Ministério do Turismo;

Florianópolis: Sead/UFSC, 2009. 208 p. Programa de Qualificação a Distância para o Desenvolvimento do Turismo: Curso de Segmentação do Turismo.

———. Ministério do Turismo. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico. Coordenação-Geral de Regionalização. Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil. Projeto Gestão das Instâncias de Governança Regionais: 1ª Minuta do Termo de Referência. Sítio visitado em 13/07/2011 (<[http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/programas\\_acoes/regionalizacao\\_turismo/downloads\\_regionalizacao/Gestxo\\_das\\_Instxncias\\_de\\_Governanxa\\_Regionais.pdf](http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/programas_acoes/regionalizacao_turismo/downloads_regionalizacao/Gestxo_das_Instxncias_de_Governanxa_Regionais.pdf)>).

CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (CET/UnB). Fundação Banco do Brasil (FBB). *Relatório do Projeto Observatório para o turismo sustentável: pesquisa do perfil e da satisfação do turista e monitoramento da atividade turística em Cavalcante*. Brasília, 2008.

———. *Guia para implantação dos observatórios para o turismo sustentável: a partir dos casos de Cavalcante e Cristalina*. Brasília, 2009.

–CONSELHO MUNICIPAL DE TURISMO (Comtur). *Informativo Trimestral de Atividades*, n. 01, Cavalcante-Goiás, 16 jul. 2011.

DAMANDO, Giovanna Isabel. *Os impactos do turismo em Cavalcante – TCC*. Brasília: CET/UnB, 2003.

GOIÁS. Secretaria do Planejamento e Desenvolvimento. Programa de Desenvolvimento Sustentável do Nordeste Goiano – Nordeste Novo. *Estudos Seplan: Nordeste Goiano – Um investimento de futuro*. 2004.

JATOBÁ, Danielli. *Comunidade Kalunga e a interpelação do estado: da invisibilidade à identidade política*. 2002. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2002.

PARNA-CV, *folder/2011*.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Unesp, 1998. p. 95.

RUSCHMANN, Doris van de Meene. *Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente*. Campinas: Papirus, 1997.

SALVATI, Sérgio Salazar (Org.). *Turismo responsável: manual para políticas públicas*. Brasília: WWF Brasil, 2004. 220 p.

SEBRAE-GO. Projeto de Fomento ao Turismo nos Parques Nacionais e Entorno. Cadeia produtiva Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros: resultados do diagnóstico. Seminário em Cavalcante e Alto Paraíso, maio de 2011.

SILVA, Liduina Rocha Calasans; SANTOS, Mary Nadja Lima. *(Eco)turismo: confusões semânticas e conceituais de uma segmentação*. Sergipe: Cefet-SE, s/data.

SIRICO, Hugo Leonardo Albernaz. *Análise do turismo e seus impactos socioculturais na comunidade Kalunga (GO)*. Monografia: Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado a título de avaliação parcial para obtenção do título de Bacharel em Turismo à banca examinadora do curso de Turismo da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Campus Experimental de Rosana-SP, 2008. Disponível em:

<<http://biblioteca.rosana.unesp.br/upload/HugoSirico.pdf>>. Acesso em: 07/2011.

SOUZA, L. H.; MOLLO, M. L. R.; SILVA, E. A. M.; BIMBATTI, D. Em busca de participação e sustentabilidade na gestão do turismo: os observatórios para o turismo sustentável de Cavalcante e Cristalina. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE TURISMO, 11, 2009, Curitiba. *Anais...* Curitiba: Obstur/UFPR: Universidade Positivo, 2009. 1 CD-ROM.

### 13.2 *Sítios na internet*

<http://www.inventario.turismo.gov.br/invtur/jsp/formularios/>, acesso em: 26/05/2011.

<http://www.goiasturismo.go.gov.br/br/component/content/article/36-cidades/72-cavalcante.html>.

### 13.3 *Legislação*

Decreto Federal de 20 de novembro de 2009. Declara de interesse social, para fins de desapropriação, os imóveis abrangidos pelo "Território Quilombola Kalunga", situado nos Municípios de Cavalcante, Teresina de Goiás e Monte Alegre de Goiás, Estado de Goiás.

## 14 Anexos

### 14.1 NOTÍCIA: Projeto Kalunga: Diagnóstico Situacional das Comunidades do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga (SHPCK)

Contrato firmado entre a Secretaria de Estado de Políticas para Mulheres e Promoção da Igualdade Racial – Goiás e a Fundação Aroeira/PUC-Goiás.

Objetivo do contrato:

- Elaborar diagnóstico situacional da comunidade Kalunga localizada no Sítio Histórico Kalunga.
- Subsidiar a tomada de decisões e estabelecer prioridades no Projeto de Desenvolvimento Sustentável Local a ser criado e implementado pelo governo estadual, por intermédio da Secretaria de Estado de Políticas para Mulheres e Promoção da Igualdade Racial, coordenadora da Agenda Social Quilombola do Governo Federal.
- Definir as diretrizes para que o Diagnóstico Situacional resulte em um documento com informações necessárias à caracterização da situação atual, identificando seus problemas e oportunidades e definindo estratégias e ações para o desenvolvimento sustentável das comunidades residentes no Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga.

Resultado do Projeto:

- O Projeto foi finalizado no primeiro semestre de 2010, quando o objeto do contrato foi reunido em dois volumes e entregue à Secretaria de Estado de Políticas para Mulheres e Promoção da Igualdade Racial (Semira).
- A publicação do livro ocorreu no segundo semestre, quando foram confeccionadas as unidades e entregues à Secretaria, conforme acordado entre as partes.
- O livro *Kalunga, histórias e adivinhações*, de Mari de Nazaré Baiocchi, foi o produto e o encerramento conclusivo de todo o processo do Diagnóstico Situacional das Comunidades do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga.

Data da publicação da notícia: 18/05/2011.

#### **Fundação Aroeira/PUC-Goiás**

Sítio: <[http://www.ucg.br/puc/fundacoes/aroeira/home/secao.asp?id\\_secao=435&id\\_unidade=1](http://www.ucg.br/puc/fundacoes/aroeira/home/secao.asp?id_secao=435&id_unidade=1)>

Acesso em: 28/06/2011.

[aroeira@aroeira.org.br](mailto:aroeira@aroeira.org.br)

Contatos: Mari Baiocchi (Coord.) 3214-1343/8121-7777

## Levantamento bibliográfico

<<http://pergamum.pucgoias.edu.br/pergamum/biblioteca/cesta.php>>. Acesso em: 28/06/2011.

A CACHOEIRA do Poço Encantado: empreendimento familiar e presença Kalunga na cadeia do ecoturismo em Teresina de Goiás. *Revista de Economia e Sociologia Rural* (Sober). Rio de Janeiro.

A EDUCAÇÃO para quilombolas: experiências de São Miguel dos Pretos em Restinga Seca (RS) e da comunidade Kalunga. *Cadernos Cedes*. Campinas.

COMUNIDADES rurais negras e educação no projeto Uma História do Povo Kalunga. *Ruris. Revista do Centro de Estudos Rurais*. Campinas: Unicamp.

GOMES, Horieste. *Revisitando um quilombo brasileiro*. Goiânia: Instituto do Trópico Subúmido, s/data, 46 p.

JESUS, Elivanete Alves de. *A comunidade Kalunga do Riachão: um olhar etnomatemático*. Goiânia: Ed. da UCG, 2007. 196 p. (Coleção Goiânia em prosa e verso).

KALUNGA: a sagrada terra. *Revista da Faculdade de Direito da UFG*, Goiânia.

NEVES, Maria Vilma Mendes. *Festa do Vão do Moleque: religiosidade e identidade étnico cultural*. Goiânia, 2007. 143 p.

SOARES, Aldo Asevedo. *Direito agrário e cidadania: questões antropológicas e jurídicas no campo e cidadania Kalunga*. Goiânia, 1993. 247 p.

.O POVO Kalunga: patrimônio imaterial. 2008.

O QUILOMBO Kalunga. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)*. Brasília.

SILVA, Ana Van Meegen. *Kalunga*. Goiânia: Ed. da UCG, 2007. 115 p.

SILVA, Martiniano José da. Origens e significados do vocábulo "Kalunga". *Revista da Academia Goiana de Letras (AGL)*. Goiânia.

SOARES, Aldo Asevedo. *Kalunga: o direito de existir (questões antropológicas e jurídicas sobre remanescentes de quilombo)*. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 1995. 251 p.

SOUZA, Leila Santana Nascimento. *Jovens Kalunga de Tinguizal: escola, cultura e condição juvenil*. Goiânia, 2008. 135 p.

## 14.2 Agetur apresenta Cavalcante

<<http://www.goiasturismo.go.gov.br/br/component/content/article/36-cidades/72-cavalcante.html>>. Acesso em: 14/07/2011.

Cavalcante é um dos maiores municípios do Estado de Goiás, seu território é vasto, mas a cidade é interiorana. Os visitantes podem encontrar tranquilidade e, em virtude da qualidade ambiental, segurança e harmonia, por isso é muito procurada por turistas.

O Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros faz parte deste território, que também abriga outras importantes unidades de conservação natural, como a Área de Proteção Ambiental do Pouso Alto e mais de sete Reservas Particulares do Patrimônio Natural. Constitui a maior parte do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, onde se encontram povoados remanescentes mais numerosos de quilombos do Brasil, aproximadamente 250 mil, com cerca de 3.600 pessoas.

Nesses quilombolas e nas comunidades tradicionais anualmente se realizam romarias a diversos santos: Nossa Senhora D' Abadia, São Gonçalo, Nossa Senhora do Livramento, Santo Antônio, Nossa Senhora Sant' Ana, entre outros, e isso atrai muitos visitantes, que prestigiam as romarias e as festas do Império, Caçada da Rainha e Folias.

O cerrado em Cavalcante é quase intocado, é conservado em meio a centenas de nascentes de água cristalina que abastecem importantes bacias hidrográficas. Flora e fauna podem ser observadas enquanto os turistas passeiam por trilhas ecológicas ou caminhos entrecortados por serras e vales.

Sua origem remonta a 1736, quando o garimpeiro Julião Cavalcante e seus companheiros chegaram à região em busca de novas minas de ouro. A notícia da descoberta de imensa mina de ouro de grande profundidade à margem do córrego Lava Pés, na serra da Cavalhada, atraiu numerosos aventureiros dos mais distantes rincões, iniciando-se o povoado com o nome de Cavalcante, em homenagem ao fundador e colonizador.

### **Reserva da biosfera**

Em uma viagem única e inesquecível, o visitante tem a oportunidade de vivenciar a natureza exuberante e o maior complexo arqueológico do Brasil: do ponto mais alto do planalto central às profundezas da terra. Situada a 230 km ao norte de Brasília e a 430 km de Goiânia, a Chapada dos Veadeiros abrange os municípios goianos de Alto Paraíso, Cavalcante e Colinas do Sul, sendo constituída por áreas planas, serras, montanhas, morros e vales. É um enorme platô com 4.492 km quadrados de área e altitude média de 1.200 m. Na altura do Paralelo 14, a 1.676 metros, está o Pico do Pouso Alto, o ponto de maior altitude do planalto central do Brasil.

Do chão brotam cristais. Do céu, as estrelas parecem maiores e mais brilhantes. E o pôr-do-sol é uma experiência única e indescritível. Toda essa região fica sobre uma imensa praça de cristal de quartzo, o mais antigo patrimônio geológico do continente, formado a 1 bilhão e 800 milhões de anos. Aqui, entre cânions rochosos, trilhas, cachoeiras e poços de

água cristalina você vai sentir toda a força e a energia do cerrado. Escolha o caminho a seguir e prepare-se, sua caminhada vai levar você a lugares surpreendentes, como ao Salto de Itiquira, em Formosa, e ao Parque Estadual de Terra Ronca, em São Domingos.

É nessa região que você vai encontrar os melhores locais para praticar rapel, *trekking*, voo livre, canoagem, parapente, balonismo, exploração de cavernas, escaladas, *rafting*, *cross country* e outros, além de um mergulho na história do povo Kalunga, a maior e mais importante comunidade remanescente de quilombos do Brasil.

Uma dica importante para quem visita a Chapada é não se esquecer de contratar um guia para conhecer a região.



En Goiás Turismo, compite acciones orientadas al fortalecimiento y crecimiento del turismo en el Estado de Goiás, tratando de intensificar su contribución a la generación de ingresos, la expansión del mercado de trabajo y valoración del patrimonio cultural, natural y científico-técnico. La Agencia Estatal de Turismo (Goiás Turismo) es una institución municipal creado por la Ley 13.550 de 11 de noviembre de 1999.

Copyright © 2011 Goiás Turismo. Todos los derechos reservados.

### *14.3 Notícia sobre o Projeto de Fomento ao Turismo nos Parques Nacionais e Entorno*

10/05/2011 – 07h32

#### **Áreas preservadas aumentam competitividade**

Chapada dos Veadeiros é o primeiro destino a receber o seminário de lançamento do Projeto de Fomento do Turismo em Parques Nacionais.

Brasília, DF – Os técnicos do Projeto de Fomento ao Turismo nos Parques Nacionais e Entorno realizaram, nos dias 2 e 3 de maio, em Cavalcante e Alto Paraíso, em Goiás, o seminário de lançamento do projeto. Na ocasião, foram apresentados a pesquisa da cadeia produtiva do turismo e o diagnóstico da oferta de produtos, serviços e equipamentos turísticos do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros.

O seminário teve como objetivo apresentar os estudos realizados, validá-los com os representantes do destino e iniciar as ações de integração entre empresários, gestores, guias, condutores locais e a equipe de gestão do parque. Os participantes propuseram ações de aprimoramento de produtos, qualificação e cooperativismo para superar os desafios identificados. Fizeram também o planejamento para as próximas etapas do projeto.

O evento foi organizado pelo Sebrae, em parceria com o Ministério do Turismo (MTur), Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), Associação Brasileira de Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura (Abeta), Goiás Turismo e as prefeituras municipais de Alto Paraíso e de Cavalcante.

Seminários semelhantes ocorrerão também nos demais parques nacionais contemplados pelo projeto: Serra dos Órgãos (RJ), Aparados da Serra (RS/SC), Anavilhanas (AM) e Parque Nacional Marinho de Fernando de Noronha (PE).

Turismo nos parques – O projeto de fomento tem por objetivo aproveitar o potencial dos parques para aumentar a competitividade dos destinos turísticos por meio de ações de valorização, qualificação e integração entre gestores públicos e representantes da cadeia produtiva do turismo. | [www.twitter.com/MTurismo](http://www.twitter.com/MTurismo)

Sítio na internet: <[www.twitter.com/MTurismo](http://www.twitter.com/MTurismo)>. Acesso em: 04/06/2011.

#### 14.4 Relatório de visita ao Vão de Alma

Data: 29/04/2011

Equipe:

- Edilberto (coordenador)
- Alex (antropólogo)
- Cristina (fotógrafa)
- Artidor/Cristiano “Gaúcho” (motorista)
- Calisto (guia Kalunga) (62) 9639-2372
- Zezinho (guia Kalunga) (62) 9905-9981/9951-9295

#### **Primeira reunião**

Local: Mercado do Birão, Fazenda Teixeira

1. No primeiro ponto de parada, adentrando o Vão de Alma, na palhoça-boteco “Mercado do Birão” aconteceu o encontro com o sr. Jadson Coutinho, economista consultor/instrutor do Sebrae, que estava realizando um levantamento de dados e informações sobre o agroextrativismo nas comunidades Kalungas. Contatos: [jadsonhc@terra.com.br](mailto:jadsonhc@terra.com.br) (62) 8155-0373.
2. Reunião com um grupo de homens e meninos Kalungas, que relataram a pouquíssima presença de turista no Vão de Alma, dando a entender que isso acontece sem resultados econômicos para as comunidades, pois eles transitam nos seus veículos e não compram nada no local.
3. O Mercado do Birão é, na verdade, um quiosque de taipa e adobe coberto com palha, onde está à venda a pinga Arraiana (aguardente de cana fabricada na Fazenda Parida, no Estado do Tocantins), artesanal pura e curtida com raízes e cascas de árvores (pacari, bodinho, quebra-pedra), à venda em garrafa e em doses para consumo no local, ou seja, um “bar Kalunga”.
4. Nesse grupo de homens Kalungas estavam presentes vários membros do time de futebol Raça Kalunga, que necessita de apoio para continuar e fortalecer sua participação no Torneio Cavalcantão, no qual tem uma participação destacada, apesar das grandes dificuldades em treinos e transportes. Os apoios recebidos são principalmente para uniforme. Necessitam de campo de treino, chuteiras, bolas e instrutores. Atualmente, o treinador do time é o Kalunga Valdemar (61) 9604-3741,

que sugeriu a criação de um torneio de futebol Kalunga, inspirando a equipe da pesquisa a pensar num evento de maior amplitude, algo como “Jogos Kalunga”, que podem acontecer como atividade socioeconômica sustentável nas comunidades.

5. Ao final desta reunião, num momento de descontração, os Kalunga presentes contaram alguns *causos* e piadas pitorescas sobre encontros fortuitos com onças, a engenhosidade dos antepassados para fugir dos cativeiros com “aviões” feitos com buriti. Nesta oportunidade, foi reforçada, ainda mais, a necessidade de um amplo e profundo trabalho de pesquisa de memória e história oral em todas as comunidades Kalunga.
6. Ao mesmo tempo em que acontecia essa reunião, o antropólogo realizou suas observações e interações com membros da comunidade local, enquanto a fotógrafa registrava imagens de pessoas e do ambiente.

### **Segunda reunião**

Local: barra (foz) do rio das Almas (rio Branco) no rio Paranã, residência do Kalunga José Moreira dos Santos (Zezinho) (62) 9905-9981 / 9951-9295; esposa: Quintina Fernando de Castro (funcionária da escola próxima à sua casa).

1. A escola próxima à casa de Zezinho é uma construção muito rudimentar e precária, feita de adobe e coberta de palha, não oferecendo condições adequadas para o trabalho pedagógico. Segundo relato de dona Quintina, responsável pela limpeza da escola, a Prefeitura de Cavalcante não está enviando o sabão e o desinfetante para seu trabalho. Contudo, relatou que a merenda escolar está sendo entregue e que esta se constitui de ingredientes industrializados, não há o aproveitamento de produtos da agricultura familiar Kalunga nem do extrativismo na região. Quando da passagem por esta escola, a equipe de pesquisa a encontrou fechada na ida e na volta, sem ter a oportunidade de conhecê-la internamente.
2. Na residência de Zezinho, a reunião contou com a presença dos seguintes Kalunga agentes comunitários de saúde:
  - a) Anísio Pereira Dias, que atua na região há 15 anos: (62) 9993-1754/(62) 9614-8565 (residência à noite)/(61) 9605-6196.
  - b) Zilmar dos Santos Rosa: (62) 9612-7615.

3. Três assuntos foram predominantes nas conversas que transcorreram antes, durante e após o almoço servido por dona Quintina:
  - a) Saúde: as ações preventivas que há alguns anos estão reduzindo de modo significativo a incidência de enfermidades nas comunidades do Vão de Alma. Contudo, a precariedade do atendimento aos Kalunga aproxima-se do nível de calamidade pública, pois não há recursos nem para primeiros socorros, quanto mais para casos mais graves.
  - b) Turismo: investimentos para atração e permanência de visitantes na barra do rio das Almas, que o sr. Zezinho está realizando no seu terreno, afastado da sua residência, para poder servir-lhes também as refeições diárias.
  - c) Mineração ilegal: mais de dez balsas estão realizando o garimpo de ouro com uso de mercúrio no leito do rio Paranã há três anos, ocupando cerca de oitenta pessoas, ameaçando de violência os Kalunga, que manifestam seu descontentamento, e sem a vigilância dos órgãos de fiscalização ambiental.
4. No retorno para Cavalcante, foram observados focos de queimadas ao longo da estrada, o que se agrava durante todo o período de estiagem.
5. Na subida da serra do Pouso do Padre, o guia Calisto comentou sobre a existência de jazida de urânio no território Kalunga, além de jazidas de outros minerais preciosos; e que no local estão desenvolvendo a apicultura e a piscicultura.
6. Ao longo do caminho, é possível notar que a região é propícia também para a criação de ovinos.
7. Ao sair do Vão de Alma, a equipe parou na residência da sra. Ester Kalunga (Esterina) para entrevistá-la sobre o Projeto de Memorial Kalunga, dentre outros assuntos pertinentes ao turismo, mas ela não se encontrava, segundo relato de sua filha Louriene. Telefone para contato: (61) 9656-4669.
8. Merece destaque o relato sobre as condições da estrada que dá acesso ao Vão de Alma, que foi aberta recentemente pela Prefeitura de Cavalcante (dois anos) mas já se apresenta bastante precária, com muitas pedras e buracos em todo o trajeto, atravessando muitos cursos d'água e ravinas profundas, com poucas e perigosas pontes, ladeada em alguns trechos por enormes voçorocas que podem engolir um caminhão inteiro. Essa estrada é interessante para veículo *off road*, porém essa limitação dificulta muito o acesso de visitantes ao Vão de Almas e a dos Kalunga a Cavalcante e outras localidades.

9. Solicitação de oportunidade de participação na pesquisa:

a) Divani Francisco da Conceição: (62) 9805-4653. Fazenda Corgo Fundo.

#### *14.5 Relatório da visita ao Vão do Moleque*

Data: 01/05/2011

Equipe:

- Edilberto (coordenador)
- Alex (antropólogo)
- Cristina (fotógrafa)
- Artidor/Cristiano “Gaúcho” (motorista)
- Amiran (guia Kalunga )
- Reinaldo dos Anjos Sousa, professor municipal que atua nas escolas do Vão do Moleque, estudante da UnB (guia Kalunga) (62) 9992-6624, [reiledoc@gmail.com](mailto:reiledoc@gmail.com).

Na primeira visita aos territórios Kalunga, no início de março de 2011, antes da partida para o Vão do Moleque, por várias vezes tentou-se articular reuniões com as lideranças locais, que aconteceriam na Fazenda Malhadinha, articulada pelo sr. Isamel, seu irmão Alaildes dos Santos Rosa (62) 9905-7648 e pelo sr. Florentino, mas diversos fatores impediram que isso acontecesse: a grande dimensão do território, a distância; a precariedade da estrada; o excesso de chuva; a cheia dos rios; a dispersão dos moradores; a falta de recursos para comunicação; o tempo previsto para o trabalho de campo.

Na segunda visita aos territórios Kalunga, na véspera da viagem ao Vão do Moleque, que aconteceu no dia 1º de maio de 2011, um novo fator condicionante foi evidenciado: as disputas políticas internas entre os moradores, que se alinham com a comunidade do Engenho II e aqueles que se alinham com a Prefeitura de Cavalcante. Inicialmente, foram tentadas as reuniões com os alinhados do Engenho II, o sr. Ismael e o prof. Reinaldo, mas, de modo positivo para o trabalho planejado, acabou acontecendo a viagem com a participação de representantes dos dois grupos: a guia representante do grupo alinhado com a Prefeitura de Cavalcante, a sra. Amiran, e o do grupo pró-Engenho II, o prof. Reinaldo.

Inicialmente, pretendia-se chegar até a Fazenda Malhadinha, mas novamente o tempo previsto para o trabalho não foi suficiente devido à grande extensão do território e às péssimas condições da estrada. Recomenda-se para um próximo trabalho de campo em território Kalunga planejamento e mobilização de recursos para a permanência nos locais por vários dias, com infraestrutura de acampamento e transporte exclusivo para deslocamento entre as várias comunidades e residências dispersas pelos vales, ao longo dos rios e nas encostas dos morros. Nessa oportunidade, foi alcançada a comunidade do rio Prata.

A caminho do Vão do Moleque, foram registradas as seguintes informações e observações:

1. Aconteceu uma reunião geral e fechada de representantes das comunidades Kalunga, no dia anterior, na Casa Kalunga de Cavalcante, na qual foi decidido que Sionílio (Si, genro do Jovino) permanece como presidente interino da AKC até a próxima eleição, que deve acontecer em breve. Duas chapas começaram a ser formadas: a de Florentino, representando a posição atual, que tem base política na comunidade do Engenho II e nas vilas Kalunga de Cavalcante; e a oposição, que está sendo articulada por Vanda e Vilmar da Prata (professor contratado pela Prefeitura de Cavalcante. <[vilmarquiak@yahoo.com.br](mailto:vilmarquiak@yahoo.com.br)>), que articula apoios nos Vãos de Alma e do Moleque e tem boas relações com a Prefeitura de Cavalcante.
2. Procurar saber sobre as atividades e a regularidade da Fazenda Piqui, onde está acontecendo a mineração de manganês, que faz uso intensivo da estrada Kalunga do Vão do Moleque, com caminhões de grande porte e tonelagem, causando grande desgaste a essa via, que é precária e não tem manutenção.
3. Conferir a informação sobre qual é a proporção de Kalunga na população urbana e rural de Cavalcante, consultando o censo de 2010 do IBGE.
4. As chuvas aprofundaram os leitos de córregos e riachos e abriram grandes voçorocas na beira da estrada, que ameaçam destruí-la em vários pontos.
5. No ponto de parada para descanso de passageiros em trânsito na estrada do Vão do Moleque, foi observado muito lixo, o que evidencia a necessidade de educação ambiental.
6. A Secretaria Municipal da Igualdade Racial está organizando o Encontro da Cultura Negra de Cavalcante. É importante falar com Lucilene, a ex-secretária,

sobre a programação, que inclui: bolero do Vão do Moleque, Império do Vão de Almas, Folia da Comunidade do Prata.

7. Maravilha da natureza: a vista panorâmica do Vão do Moleque, a partir da Serra do Paiol, é linda, fantástica, extasiante!
8. Comunidades do Vão do Moleque: Malhadinha (Maiadinha), Salina, Capela, Taboca, Congonha, Prata, Correntes. As três últimas têm seus nomes associados aos rios. De modo geral, cada uma tem sua cultura e identidade Kalunga, que deve ser considerada de modo diferenciado na elaboração de planos para o desenvolvimento sustentável do turismo histórico-ecológico. Foi interessante registrar que os Kalungas entrevistados afirmam que as comunidades do Prata e Congonha não fazem parte do Vão do Moleque e do mesmo modo afirmam que a comunidade do Engenho II não é Kalunga.

### **Primeira reunião**

Local: Fazenda Morro, no Vão do Morro (posse)

1. **Proprietários:** Jedson Cardoso da Conceição e sua esposa Odalice Carvalho de Sousa.
2. **Produção orgânica:** hortifrutigranjeiros, gado, cultivo de cana-de-açúcar.
3. **Comercializa:** açúcar, rapadura, pinga.
4. **Pretende:** servir refeições e lanches aos turistas; está preparando uma sala para receber os turistas adequadamente.
5. **Pedido:** assistência técnica para o cultivo, a produção e a comercialização no local e escoamento direto para nichos de mercado com preço justo.
6. **Energia:** tem um gerador a óleo diesel.
7. **Relata:** que o movimento turístico ainda não começou; observaram pouco movimento de veículos, que passam sem parar.

### **Segunda reunião**

Local: na comunidade do Prata, na casa de dona Santina, a matriarca que costura vestimentas para festas, fabrica sabão artesanal com frutas do cerrado, com gordura animal e óleo vegetal, produz alimentos em conserva, doces e fornece refeições para visitantes e Kalunga em trânsito na estrada do Vão do Moleque. Sua casa é denominada, carinhosamente, de o “Descanso dos Bêbados”.

1. Antes de chegar à casa de d. Santina, a equipe passou pela casa do prof. Reinaldo, que se integrou à comitiva para orientar e participar das entrevistas ao longo da estrada do Vão do Moleque.
2. Na casa de dona Santina, encontravam-se várias pessoas da comunidade, além dos seus familiares, os quais se dispuseram a participar da reflexão conjunta sobre a realidade Kalunga no Vão do Moleque e as perspectivas do turismo no local, relatando terem notado o início de movimento de veículos rumo à barra do rio Curriola, perto da Malhadinha, onde começou a se acumular o lixo deixado pelos turistas, que fazem uso do local sem deixar benefícios para a comunidade. Foi notado também fluxo de visitantes em alguns rios e cachoeiras, com movimentos de carros, bicicletas e motocicletas, que invadem o mato abrindo trilhas de qualquer modo.
3. D. Santina relatou com muita ênfase e sabedoria que sabe fazer a paçoca de baru, o sabão de tingui (timbó) e de pequi com cinzas da mamoinha queimada. Também faz óleo do coco da painha, massa da polpa do fruto do buriti, da cagaita, da mangaba. E sabe fazer, dentre outras várias coisas, a farinha do jatobá e da mandioca. Além disso, planta, colhe e faz usos diversos do arroz, do feijão, do milho e da mandioca.
4. Para contatar dona Santina, telefonar para seu filho Domingos Pereira dos Santos (62) 9655-0950.
5. As conversas reforçaram ainda mais a necessidade do registro da memória oral, da pesquisa de história oral e suscitaram a possibilidade de oferecer EAD para Kalungas.
6. A reflexão sobre o fluxo de visitantes (turistas) no Vão do Moleque evidenciou ainda mais a preocupação com os riscos de choque cultural, de degradação ambiental, de acumulação de lixo, de violência, de crimes, pois a comunidade é muito simples, frágil e despreparada para os costumeiros impactos das atividades turísticas.
7. A fim de enfrentar e reduzir ao máximo os riscos, foram sugeridas as seguintes medidas: criar duas portarias para controle de acesso ao Vão do Moleque; cobrança da taxa de ingresso; obrigatoriedade do acesso acompanhado de um guia Kalunga para um grupo limitado de visitantes,

mediante o pagamento da diária estabelecida pela comunidade; realizar estudos específicos em cada comunidade para diagnosticar suas potencialidades turísticas, pois são culturas e atrativos diferenciados; limitar a oferta de atrativos e épocas adequados para o acesso de visitantes, pois o território é muito grande e não tem como controlar todo ele ao mesmo tempo; considerar a experiência da comunidade do Engenho II, cuja ocupação e desenvolvimento estão sendo estimulados pelo turismo.

8. O prof. Reinaldo apresentou as seguintes sugestões: priorizar a instalação de água encanada nas residências, esgotamento sanitário, energia elétrica (já existe uma rede de 30 km de postes e fiação instalada sem ligação com o fornecimento de energia no Vão do Moleque). Ressaltou ainda preocupação com os mais de setenta banheiros construídos pela Fubra sem instalação de água para seu funcionamento e também com a grilagem de terra que está acontecendo no Vão do Moleque. Ele recomenda a realização do planejamento participativo para o desenvolvimento do turismo nas comunidades e pede socorro para o fortalecimento das escolas, para que a educação seja uma medida preventiva contra o envolvimento dos jovens com drogas e prostituição.
9. Na reunião realizada na casa de dona Santana, chegou-se à conclusão de que a comunidade deve ser mobilizada para pensar no desenvolvimento das atividades turísticas, pois cada uma tem demandas específicas e diferentes atrativos, como cachoeiras, poços, lagoas, festas, canoagem, trilhas a pé, de bicicleta, de motocicleta e animais de montaria, escalada e rapel em morros, paredões, etc. Devem ser consideradas as necessidades específicas para o turismo, por exemplo, a sinalização, a informação, a preparação dos guias e da comunidade, observando, ao mesmo tempo, as necessidades gerais da comunidade (sendo algumas para atendimento a curto prazo), tais como melhoria da infraestrutura de comunicação telefônica; instalação de caixas d'água nos locais de festa das comunidades, onde se aglomeram centenas de pessoas em determinadas épocas; aquisição de máquina de descascar arroz que atenda à comunidade sem exploração dos agricultores.
10. Tendo em vista a diversidade de opiniões, sugestões e necessidades, nasceu a ideia da criação do Conselho Kalunga de Turismo Sustentável, de um

Movimento de Educadores Kalungas (Reinaldo), um Programa para o Fortalecimento da Leitura, Criação de Pontos de Acesso à Internet (*lan house*), orientação da comunidade para cuidados com uso da televisão, retomada do Programa de Fortalecimento da Agricultura Familiar e do Extrativismo, com apoios para o escoamento, o processamento e a comercialização.

11. Após essa reunião, a equipe decidiu retornar a Cavalcante, pois a extensão do Vão do Moleque, a quantidade de comunidades e suas diferentes realidades e as dificuldades de acesso exigem o planejamento adequado para a realização do diagnóstico do potencial turístico, com recursos e tempo condizentes com a envergadura da empreitada.
12. Ficou combinada a realização de uma reunião com líderes e representantes de várias comunidades do Vão do Moleque para o dia seguinte (02/05/2011), na casa da Amiran, em Cavalcante, com a presença do sr. Joaquim Moreira Santos (Muchila), morador da comunidade da Maiadinha (62) 9987-0983.

#### 14.6 Reunião em Cavalcante com representantes das comunidades do Vão do Moleque

Dia: 02/05/2011

Hora: 10h30

Local: casa da Amiran, em Cavalcante

#### Presentes:

Nome	Comunidade	Telefone
1. Joaquim Moreira Santos (Muchila)	Maiadinha	(62) 9987-0983
2. Gilmar dos Santos Rosa	Correntão	(62) 9802-8514
3. José Sousa Ribeiro	Fazenda Redenção	(61) 9936-3390
4. Abel Maia dos Santos	Fazenda Maiadinha	(62) 9912-6317
5. Francisco Pereira Soares	Fazenda Maiadinha	(62) 9663-4208
6. Amiran Manoel dos Santos Borges	Fazenda Capela	(61) 9909-2169
7. Danilo Antônio Ferreira	Fazenda Capela	(62) 9613-7904
8. Edilberto Campos	Ibesp – FBB	(62) 9267-0083

#### Observações:

1. O sr. Joaquim (Muchila) relatou a presença de visitantes (turistas) na barra do Curriola, tecendo as seguintes ponderações:
  - a) abandonam lixo no local;
  - b) o pagamento do pedágio ocorre no Engenho II, apesar da visita acontecer no Vão do Moleque;
  - c) as comunidades do Vão do Moleque necessitam de água, esgoto, energia elétrica;
  - d) estão conscientes da necessidade de ter uma portaria na entrada do Prata;
  - e) no Vão do Moleque habitam 474 famílias;
  - f) no colégio estudam mais de duzentos alunos, mas no local não há fornecimento de água e energia elétrica;
  - g) na Maiadinha (Malhadinha) existem mais sessenta casas e um colégio do governo federal;
  - h) todas as comunidades do Vão do Moleque necessitam de projetos que fortaleçam a agricultura familiar e o extrativismo, facilitando o escoamento da produção;
  - i) na Fazenda Redenção é necessária uma rede de captação e distribuição de água, especialmente no período da estiagem;
  - j) cada comunidade do Vão do Moleque tem atrativos e necessidades de recursos específicos para a melhoria das condições de vida dos moradores e para o negócio do turismo. Por isso, o recomendável é a elaboração de estudos e projetos adequados a cada uma delas.

*14.7 Reuniões no Engenho II para levantar sugestões para o desenvolvimento do turismo sustentável.*

**Primeira reunião na comunidade do Engenho II**

Entidades presentes:

- Associação Quilombo Kalunga.
- Associação Kalunga Comunidade do Engenho II.
- Associação Kalunga de Cavalcante.
- Associação de Guias do Quilombo Kalunga.

**Data:** 11/10/2011. **Hora:** 19h às 21h. **Local:** Engenho II. Escola Municipal Joselina Francisco Maia.

**Objetivo:** registrar as sugestões da comunidade para o desenvolvimento turístico local.

**Participantes:**

Nome	Telefone	E-mail
1. Ana Paula dos Santos Moreira		
2. Dominga Natália M. dos Santos Rosa		<a href="mailto:nataliakalunga@gmail.com">nataliakalunga@gmail.com</a>
3. Dorotéia dos Santos Rosa		
4. Doroteu dos Santos Rosa		
5. Edivan dos Santos Moreira		<a href="mailto:edikalunga@gmail.com">edikalunga@gmail.com</a>
6. Eriene dos Santos Rosa	(62) 9656-5887	<a href="mailto:eriane.kalunga@gmail.com">eriane.kalunga@gmail.com</a>
7. Florêncio dos Santos Rosa		
8. Jeová dos Santos Moreira		
9. João Francisco Maia		<a href="mailto:jkalunga@gmail.com">jkalunga@gmail.com</a>
10. Joelice Francisco Maia		<a href="mailto:joyce.maia@yahoo.com.br">joyce.maia@yahoo.com.br</a>
11. Jorge M. de Oliveira		

12. Rahiane dos Santos Maia		
13. Sirilo dos Santos Rosa		

**Atividades realizadas:**

1. Introdução:

- a) apresentação da FBB e do Ibesp;
- b) apresentação do Projeto;
- c) apresentação do consultor;
- d) registro dos participantes.

2. Levantamento de sugestões:

- a) formação de dois grupos de participantes;
- b) distribuição de uma cópia do Relatório Final do Projeto para cada grupo;
- c) descrição da estrutura de conteúdos do Relatório;
- d) leitura coletiva, correção e complementação dos dados constantes dos quadros comparativos sobre a estrutura de negócios e entretenimentos no Vão do Moleque, no Vão de Alma e no Engenho II;
- e) reflexão coletiva sobre o quadro geral evidenciado por esse levantamento;
- f) elaboração de uma lista de sugestões para a criação das condições estruturais necessárias para o desenvolvimento turístico;
- g) distribuição de tarefas para a elaboração de um painel com visualização móvel;
- h) encerramento com nova reunião agendada para o dia seguinte, no mesmo local, às 16h. Objetivo: construção do painel de sugestões para o desenvolvimento turístico.

Sugestões levantadas:

Engenho II. Grupo A – Sugestões para o desenvolvimento turístico local	
11/10/11	
1.	Capacitação (curso) para guias, organizadores, restaurantes
2.	Construção de dormitórios

3.	Segurança para o turismo na comunidade (posto policial)
4.	Curso de coleta seletiva e reciclagem
5.	Cursos técnicos de capacitação para alunos do ensino médio
6.	Rádio comunitária
7.	Equipamentos de comunicação de longo alcance (radioamadores)
8.	Torre de celular e televisão
9.	Curso profissionalizante para condutores que trabalham em <i>bikes</i> e a cavalo
10.	Capacitação de condutores em serviços de busca e salvamento (plantonistas)
11.	Curso de línguas estrangeiras
12.	Posto de saúde com atendimento permanente
13.	Centro cultural
14.	Posto de polícia ambiental
15.	Curso de conscientização ambiental
16.	Coleta de lixo (conseguir lixeiras)
17.	Melhorias nas instalações de água da comunidade
18.	Curso de incentivo à construção de pousadas ecológicas
19.	Sorveteria e casa de suco (frutas nativas do cerrado)
20.	<i>Site</i> de venda de pacotes publicado em nome da Associação de Guias do Quilombo Kalunga (AGQK)
21.	Construção de quadras e ginásio
22.	Transporte fluvial nos rios Paranã e Almas
23.	Praça, jardim
24.	Casa de dança cultural

Engenho II. Grupo B – Sugestões para o desenvolvimento turístico local

11/10/11

- |     |   |
|-----|---|
| 1.  | Pousada comunitária                                     |
| 2.  | Abrir estradas (com pontes e bueiros)                   |
| 3.  | Melhorar os restaurantes                                |
| 4.  | Melhorar (construir) ponto de recepcionar os visitantes |
| 5.  | Torre para celular                                      |
| 6.  | Emissora de rádio                                       |
| 7.  | Posto de polícia rodoviária                             |
| 8.  | Posto de corpo de bombeiro                              |
| 9.  | Serviço de polícia                                      |
| 10. | Posto de vigilância                                     |
| 11. | Carro de patrulhamento                                  |
| 12. | Pronto-socorro (serviços médicos permanentes)           |
| 13. | Escola agrícola   |
| 14. | Ensino superior   |
| 15. | Clínicas odontológicas                                  |
| 16. | Locadora de imóveis                                     |
| 17. | Locadora de automóveis                                  |
| 18. | Lojas de artesanato                                     |
| 19. | Agência bancária  |
| 20. | Serviços mecânicos                                      |
| 21. | Posto de abastecimento                                  |
| 22. | Descarte de lixo  |

23.	Embaixada quilombola
24.	Facilidade de alcançar e receber recursos nacionais e internacionais
25.	Destinação de resíduos sólidos, redução do lixo, reciclagem
26.	Construir <i>camping</i> em várias comunidades
27.	Casa de suco
28.	Sorveteria
29.	Quiosques
30.	Agência de viagens
31.	Transportadora turística
32.	Charrete, animais
33.	Cavalos
34.	Bicicletas
35.	Auditório
36.	Treinar pessoas para organizar eventos
37.	Parque/jardim/prça
38.	Canoa motorizada
39.	Caiaque (utilizar no rio Paranã)
40.	Estádios/ginásios/quadras
41.	Parques agropecuários/de vaquejada
42.	Casa de dança
43.	Centro de Atendimento aos Turistas
44.	Lojas para os turistas
45.	Cinemas

## Segunda reunião realizada na comunidade do Engenho II

**Data:** 12/10/2011. **Hora:** 16h às 19h. **Local:** Escola Municipal Joselina Francisco Maia

**Objetivo:** registrar as sugestões da comunidade para o desenvolvimento turístico local (cont.)

### Presentes:

	Nome	Telefone	E-mail
1.	Carlos dos Santos Rosa		
2.	Dominga Natália M. dos Santos Rosa		
3.	Érico dos Santos Rosa	(62) 9802-7354	
4.	Iolanda Paulino dos Santos		<a href="mailto:iolandaquilombola@gmail.com">iolandaquilombola@gmail.com</a>
5.	Jorge M. de Oliveira	(62) 9695-6160	
6.	Maria Aparecida Paulino dos Santos	(61) 9675-9526	
7.	Selço Paulino dos Santos	(62) 9944-5620	
8.	Sirilo dos Santos Rosa		

### Atividades programadas para continuar o levantamento de sugestões:

1. Registro dos participantes.
2. Distribuição de uma cópia do Relatório Final do Projeto para cada grupo.
3. Conduzir, para salas de aula separadas, os grupos de trabalho formados na primeira reunião para que cada um elabore seu painel, com visualização móvel, relacionando as sugestões para o desenvolvimento do turismo sustentável nas comunidades Kalunga.
4. Com os novos participantes, formar um terceiro grupo, noutra sala, a fim de prepará-los para integração ao trabalho em curso do seguinte modo:
  - a) descrição da estrutura de conteúdos do Relatório;

- b) leitura coletiva, correção e complementação dos dados constantes dos quadros comparativos sobre a estrutura de negócios e entretenimento no Vão do Moleque, no Vão de Alma e no Engenho II;
- c) reflexão coletiva sobre o quadro geral evidenciado por esse levantamento;
- d) elaboração de painel sobre os desafios e as ações para os empreendimentos comunitários no mercado do turismo rural, cultural e ecológico no Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga.

Engenho II. Grupo C – Sugestões para o desenvolvimento turístico local 12/10/11	
1.	<b>Categoria</b> – Meios de acesso ao território Kalunga:
	a) terrestre: terminar as estradas que ligam Engenho II a Vão do Moleque e Vão de Alma.
2.	<b>Categoria</b> – Sistema de comunicação no território Kalunga:
	a) radioamadores: principalmente para os guias;
	b) emissoras de rádio: para comunicação principalmente para o quilombo todo.
3.	<b>Categoria</b> – Sistema de segurança:
	a) delegacia e posto de polícia: para ter mais segurança;
	b) corpo de bombeiros: para os serviços voltados principalmente para a segurança dos visitantes.
4.	<b>Categoria</b> – Sistema médico-hospitalar:
	a) hospitais: atendimento geral; maternidade; farmácia; odontológico, etc.
5.	<b>Categoria</b> – Sistema educacional:
	a) cursos técnicos para alunos e professores. Exemplo: laboratórios, física, química e biologia;
	b) cursos de línguas estrangeiras.
6.	<b>Categoria:</b> – Outros serviços e equipamentos:
	a) comércio: lojas de artesanato; galerias de arte; agências bancárias; serviços mecânicos; posto de abastecimento (combustível); gestão do lixo e coleta seletiva.

- 5. Dinâmica de compartilhamento: todos os participantes numa única sala para cada grupo apresentar os painéis e aprovação das sugestões e propostas para a o

desenvolvimento do turismo sustentável, inclusivo, participativo de base comunitária no Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga.

6. Ao final dos trabalhos, os presentes aprovaram a proposta de realização de uma reunião na Casa Kalunga de Cavalcante a fim de ampliar esse levantamento de sugestões com a participação de mais pessoas da comunidade e da área de turismo local.

### Sugestões para o desenvolvimento turístico local

- Associação Quilombo Kalunga.
- Associação Kalunga Comunidade do Engenho II.
- Associação Kalunga de Cavalcante.
- Associação de Guias do Quilombo Kalunga.

**Data:** 12/10/2011. **Hora:** 16h às 19h. **Local:** Engenho II. Escola Municipal Joselina Francisco Maia

<b>Primeiro painel – Sugestões para a infraestrutura turística</b>		
Pronto-socorro Serviços médicos permanentes	Descarte de lixo	Agência bancária
Serviço de polícia	Posto de abastecimento	Serviços mecânicos
Posto do corpo de bombeiros	Destinação de resíduos sólidos, redução do lixo (reciclagem)	Ensino superior

Locadora de imóveis	Torre para celular	Emissora de rádio
Clínicas odontológicas	Abrir estradas com pontes e bueiros	Recebimento via cartão de crédito e de débito
Posto de polícia rodoviária	Sistema de água potável em várias comunidades	
Locadora de automóveis		
Aproveitar quedas d'água naturais para produzir energia elétrica sem impacto negativo		

### Sugestões para o desenvolvimento turístico local

- Associação Quilombo Kalunga.
- Associação Kalunga de Cavalcante.
- Associação Kalunga Comunidade do Engenho II.
- Associação de Guias do Quilombo Kalunga.

**Data:** 12/10/2011. **Hora:** 16h às 19h. **Local:** Engenho II. Escola Municipal Joselina Francisco Maia

Segundo painel – Sugestões para serviços e equipamentos		
Melhorar os restaurantes	Capacitação de guias, organizadores da portaria e restaurante	Posto de vigilância
Sorveteria	Facilidade de alcançar e receber recursos nacionais e internacionais	Carro de patrulhamento
Agência de viagem	Pousada comunitária	Escritório da Fundação Palmares
Operadora de viagem	Transportadora turística	Casas de suco
Lojas para turistas	Centro de atendimento ao turista	Canoa motorizada

Curso de incentivo e capacitação de construção de pousadas ecológicas	Curso de conscientização ambiental	Capacitação de condutores em serviços de busca e salvamento (plantonista)
Curso de línguas estrangeiras (inglês, espanhol, etc.)	<i>Site</i> publicado de venda de pacote em nome da AGQK.	Aperfeiçoamento de guias permanentes
Engarrafamento de água para gerar renda	Criar e fortalecer as escolas Kalunga com projeto educacional próprio	

### Sugestões para o desenvolvimento turístico local

- Associação Quilombo Kalunga.
- Associação Kalunga de Cavalcante.
- Associação Kalunga Comunidade do Engenho II.
- Associação de Guias do Quilombo Kalunga.

**Data:** 12/10/2011. **Hora:** 16h às 19h. **Local:** Engenho II. Escola Municipal Joselina Francisco Maia

Terceiro painel – Sugestões para o turismo cultural Kalunga		
Casa de dança	Casa de dança cultural	Estádios, quadras e ginásios
Centro cultural	Feira Kalunga	Roteiro histórico e cultural Kalunga
Memorial Kalunga	Transporte fluvial nos rios Alma e Paranã	Fortalecer o grupo de teatro Kalunga
Cinema	Auditório	Fortalecimento do grupo de sussa e folia mirim
Treinar pessoas para organizar eventos	Lojas de artesanato	Futebol Kalunga: fortalecer e apoiar

Embaixada quilombola	Centro de pesquisa cultural e ambiental	Fortalecimento do grupo de costureiras
Tecelagem artesanal		Festas tradicionais

### Sugestões para o desenvolvimento turístico local

- Associação Quilombo Kalunga.
- Associação Kalunga Comunidade do Engenho II.
- Associação Kalunga de Cavalcante.
- Associação de Guias do Quilombo Kalunga.

**Data:** 12/10/2011. **Hora:** 16h às 19h. **Local:** Engenho II. Escola Municipal Joselina Francisco Maia

Quarto painel – Sugestões para o turismo rural Kalunga		
Prática orgânica agrícola e pecuária Kalunga	Parques agropecuários de vaquejada	
Escola agrícola orgânica	Trator agrícola	
Agroindústria		

### Sugestões para o desenvolvimento turístico local

- Associação Quilombo Kalunga.
- Associação Kalunga de Cavalcante.
- Associação Kalunga Comunidade do Engenho II.
- Associação de Guias do Quilombo Kalunga.

**Data:** 12/10/2011. **Hora:** 16h às 19h. **Local:** Engenho II. Escola Municipal Joselina Francisco Maia

Quinto painel – Sugestões para o ecoturismo Kalunga		
Bicicletas	Charretes, mulas e cavalos	Cursos profissionalizantes para condutores que trabalham em <i>bikes</i> e cavalos
Caiaque Utilizar no rio Paranã	Aperfeiçoamento das trilhas	Parque, praças e jardins
Construir <i>camping</i> em várias comunidades		

## 2) Reunião na Casa Kalunga de Cavalcante

**Data:** 15/10/2011. **Hora:** 17h às 19h.

**Objetivo:** registrar as sugestões da comunidade para o desenvolvimento turístico local, contribuindo com a pesquisa realizada para a Fundação Banco do Brasil: Diagnóstico do Potencial Turístico Eco-histórico Sustentável do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga no Vão de Alma, Vão do Moleque e Engenho II.

### Atividades:

1. Introdução:
  - a) apresentação da FBB e do Ibesp; apresentação do Projeto; apresentação do consultor;
  - b) apresentação e registro dos participantes.
2. Levantamento de sugestões:
  - a) formação de grupos de participantes;
  - b) distribuição de uma cópia do Relatório Final do Projeto para cada grupo;
  - c) descrição da estrutura de conteúdos do Relatório;
  - d) leitura coletiva, correção e complementação dos dados constantes dos quadros comparativos sobre a estrutura de negócios e entretenimento no Vão do Moleque, no Vão de Alma e no Engenho II;
  - e) reflexão coletiva sobre o quadro geral evidenciado por esse levantamento;
  - f) elaboração de uma lista de sugestões para a criação das condições estruturais necessárias para o desenvolvimento turístico;
  - g) apresentação das sugestões elaboradas no Engenho II.

### Presentes:

	Nome	Telefone	E-mail
1.	Elmar Aguiar	(62) 9615-1184	Presidente da Associação Kalunga da Comunidade do Engenho II (AKCE)
2.	Leonor dos Santos Rosa (Nonô)	(62) 9625-5318	nonokalunga@hotmail.com
3.	Sirilo dos Santos Rosa	(62) 3459-0014	Presidente da Associação Quilombo Kalunga, “Associação Mãe”, por ser a primeira e a mais abrangente
4.	Florentino	9634-1752	Presidente da Associação Kalunga de Cavalcante
5.	Dorotéia dos Santos Rosa	9634-6581	
6.	Joelice Francisco Maia	(61) 9636-2484	<a href="mailto:joyce.maia@yahoo.com.br">joyce.maia@yahoo.com.br</a>

7.	Rosenilde dos S. Rodrigues		
8.	João Francisco Maia	(62) 9633-7416	<a href="mailto:jkalunga@gmail.com">jkalunga@gmail.com</a>
9.	Elizete Moreira dos S. Rosa	(62) 9620-3353	
10.	Dominga Natália M. S. Rosa	(62) 9944-5626	<a href="mailto:nataliakalunga@gmail.com">nataliakalunga@gmail.com</a>
11.	Maria Aparecida P. dos Santos	(62) 9675-9526	
12.	Iolanda Paulino		<a href="mailto:iolandaquilombola@gmail.com">iolandaquilombola@gmail.com</a>
13.	Evânia M. dos Santos	(62) 9959-5525	<a href="mailto:Evania4825@hotmail.com">Evania4825@hotmail.com</a>
14.	Rahiane dos Santos Maia	(62) 9976-3701	
15.	Eva Lúcia F. Maia		
16.	Geovan dos Santos Moreira		
17.	Sandra Maia dos Santos		
18.	Ana Cristina dos Santos Fernandes		
19.	Jéssica dos Santos Fernandes		
20.	Cleberon Santos Paulino		
21.	Bernadino		
22.	Maria Aparecida Rodrigues Marques		
23.	Leutéria Santos Rosa		
24.	Uélio dos Santos Rosa		
25.	Marli dos Santos Rosa		
26.	Ana Maria Paulino dos Santos		
27.	Evani Paulino dos Santos		
28.	Izabel Maia		Presidente da Associação Guias do Quilombo Kalunga
29.	André Azevedo Praude		Praude Turismo ( <a href="mailto:praude@ig.com.br">praude@ig.com.br</a> ) [não é Kalunga
30.	Getúlia M. da Silva		
31.	Jorge M. de Oliveira		
32.	Yone dos Santos Rosa		

14.8 Esquema para orientar o Relatório do Diagnóstico

